

REVISTA
DO
Instituto Historico e Geographico
DO
RIO GRANDE DO NORTE

FUNDADO EM 29 DE MARÇO DE 1902

Volume VI Numero 1

JANEIRO-1908

*Procura...
resuscitar tambem
as memorias da patria
da indigna obscurida-
de em que jaziam
até agora.*

Alexandre de Gusmão.



NATAL
Typographia d' A CAPITAL
1910



A IMPRENSA PERIODICA

NO

RIO GRANDE DO NORTE

DE

1832---1908

Dados historicos e bibliographicos

PELO

DR. LUIZ M. FERNANDES SOBRINHO

socio effectivo do

Instituto H. e Geographico

DO

RIO GRANDE DO NORTE



2ª EDIÇÃO



A EMPRESA PERIODICA

RIO GRANDE DO NORTE

1832-1908

Publicação mensal e semestral

DR. LUIZ M. FERREIRA SOBRINHO

Administrador

Instituto H. de Geographia

RIO GRANDE DO NORTE



1908



Porque esta edição

Em fins de 1907 recebi do 1.º secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro a seguinte carta:

“Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1907.

Exmo. Sr. Dr. Luiz Fernandes:

Respeitosas saudações.

Tendo o Instituto Historico resolvido commemorar por meio de uma exposição jornalística nacional, que se inaugurará a 15 de Junho vindouro, o 1.º centenario da Imprensa no Brazil, venho, em nome da Comissão Executiva, solicitar de V. Ex. a fineza de remetter jornaes que ahi se publicam, ou tenham-se publicado, afim de figurarem na mesma exposição.

Além disso, pede a Comissão—e confia na benevolencia de V. Exa.—o relevantissimo favor de V. Exa. se encarregar da con-



fecção do catalogo de todos os jornaes ali apparecidos desde 1808, enviando-o, com urgencia, á Commissão.

Aguardando ancioso a resposta de V. Exa., antecipo sinceros agradecimentos e subscrevo-me

Admd.^{or} m^{to} att.

Max Fleiuzz".

Em seis mezes—tempo maximo de que podia dispor—ser-me-ia absolutamente impossivel confeccionar esse catalogo, a não ser que se tratasse de uma simples resenha de jornaes, incompleta e destituída de qualquer interesse.

Em todo caso, para corresponder a tamanha gentileza e não consentir que o Rio Grande do Norte deixasse de figurar na Exposição, pensando somente no cumprimento de um dever, esqueci minha incompetencia, e a 23 de Dezembro respondi a attenciosa missiva do secretario do Instituto dizendo-lhe que accitava a honrosa incumbencia.

Como suppunha, tive de enfrentar difficuldades de toda ordem; mas fiz o que pude e em 26 de Maio deste anno remettia á Commissão Executiva não só exemplares de alguns jornaes, como "A Imprensa Periodica no Rio Grande do Norte," trabalho que dividi em duas partes: *Noticia Historica* e *Catalogo* dos jornaes publicados no



Estado desde 1832—epocha do apparecimento da imprensa entre nós—até 1908, acompanhando-o dos informes que me foi possível obter.

Ora, em tão curto espaço de tempo, já não tinha de luctar somente contra a falta quasi absoluta de certas informações e outras difficuldades desta ordem; era-me também materialmente impossível imprimir trabalho longo.

Nestas condições, fui forçado a deixar á margem muitos dados interessantes e limitar-me ao estritamente indispensavel a que não ficasse o catalogo uma lista insipida de jornaes; afagando, entretanto, desde logo, a idéa de aproveitar mais tarde esses detalhes em nova edição deste trabalho, a que daria então maior desenvolvimento.

Mas esses dados, agora á mão, e muitas outras informações que conservava de memoria poderiam desaparecer com o tempo, perdendo eu assim tão valioso subsidio.

Para evital-o, resolvi pôr logo em pratica o que tinha reservado para depois, e ahi teem os leitores, mais cêdo do que deviam esperar, a 2.^a edição d'“A Imprensa Periodica no Rio Grande do Norte”, accrescida dos jornaes publicados até o fim do anno.

Na confecção deste modesto trabalho não tive absolutamente a preocupação de fazer estylo: simples catalogo dos jornaes publicados no Estado, apenas acompanhado de dados historicos e bibliographicos—



eis o que se váe ler nas seguintes paginas.

De alguns desses jornaes—aquelles cujos primeiros numeros pude obter—, além de outras informações, transcrevo sempre os artigos programmas, que melhor os definem; de outros registro os informes ministrados pelos numeros que tive em mãos; outros, finalmente, de que me não foi possível obter um só numero, apenas os catalogo, ou dou delles ligeiras notas colhidas aliunde.

E', pois, um livro pesado, monotono, sem feição litteraria e impossivel de ser lido seguidamente, como um romance; sua leitura não deleita, enfada, aborrece.

Entretanto, si alguém quizer saber a epocha em que foi publicado certo jornal do Estado, ou Provincia, quaes os seus redactores, feição material e idéas, é bem provavel que ahi encontre informação que o satisfaça; e uma affirmacão posso fazer-lhe em consciencia: Em todo este trabalho o meu maior empenho foi dizer a verdade.

Natal, 31—12—1908.

LUIZ FERNANDES.





A IMPRENSA PERIODICA

NO

Rio Grande do Norte

PARTE I

NOTIGIA HISTORICA

Até fins do primeiro quartel do seculo XIX era a imprensa inteiramente desconhecida no Rio Grande do Norte. A vida intellectual da capitania estagnava-se sob a acção administrativa de governadores ineptos e interesseiros e só na imprensa d'outras capitancias podia o raro espirito que se destacava da massa inerte dos indifferentes aventurar uma idéa ou externar uma queixa.

Raiou, porém, o sol da independencia e



com elle novo descortino nos horisontes da patria de Miguelinho, cujo martyrio glorioso, em 1817, havia-se constituido para a nova geração como que a muralha de luz que a separava da noite escura do passado.

Convertida a capitania em provincia, nomeado seu primeiro presidente (1) e por fim installada sua primeira assembléa provincial, a imprensa impunha-se como um meio prompto, sinão de diffundir a luz e trocar idéas, certo, de registrar os actos emanados do poder publico e defendel-os contra os ataques de adversarios politicos.

E' assim que em 1832, por iniciativa do padre Francisco de Britto Guerra, depois senador do Imperio e um dos filhos da provincia que mais serviços prestaram-lhe na primeira phase de sua organização politica, surge o *Natalense*, que, impresso embora fóra da provincia—ora no Maranhão, ora em Pernambuco e ora no Ceará—apparecia como o arauto da imprensa no Rio Grande do Norte.

Mas dest'arte era elle tardiamente distribuido na provincia, de modo que os as-

(1) Capitão Thomaz de Araujo Pereira, que administrou a provincia de 5 de Maio de 1823 a 8 de Setembro de 1824.

sumptos de que se occupava já não tinham o valor da oportunidade quando lidos.

Appareceu então um grupo de esforçados amigos da terra potyguar que, tendo á sua frente Bazilio Quaresma Torreão (2), José Fernandes Carrilho e Urbano Egide da Silva Costa, fundou uma sociedade anonyma—com o capital de 2:000\$000, dividido em 40 acções de 50\$000—a qual mandou vir um prélo, do Recife, e um compositor, do Rio de Janeiro, e a 2 de Setembro desse mesmo anno montou nesta capital a *Typographia Natalense*, onde passou a ser impresso, com o mesmo nome, aquelle filho errante do jornalismo indigena.

Montada a typographia pelo allemão Carlos Eduardo Muller, um anno depois regressava para o Rio o compositor, deixando pessoal habilitado para substituil-o.

O *Natalense* viveu ainda cinco annos, mas teve de ceder á brutal imposição de um presidente que receiava a analyse de seus actos (3) e interrompeu sua publicação até

(2) Depois presidente da provincia—31 de Julho de 1833 a 1 de Maio de 1836.

(3) Dr. Manuel Ribeiro da Silva Lisboa, cognominado *Parado*, que, assumindo o governo da provincia a 26 de Agosto



1840, quando reapareceu com o nome de *Publicador Natalense*.

No entanto, em 1842 havia desaparecido a *Typographia Natalense* e nenhuma outra existia ainda no Rio Grande do Norte, como se evidencia do seguinte trecho de uma correspondência, que li, escripta daqui para o Ceará nesse anno, impressa no *Pedro II* de 21 de Janeiro de 1843 e publicada no n. 19 d' *O Nortista*:

“Não sei como se ignorem estas cousas, e v. de algumas terá já noticias, *apezar da falta de prélo na provincia.*”

Em 1847 tentou-se fundar uma imprensa official. A lei n. 169 de 2 de Novembro desse anno auctorizou o presidente da provincia(4) “a despende a quantia necessaria para a compra e o estabelecimento nesta capital, como proprio provincial, de uma typographia, na qual deveriam ser impressos e publicados em uma folha official os actos

de 1837, por seus repetidos actos de prepotencia e libidinagem, foi assassinado no dia 11 de Abril de 1838, na propria choupana de suas entrevistadas amorosas, no sitio *Passagem*, suburbio desta cidade.

(4) Estava então no governo o vice-presidente João Carlos Wanderley.



da Presidencia, da Assembléa, Thesouraria e mais repartições publicas provinciaes."

A execução dessa lei, porém, foi suspensa por uma disposição da lei orçamentaria que tinha de vigorar no anno de 1849 (5), a qual mandava ao mesmo tempo pôr em bôa guarda na Thesouraria Provincial todos e quaesquer objectos que se tivessem comprado para a typographia; mallogrando-se assim, tambem, a tentativa para a fundação de uma imprensa official e continuando as leis provinciaes a ser impressas, como o haviam sido até então, na cidade do Recife, a principio na typographia de Santos & Companhia, depois na de M. F. de Faria.

Estava a esse tempo no poder o partido do sul ou *luzia*, que amparava a candidatura do dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento, ex-presidente da provincia (6), á cadeira de seu representante na camara dos deputados geraes e, porque, combatendo essa candidatura, apparecesse o *Nortista*, orgam do partido adverso, surgiu tambem o *Sulista* para defendel-a. Mas um é outro eram im-

(5) Art. 12 da lei n. 193 de 16 de Novembro de 1848.

(6) Governou a provincia de 28 de Abril de 1845 a 9 de Outubro de 1847.



pressos fóra da provincia, aquelle na capital do Ceará, este na do Maranhão, onde exercia o candidato os cargos de director do Lyceu e inspector da Thesouraria de Fazenda e fundára o jornal, ao que se dizia, para defender sua propria candidatura.

O que é certo é que, feita a eleição e reconhecido o Sarmento deputado, desappareceu o *Sulista* do Maranhão e tambem outro que ao mesmo tempo apparecera em Pernambuco fazendo com elle côro na defeza da mesma causa.

Quanto ao *Nortista*, publicado o seu primeiro numero a 11 de Junho de 1849, pouco tempo sobrevivera aos dous *Sulistas* e, si fóra impresso na cidade da Fortaleza, como o fóra *O Brado Natalense*, seu contemporaneo, é porque ainda não existia imprensa na provincia, como affirma um poeta do tempo nas seguintes sextilhas de uma carta em versos publicada no n. 7 desse jornal e escripta a 23 de Julho daquelle anno, com a simples assignatura de F., que então mal encobria o nome do padre Florencio Gomes de Oliveira (7):

(7) Vigario do Apody e, em seu tempo, bom poeta e um dos politicos mais em evidencia.



«Faltando o clarim d'imprensa
No Rio Grande do Norte,
Poucos sabem q' o Nortista
He partido grande e forte,
Que o sulista no governo
Lhe move guerra de morte.

Mas c'mo os prelos Cearenses,
Por amor d'humanidade,
Já hoje por nós combatem
(Contra a sulista vontade)
Havemos provar ao mundo
Nossa superioridade»

* * *

Mas, afinal, quando restabeleceu-se e definitivamente fundou-se a imprensa no Rio Grande do Norte?

Referindo-se á lei que sancionára em 1847, assim se exprime o primeiro vice-presidente da provincia João Carlos Wanderley no relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial em 3 de Maio de 1850 :

«A necessidade de uma typographia na Provincia, necessidade que de todos é reconhecida, foi por vós



egualmente sancionada na sessão de 1847, promulgando a lei n. 169 de 2 de Novembro d'aquelle anno, que auctorizou a Presidencia a estabelecer-a na Capital. Alguns passos se deram para isto, e se acham já comprados os typos, papel, tinta, etc; mas não foi ainda possível montal-a devidamente, pela falta de prelo e de mais alguns objectos que são indispensaveis para levar o estabelecimento ao seu verdadeiro pé e poder prestar os serviços que d'elle se devem esperar.

Apezar de me achar ha pouco tempo na administração da Provincia e de haver dirigido a minha attenção para muitos outros objectos, contudo não hei transcurado este, e já para Pernambuco solicitei a compra de um prelo e o engajamento de um compositor, que queira vir prestar-se a este trabalho na Provincia.

Para este fim pretendo servir-me da auctorização concedida no Capitulo 10, § 30, da lei do orça-



mento provincial em vigor (8) ; mas a quantia ali votada me parece ainda insufficiente para satisfazer todas as despesas que têm de occorrer necessariamente. Assim, pois, não duvido pedir-vos que eleveis aquella consignação a 2:000\$000 rs., que não será por certo demasiada, principalmente tendo de ser publicada uma gazeta official».

Bem ao contrario do libidinoso *Par-rudo*, queria o intelligente e esforçado vice-presidente dar a seus actos toda a publicidade, e é com a mais louvavel superioridade de espirito que assim termina a parte de seu relatorio referente ao assumpto :

«Ninguem desconhece a necessidade de serem publicados os actos da Presidencia e de todas as outras repartições publicas, tan-

(8) Lei n. 209 de 3 de Julho de 1849, que no § cit. auctoriza va o presidente a despender a quantia de 1:200\$000 com o estabelecimento da typographia provincial e publicação de uma gazeta official.



to geraes, como provinciaes, sendo, como é, esta uma das condições do systema constitucional representativo e o mais poderoso correctivo dos abusos dos governantes: só temem a publicidade aquelles que se não animam a expor ás vistas do publico o seu comportamento na direcção dos negocios em que o mesmo publico tem o maior e mais particular interesse.

Não obstante não termos ainda montada a Typographia Provincial, nem poderem consequentemente ser aqui publicados alguns actos de minha administração, eu os tenho, comtudo, mandado publicar fóra da Provincia, para que não fiquem em silencio: a franqueza, a boa fé de minha conducta administrativa habilita-me para sujeitar, sem receio algum, á decisão da oppinião publica todos os meus actos, todo o meu procedimento».



Deixando, porém, o governo tres dias depois, João Carlos não poudé tornar efectiva a compra do prelo que encomendára para Pernambuco, e o art. 6.º da lei n. 249 de 26 de Janeiro de 1852—orçamento desse anno—auctorizava o presidente da provincia (9) a mandar arrematar os objectos comprados para a typographia, no caso de se não poder montar o estabelecimento.

Mas ha razões para crer-se que a typographia provincial não se montou. O capitão Eneas Leocracio de Moura Soares, inspector aposentado do Thesouro do Estado, informa-me que em 1853, quando teve sua primeira nomeação para a antiga Thesouraria de Fazenda, ali encontrára um prelo estragado e typos pertencentes á provincia, objectos que foram depois comprados pelo dr. J-ronymo Cabral Raposo da Camara.

Entretanto, as leis provinciaes de 1851 e 1852 já foram impressas na provincia, por Joaquim Mariano Gomes de Amorim,

(9) Já então o dr. José Joaquim da Cunha, que, substituindo a João Carlos no governo da provincia, governou-a de 6 de Maio de 1850 a 10 de Julho de 1852.



na typographia de J. M. Navarro, e desde então, publicando-se em Natal, só nesse biennio, nada menos de quinze jornaes, entre politicos, com pretensões a litterarios e simplesmente recreativos, entraram «os filhos de Gutemberg» em franca actividade e nunca mais, até hoje, a não ser uma pequena solução de continuidade nos annos de 1853 a 1855, deixou de haver no Rio Grande do Norte um ou mais campeões da imprensa.

Podemos, pois, affirmar, em conclusão, que, si a imprensa estabeleceu-se pela primeira vez no Rio Grande do Norte no dia 2 de Setembro de 1832, o seu restabelecimento e fundação definitiva datam do meiado do seculo passado, ou cerca de quarenta annos depois de seu apparecimento no Brazil.



PARTE II

CATALOGO DOS JORNAES PUBLICADOS
NO RIO GRANDE DO NORTE

(1832---1908)

O illustrado dr. Alfredo de Carvalho publicou na *Revista do Rio Grande do Norte* —n.º 9, Setembro, 1898—um catalogo dos jornaes apparecidos neste Estado de 1832 a 1898, declarando que “na *Relação dos jornaes que tem havido no Brazil desde 1808 até 1862*, inserta ás p. p. 124—132, Tomo I, Parte 2ª, da *Corographia Historica* do dr. Mello Moraes, occorrem apenas 4 periodicos do Rio Grande do Norte, e na lista de jornaes brasileiros que vem no *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, de 1881, se acham descriptos 17, pertencentes ao periodo de 1832—77».

Sobre este organizei o meu catalogo, que, accrescido de mais alguns jornaes de que pude ter noticia e dos comprehendidos no periodo decorrido de 1898 a 1908 e, quanto possivel, acompanhado de informes elucidativos, ainda assim, no limitado



espaço de tempo de que dispuz, não será um trabalho completo, terá muitas lacunas e imperfeições. (*)

(*) Sobre este modesto trabalho emittiu o mesmo dr. Alfredo de Carvalho, no *Jornal do Recife*, de 12 de Julho deste anno, o seguinte juizo, que muito agradeço:

«O opusculo do dr. Luiz Fernandes—*A Imprensa Periodica no Rio Grande do Norte—1832-1908*—(in—4°, 113 pp) é tudo o que de melhor se poderia fazer sobre o assumpto no breve prazo de poucos mezes em que foi mister elaborarlo.

O auctor confessa lisamente ter-lhe servido de guia uma lista dos jornaes do Estado, publicada, em 1898, na *Revista do Rio Grande do Norte*; mas, daquella arida resenha de titulos e de datas ao seu substancioso trabalho a distancia é enorme, pois, raramente transcreve as suas indicações sem lhes acrescentar muitos informes novos e interessantes.

O Rio Grande do Norte apresenta a curiosa anomalia de haver o jornalismo alli precedido ao estabelecimento da arte typographica.

A primeira folha local, *O Natalense*, apparecido já em 1832 por iniciativa do padre Francisco de Britto Guerra, foi de começo impresso no Maranhão, depois em Pernambuco, no Ceará e, por fim, em Natal, na typographia alli installada, em 1833, pelo allemão Carlos Eduardo Muller, que levára o respectivo material aqui do Recife.

Esta imprensa laborou, porém, somente até 1837, e desta data até 1851, quando J. M. Navarro estabeleceu uma segunda typographia em Natal, todos os jornaes que circularam no Rio Grande do Norte foram impressos em algumas das provincias vizinhas, acima citadas.

O dr. Luiz Fernandes consignou 261 publicações periodicas apparecidas em nove localidades do Estado, mas incluiu diversas em manuscrito; todas eram escriptas em portuguez.

Nesta edição apenas me referirei em notas a essas publi-



Afastando-me do modeio na distribuição das localidades, fal-a-ei seguindo a ordem chronologica do apparecimento do primeiro jornal em cada uma dellas, começando assim pela capital do Estado, áqual naturalmente cabem as honras da prioridade.

Secção I

NATAL

1.—O NATALENSE—1832-37—

Primeiro jornal publicado no Rio Grande do Norte.

Impressos os seus primeiros numeros no Maranhão e depois, successivamente, no Ceará e Pernambuco, em 2 de Setembro de 1832 passou elle a ser impresso na *Typographia Natalense*, montada nesta capital especialmente para este fim. (1)

cações manuscriptas.

Quanto ao estabelecimento da imprensa no Rio Grande do Norte, está hoje provado, por valiosissimo documento que adiante transcrevo, ter sido, não em 1833, como disse na 1ª edição, mas em 1832.

(1) No fim desta secção transcrevo em sua integra, guardando a propria orthographia e disposição material, a conta corrente demonstrativa da receita e despesa dessa typogra-

O Natalense viveu ainda cinco annos; mas, cedendo á brutal imposição de um presidente que receiava a analyse de seus actos, teve de interromper sua publicação até 1840, quando reapareceu com o nome de *Publicador Natalense*.

Dizendo-se *politico, moral, litterario e commercial*, *O Natalense* trazia por diviza, entre linhas horisontaes no rosto da 1.^a pagina as seguintes palavras de Erasmo: *Admonere volumus, non mordere; prodesse, non laedere; consulere moribus hominum, non officere*—que traduzia ao lado do seguinte modo: *Quizemos admoestar, não affligir; aproveitar, não offender; vigiar os costumes dos homens, não prejudical-os.*

Media 30 cents. de comprimento sobre 21 de largura, era impresso em 4 paginas, divididas em 2 columnas, cada uma, e custava a assignatura 6\$000 por anno, vendendo-se o numero avulso a 80 rs.

Nos alfarrabios poentos dum velho amigo pude encontrar o n.^o 44 desse jornal,

phiá no primeiro anno de sua existencia.

Chamo a attenção dos leitores para esse documento interessante, descoberto na papelada do Archivo Publico por seu operoso e paciente escripturario Manuel Bazilio de Britto Guerra.



de 15 de Março de 1833, o qual faz parte hoje da collecção de jornaes de nosso Instituto Historico, acompanhado de uma photographia de sua 1^a. pagina e chapa respectiva, tiradas, a nosso pedido, e gentilmente offerecidas ao mesmo Instituto pelo illustre engenheiro chefe da commissão de açudes e irrigação, dr. Bernardo Piquet Carneiro

A' commissão central de exposição jornalística, no Rio de Janeiro, remettemos tambem uma copia dessa photographia, a qual, fazendo parte da «Genese e Progressos da Imprensa Periodica no Brazil», do dr. Alfredo de Carvalho, foi reproduzida no tomo especial da «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro» consagrada á exposição commemorativa do primeiro centenario da imprensa periodica no Brazil, realizada este anno, entre pags. 48 e 49.

2—A TESOURA—1833—

Não me foi possivel ver um só numero desse jornal. Sei, entretanto, que, impresso na *Typ. Natalense*, era tido como organ de uma das fracções politicas de seu tempo; e o leitor, sem conhecer o seu programma, poderá, em vista do proprio nome, fazer



uma idéa muito approximada do que elle era.

3.—O PUBLICADOR NATALENSE— 1840—

Não conhecia tambem este periodico si-
nãõ de nome.

Dá-nos, porém, agora uma idéa mais exacta de seu prospecto é feição uma photographia da 1.^a pagina de seu 2.^o numero, de 21 de Março de 1840, inserta entre pags. 64 e 65 do cit. numero da «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro».

Elle dizia-se *politico, moral e noticioso*, publicava-se todos os sabbados e assignava-se a 4\$000 por anno. Era impresso na *Typ. Natalense* e tinha por diviza as seguintes palavras do § 4.^o do art. 179 da Const. Polit. do Imp. : «Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa...», o que me faz suppor ser um continuador do *Natalense*, cuja publicação fôra interrompida em 1837 de ordem do presidente *Parrudo*.

No emtanto, *O Publicador Natalense* viveu, quando muito, dous annos, porque em 1842 havia desaparecido a *Typ. Natalense* e nenhuma outra existia ainda na provin-



cia, como acima ficou dicto e demonstrado.

Abaixo daquella photographia, 'entre outros dizeres, lê-se o seguinte: Dimensões—26 X 17.

4.—O NORTISTA—1849-51—

Estando a esse tempo no poder o partido do sul ou *luzia*, que amparava a candidatura do dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento, ex-presidente da provincia, á cadeira de seu representante na camara dos deputados geraes, a 11 de Junho de 1849 appareceu *O Nortista*, como organ do partido do norte ou *saquarema*, especialmente para combater essa candidatura.

Jornal essencialmente partidario, dizia-se *gazeta politica e moral*, tinha por lemma as palavras—*Monarchia e Liberdade* e obedecia á inspiração dos Cabraes, isto é, os bachareis Jeronymo Cabral Raposo da Camara (Loló) e seus dous irmãos Octaviano Cabral Raposo da Camara e Leocadio Cabral Raposo da Camara.

Mas, «faltando o clarim da imprensa no Rio Grande do Norte», na expressão dum poeta do tempo, de novo recorreram os politicos á imprensa vizinha, mandando os *nortistas* imprimir o seu organ na *Typ.*



Cearense, sita á rua da *Boa Vista*, nº 73, da cidade da Fortaleza

Publicava-se em dias indeterminados e assignava-se a 1\$000 por serie de 16 numeros.

5.—*O BRADO NATALENSE*—1849—

Era tambem impresso na capital da provincia do Ceará, na *Typographia Americana*, sita á rua do Quartel.

Redigido, não ostensivamente, pelo c. João Valentino Dantas Pinagé, juiz de direito da comarca da Imperatriz (Martins), tinha por diviza as palavras—*Acuit ut penetret*, e seguia a mesma orientação politica d'*O Nortista*, de quem era *filho abortivo*, na expressão incorrecta e apaixonada de seus adversarios.

6.—*O SULISTA*—1849-50—

Como *O Nortista*, era *O Sulista* exclusivamente partidario, e apparecera, logo depois daquelle, não positivamente como organ do partido do sul, mas com o fim unico de defender a candidatura, que *O Nortista* combatia, do dr. Moraes Sarmento á cadeira de representante da provincia na camara dos deputados geraes.



Ao que se dizia, era seu redactor o proprio candidato, que publicava-o na capital do Maranhão—impresso na *Typ. Const.* de I. J. Ferreira, rua da Paz, nº 18—onde elle exercia os cargos de director do Liceu e inspector da Thesouraria de Fazenda.

O que é certo é que, feita a eleição e conhecido o Sarmento deputado, desapareceu de uma vez o seu jornal.

O *Sulista* tinha por diviza as palavras —*Monarchia, Constituição, Ordem e Liberdade*, sahia em dias indeterminados e vendia-se a 80 rs. o nº avulso.

7.—O *SULISTA*—1849-50—

A esse mesmo tempo apparecera em Pernambuco um outro *Sulista*, que, como o do Maranhão, defendia as candidaturas de d. Manuel de Assis Mascarenhas e dr. Moraes Sarmento á representação da provincia no senado e na camara temporaria. Mas, defendendo interesses particulares, e não a causa do partido indicado por seu nome, como aquelle, tivera vida ephemera e desaparecera com o reconhecimento dos dous candidatos.



8.—O CONSTITUCIONAL NORTISTA—
1851—

Nesse anno restabeleceu-se a imprensa no Rio Grande do Norte, devido aos esforços de J. M. Navarro, que montou nesta capital modesta typographia, na qual passaram a ser impressas as leis provinciaes e a maior parte dos pequenos periodicos que então surgiram.

Destes um dos primeiros foi *O Constitucional Nortista*, que obedecia á direcção politica dos Cabraes e substituia *O Nortista* na defeza de suas idéas.

9.—O CLARIM NATALENSE—1851—
52—

Ao lado d'*O Constitucional Nortista* foi *O Clarim Natalense* um continuador d'*O Brado* na defeza das idéas conservadoras, ostentando no alto da 1ª pagina e logo abaixo do nome a seguinte diviza: «Viva a Constituição! Viva o Imperador!»

Como *O Constitucional*, era *O Clarim* impresso na typ. de Navarro, por J. M. Gomes de Amorim, e publicava-se em dias indeterminados.

10.—O PALADINO—1851—



11—O ARGOS NATALENSE—1851—
52—

A esse mesmo tempo, por iniciativa do dr. José Moreira Brandão Castello Branco, que, formado havia pouco—1849—começava a apparecer na politica da provincia, assumindo a direcção do partido liberal ou do sul, montou-se tambem nesta capital, ao lado da typographia de Navarro, um pequeno prelo, a que se deu o nome de *Typographia Nacional*.

Ahi impresso e sob a direcção do mesmo dr., a 7 de Setembro de 1851 appareceu *O Argos Natalense* em lucta aberta contra *O Clarim*. Mas, como este, apenas viveu um anno.

12—O JAGUARARY—1852—

Jaguarary era o nome indigena de Simão Soares, o valoroso chefe potyguar que celebrou-se principalmente por um acto, que a historia registra, de sua excepcional fidelidade á cauza portugueza, ao ser invadida a capitania do Rio Grande do Norte em 1633.

Adoptando, pois, o nome desse sympathico personagem de nossa historia, *O Ja-*



guarary, que vinha substituir *O Argos Natalense* e de que era ainda principal redactor o dr. Moreira Brandão, trazia no alto da 1ª pagina a figura de robusto indio hasteando com garbo uma bandeira, na qual se lia a palavra—*Constituição*.

Tambem impresso na *Typ. Nacional*, por F. A. de Viveiros, publicava-se em dias indeterminados e, como o seu antecessor, era particularmente politico e dedicado ao partido liberal, composto dos elementos do velho partido do sul, que desaparecia.

13—*O CAMPONEZ*—1852—

14—*A CARETA*—1852—

15—*O CURUJÃO*—1852—

16—*O JACARÉ*—1852—

17—*O FAGOTE*—1852—

Era *O Fagote* impresso na *Typ. Nacional* e redigido pelo dr. Moreira Brandão, tendo por diviza: *Noli citatus esse in lingua tua et inutilis in operibus tuis*.

18—*O JURUPARY*—1852—

19—*A MATRACA*—1852—

20—*O MORCEGO*—1852—

21—*O MOSQUITO*—1852—



22—A ROSA—1852—(2)

23—A LIBERDADE—1856—57—

24—O RIO GRANDENSE DO NORTE—
1858—62—

Já a esse tempo, esquecidos os nomes de *nortista* ou *saquarema*, *sulista* ou *luzia*, e outros com que se baptisavam os grupos politicos militantes, estavam perfeitamente definidos na provincia os partidos *liberal* e *conservador*, que até o fim da monarchia dirigiram, se revesando no poder, a politica geral do paiz.

Appareceu então como orgam do parti-

(2) Como veem os leitores, o restabelecimento da imprensa no Rio Grande do Norte foi recebido com enthusiasmo pelos natalenses, que em pouco mais de um anno atiraram á luz da publicidade nada menos de 15 periodicos, entre politicos, com pretensões a litterarios, ou simplesmente recreativos.

Eram frageis borboletas da imprensa, que desapareciam apenas ensaiavam os seus primeiros voos no ceu das lettras patrias. Mas nasceram e viveram, é isto basta para encarecer nos o esforço e a boa vontade de seus redactores.

E, como si não bastassem os dous prelos existentes para dar á luz tudo o que se pensava e escrevia, surgiram periodicos manuscritos a trocar idéas com os impressos e a combater mesmo as suas opiniões.

Tenho sob as vistas *O Camalião*, um desses periodicos que appareceu no dia 10 de Março de 1852.

Dizia-se inimigo da adulação: e, de facto, na unica folha de seu 1º numero, no alto de cuja 1ª pagina lia-se em typo fingindo impresso a phrase *Non est utile direce, unde publicatur*, não occupou-se de outra cousa.



do liberal, de que parece ter sido *A Liberdade* um simples ensaio, *O Rio Grandense do Norte*, redigido, entre outros, pelos drs. Moreira Brandão, chefe do mesmo partido, Luiz Carlos Wanderley, Vicente Ignacio Pereira e Luiz Rodrigues de Albuquerque.

25—O DOUS DE DEZEMBRO—1859—62—

Um anno depois do apparecimento do organ liberal, surgiu *O Dous de Dezembro* como organ do partido conservador, sob a direcção politica do dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcante, um dos chefes de mais prestigio da provincia no regimen decahido. E assim, até 1862, foram estes os legitimos organs dos dous partidos, que tinham á sua frente os drs. Moreira Brandão, de um lado, e Amaro Bezerra, de outro.

26—O ARTILHEIRO—1860—

27—O NATALENSE—1860—

Nome egual teve, como vimos, o primeiro jornal publicado na provincia.

Este de que agora nos occupamos publicou o seu primeiro numero no dia 3 de Outubro de 1860 e, dizendo-se *periodico critico e recreativo*, tinha por lemma as palavras de Seneca: *Transiisti sine adversario*



vitam. Era impresso na *typ. d'O Dous de Dezembro*, que parece ter substituído a de Navarro, da qual não mais se falou, e sahia duas vezes por mez.

Sob a assignatura de *T. O.*, é este o seu artigo de apresentação:

«E' por sem duvida bem difficil a nossa posição; porém, convencidos de que escrevemos para um publico illustrado, que sabe perdoar as faltas do escriptor pobre de intelligencia, não hesitamos em apparecer na arena do jornalismo.

Eis, portanto, o 1º numero do *Natalense*: precisamos dizer alguma cousa a seu respeito, para que o mesmo publico conheça os nossos sentimentos e o fim para que o publicamos.

Ha um objecto santo que adoramos acima de tudo quanto é do mundo e que pode merecer-nos a dedicação dos mais puros e profundos affectos d'alma: é a nossa patria, é especialmente esta bella e poetica porção da terra aonde encetamos o curso da vida e que se chama—Rio Grande do Norte.

Que ella um dia represente tambem no meio das provincias brasileiras um papel importante, que a conceitue vantajosamente na opinião de suas irmãs mais velhas,



tornando-se dest'arte mais um pharol que aponte ao paiz na estrada do progresso os verdadeiros germens do seu futuro engrandecimento: é o voto mais ardente que elevamos a Deus nas horas em que pensamos acêrca dos futuros destinos daquella, na phrase e conceito de muitos, tão pobre, tão insignificante fracção do Brazil.

Para que vejamos realizados os nossos desejos, precisamos da necessaria illustração; e, convencidos desta verdade—que o homem sem instrucção é um ente nullo na sociedade, publicamos o presente periodico, no qual nos occuparemos somente de recreiar os nossos assignantes com alguns artigos que estejam ao alcance de nossa mesquinha intelligencia. Seremos tambem criticos, porém nunca ultrapassaremos as raias da honestidade e da moral.»

Foi Francisco Othilio Alvares da Silva um de seus collaboradores.

28—O ESTUDANTE—1860—1861—

Em Outubro de 1860 appareceu tambem este pequeno jornal de estudantes, que se apresentava em campo competindo com *O Natalense*.

Como este, dizia-se *critico e recreativo* e tinha por diviza as palavras—*Edidit quis-*



que quod potest; era impresso na typ. d'O Rio Grandense do Norte, provavelmente a mesma que se chamou *Constitucional*, e publicava-se duas vezes por mez (3).

29—O RECREIO—1861—

Orgam dos rapazes mais intelligentes do tempo e tendo como principal redactor o estudante João Manuel de Carvalho Junior, depois padre e chefe politico de grande influencia na provincia, publicou seu 1º numero em 17 de Março de 1861.

Dizia-se *critico, poetico e noticioso* e, tendo por lemma de combate as celebres palavras de Eduardo III de Inglaterra—*Honni soit qui mal y pense*, assim se exprimia em seu artigo prospecto:

«Na aridez da vida humana são as distrações e os prazeres innocentes uma neces-

(3) Em 1860 distribuia-se, em dias indeterminados, *A Lanterna*, periodico manuscripto e que, dizendo-se *critico e recreativo*, escrevia com ares de grande orgam da opinião publica em seu programma:

“Corrigir os abusos, as immoralidades, e pedir a quem for competente para punil-as pelos meios legais, censurar em termos brandos os que commetterem actos que a sociedade reprova e com paciencia chamal-os á ordem, eis nosso fim.”

Li o 2º numero deste jornalzinho, que attribua á publicação do 1º o apparecimento d'O *Espalha Brazas* e d'O *Alfan-ge*, seus contemporaneos e, como elle, tambem manuscriptos.



sidade igualmente indispensavel para o corpo e para o espirito.

O estudo das sciencias, o apêgo ao positivismo, sem os vôos da imaginação, sem o que se denomina—recreio, arrastaria o homem a um campo de ossadas, a um montão de ruínas, deixem-nos assim dizer, a um carcere de infortunios; o que tudo é a descarnada estatua da realidade: o espirito se perderia ali, dessecado e carcomido pela mão ardente e esmagadora do tempo, e o corpo não seria mais que uma massa inerte ou o frio pó do sepulcro.

E' a poesia que, como a musica e a pintura, ameniza a alma, vivifica o coração e, por assim dizer, levantando o homem nas azas da imaginação, o faz remontar-se a um mundo ideal e indefinivel, donde parecem emanar toda a doçura, todo o prazer e toda a felicidade que minguadamente cahem nas mãos da creatura.

Do mesmo modo que as plantas, que se elevam e crescem ao dardejar dos raios do sol, se refrigeram com o orvalho da noite e com a briza da manhã, é o—recreio o refrigerio da alma, com o qual muitas vezes o espirito se expande e a intelligencia brilha, enriquecida de sublimes inspirações.



Sem a philosophia, sem a sciencia, o espirito se tornaria phosphorico e infantil; sem o recreio, explorando um terreno sêcco e escabroso, o mesmo espirito, sem flores, e a vida, sem perfume, seriam um pêso, em vez de uma dadiva da omnipotencia divina.

Se dotou-nos a natureza de uma intelligencia avida, para a qual o estudo e o saber são uma necessidade, deu-nos tambem a faculdade sensitiva, que precisa, como as outras, de occupação e alimento.

Não é, pois, de extranhar que na quadra da sensibilidade, na quadra da poesia e da imaginação, a juventude rio-grandense offereça ao publico um periodico recreativo, em que aquelles que o redigem participem do bem que desejam proporcionar a seus leitores.

Um periodico instructivo fôra empreza ardua e muito além da capacidade dos redactores: dar-se-hão por felizes, se o modesto fim a que se propoem poderem conseguir.

E, como a instrucção e a bem entendida critica, em vez de antipathicas, são estreitamente unidas ao licito recreio, pode ser que, colhendo flores á custa de esforçadas lucubrações, possamos tambem fazer colheita de alguns fructos salutaes, que praza aos céos



fossem bastantes para delles participar o leitor benevolo, e principalmente as leitoras, a quem é em especial dedicado o nosso exiguo trabalho.

Errando se aprende; desculpem, pois, os doutos os nossos erros; e, se no que dissermos nenhum merecimento houver, se nada produzirmos digno de louvor, não se nos poderá negar, ao menos, o louvavel desejo de aprender.

Critico, *per accidens* instructivo e essencialmente recreativo, vae o nosso querido filho sulcar o oceano da publicidade.

Deus o ajude e o leve a bom porto.»

Como veem os leitores, é um programma que fazia honra á intelligente redacção do sympathico periodico.

E, força é confessar, pondo de parte pequenos senões, até certo ponto desculpaveis no meio e na epocha em que viveu, *O Recreio* conseguiu collocar-se em plano superior aos dos periodicos até então publicados, guardando em suas discussões uma certa compostura e editando sempre em suas columnas artigos de interesse geral, como a instrucção publica, ou sobre assumptos puramente litterarios.

De modo que ahi, por um corpo escolhi-

do de redactores e collaboradores, entre os quaes se destacavam João Manuel, Francisco Othilio, Pedro J. de Alcantara Deão, Jesuino Rodolpho do Rego Monteiro, d. Isabel Gondim e o poeta popular e bohemio Lourival Açucena, pode-se dizer, ensaiou a litteratura potyguar os seus primeiros passos.

Apresento ao leitor, como especimens dessas producções litterarias, os dous seguintes sonetos, sobre o

PRECEITO

Hei de martyr de amor morrer te amando:

SONETO

Inda cabe rigor nesse teu peito ?!
 Marilia, de affligir-me inda não canças ?!
 Cruel, não sentes, impia, não alcanças
 De tua ingratidão o triste effeito ?!

Teu duro coração já satisfeito
 Acaso não 'stará dessas provanças,
 Que me dão çaprichosas esquivanças,
 Com que pisas de amor doce preceito ?!

Entre surdos arquejos de agonia
 Vou a vida de angustias acabando,
 Qu'um teu ai, um só riso salvaria.



Mas, embora ferina vás matando,
 Meu firme coração com tyrania,
 "Hei de martyr de amor morrer te amando".

LOURIVAL.

SONETO

Embora tua fêra ingratidão,
 Alçando a negra mão d'iniquidade,
 Com todo seu furor e crueldade
 Me fira sem remorso e compaixão;
 Embora, sem ter eu dado razão,
 Já não mais acredites n'amisade
 Que com tanta firmeza e lealdade
 Te consagra meu terno coração;
 Embora, finalmente, abandonado
 De ti, cruel, por quem vivo penando
 E a quem alma e vida tenho dado;
 No retiro da dor triste chorando
 O meu impio, ferino e duro fado,
 "Hei de martyr de amor morrer te amando".

OTHILIO.

Pena que *O Recreio* tivesse tido vida tão curta.

A 22 de Dezembro de 1861, despedindo-se de seus assignantes e leitores, publicava seu ultimo numero-25-, onde se lia o seguinte:



«Com o mais profundo pezar annunciamos que este é o ultimo n.º d'*O Recreio*, que viveu com honra e morre com ella...

Tendo de seguir para a provincia de Pernambuco a continuar alli os seus estudos, interrompidos por causas justas e imperiozas, o nosso amigo e patricio João Manuel de Carvalho Junior, redactor em chefe deste periodico e especialmente encarregado de sua composição, preciso é que *O Recreio* termine a sua existencia, que data desde 17 de Março deste anno.»

O Recreio publicava-se na typographia d'*O Dous de Dezembro* e sahia uma vez por semana, custando a assignatura 2\$000 por trimestre.

30—O BEIJA-FLOR—1861—

Tendo morrido *O Estudante*, de suas cinzas nasceu *O Beija-Flor* no dia 4 de Agosto de 1861, o qual era impresso pelo typographo Joaquim Francisco de Souza Lima na mesma typographia em que aquelle se imprimia e tinha os mesmos redactores—estudantes do atheneu.

O Recreio saudou o seu apparecimento com as seguintes palavras:

«Appareceu no dia 4 do corrente mais



um campeão do jornalismo, tendo por titulo *O Beija-Flor*. Esse jornal, especialmente dedicado á litteratura, nos promete apresentar artigos historicos e artisticos, philosophicos e poeticos: louvamos inteiramente os bellos sentimentos de uma mocidade desejosa de instrucção e somos os primeiros a saudal-a pelo gigantesco passo que deu no caminho da poesia e das lettras.

.....
Saudando *O Beija-Flor* pelo pomposo programma que apresenta, desejamos que elle colha os louros que lhe estão destinados; e, esperando que não se afaste da verdade que a moral nos prescreve, o felicitamos, desejando-lhe ao mesmo tempo uma existencia prolongada, afim de podermos saborear os deliciosos fructos que elle nos offerece em seu brilhante prospecto.»

O Beija-Flor, porém, não correspondeu á gentileza desta saudação, generosa, aliás, em vista do modo grosseiro porque fôra recebido *O Recreio*, em seu apparecimento, pelos redactores d'*O Estudante*, como vê-se do nº 6 deste periodico.

De facto, dous mezes depois, em confronto estabelecido entre o procedimento d'*O Recreio* e o de seus dous antagonistas,



escrevia Francisco Othilio no nº 17 d'aquelle jornal :

«Os redactores do *Beija-Flôr*, porém, não queriam delicadezas; e, tendo somente em mira atacar os do *Recreio* e mais pessoas cuja posição não cabia em sua alçada censurar, principiaram a dar uma bem clara idéa de si.

.....
Entretanto, quando se desafiava a redacção do *Beija-Flôr* para uma discussão nobre e proveitosa, qual a analyse reciproca dos periodicos, ella, abandonando um terreno em que podia questionar com dignidade, vai chafurdar se em um lamaçal de insultos e injurias inqualificaveis»

Parece que *O Beija-Flor* sobrevivera ao seu antagonista, porque, em seu artigo de despedida, este assim se exprimia :

«Já nos parece ouvir os motejos, os ditos insulsos e pueris do *Beija-Flôr* sobre a *campanha do Recreio*; porém, que importa? A boa e a má acção está da parte de quem a obra».

31—O PROFESSOR—1861—

Para repellir as aggressões que lhe eram dirigidas pelos meninos do *O Beija-Flor*, Fran-



cisco Othilio, um dos redactores d*O Recreio*, não querendo discutir neste assumptos de certa ordem, creou *O Professor*, «cujo desideratum era analysar os escriptos d*O Beija-Flor* e castigar com bôlos os auctores dos que estivessem errados».

32—CORREIO NATALENSE—1862—68—

Era o mesmo *Dous de Dezembro*, que, continuando como orgam do partido conservador e sob a direcção do dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcante, apenas mudou de nome.

Defendeu a administração do dr. Pedro Leão Velloso, que governou a provincia de 17 de Maio de 1861 a 14 de Maio de 1863, e foi então folha official.

33—O PROGRESSISTA—1862—66—

A esse tempo uma fracção do partido conservador, sob a direcção do coronel Bonifacio Francisco Pinheiro da Camara, e outra do liberal, sob a chefia do dr. Moreira Brandão, uniram-se e, formando o chamado *partido da liga*, crearam seu orgam—*O Progressista*, isto é, o mesmo *Rio Grandense do Norte*, que, deixando este nome, adoptou aquelle, continuando a ser impresso



na mesma typographia, que passou a chamar-se—*Liberal*, ou *Progressista Rio-Grandense*, e ser distribuido duas vezes por semana.

Apenas assumiu a administração da provincia, em 30 de Julho de 1863, o dr. Olyntho José Meira, presidente progressista, passou o organ do partido a que era filiado a defender o governo e publicar os actos officiaes, até 21 de Agosto de 1866, quando cessou a administração do mesmó presidente.

Faziam parte da redacção d'*O Progressista*, que se dizia *periodico politico e noticioso*, além de outros, os drs Luiz Carlos Wanderley e Vicente Ignacio Pereira.

34—O ARREBOL—1862—

Imprimia-se na typ. *Liberal Rio Grandense*, dizia-se *crítico e recreativo* e sahia todos os domingos.

Adolpho Carlos Wanderley era seu principal redactor; mas, retirando-se para o Assú em Outubro de 1862, deixou sua redacção a cargo de Manuel T. da Fonsêca Silva, que manteve-o ainda por algum tempo com a collaboração de Lourival.

35—O BARBEIRO—1862—

Si seu nome já não fosse um program-



ma, encontral-o-ia o leitor na seguinte quadrinha, que, como norma de conducta, trazia impressa no alto de sua 1.^a pagina :

«E' a missão do *Barbeiro*

Barbear—como se diz,

E nas caras delambidas

Passar de leve o verniz.»

Periodico *politico, critico e litterario*, era impresso na typ. *Progressista Rio-Grandense*, sita á *Rua Grande*—hoje «Praça André de Albuquerque»—n.^o 1; sahia em dias indeterminados e publicou o seu 1.^o numero a 22 de Outubro de 1862, com o seguinte programma :

«Cheio de confiança no publico illustrado, limpo e asseiado apparece o *Barbeiro*.

Com a navalha afiada e a mão segura, elle ahi vai no firme proposito de fazer barbas.

E ha de fazel-as... oh! se as faz...

Tenham paciencia, meus srs., que o destino do *Barbeiro* é forte e ninguem o demove de seu proposito. *Barbeiro*...é um meio de vida licito e honesto, como qualquer outro : é visto, pois, que ninguem o pode privar de exercer o seu officio. Tem razão.

Ha de barbear, ha de barbear. Tudo ou



quasi tudo neste mndo é destino ou fatalidade.

Nascem uns com vocação irresistivel a serem perfeitissimos caloteiros, ou grandes bandalhos; outros com pendor muito pronunciado a serem ridiculamente delambidos; outros teem prodigiosamente desenvolvida a boça da falsidade, ou da perversidade; em outros mais conhece-se a fôrça immensa da adulação, da picardia, da vileza, doegoismo e da versatilidade: que muito é, pois, que o *Barbeiro* seja naturalmente dotado da mania de escanhoar a todos esses bipedes pretenciosamente racionaes?

Eis ahi, pois, a explicação de sua profissão. E ninguém se engane: os *Cambaios*, os *Tamanduás*, ou *bobos de palacio*, os *Ferreiros da maldição*, ou *rabos de ovelha*, os *Etiopes nédios*, *niveos*, os *Papa-meis* (4), tudo emfim quanto for sendeiro, ou idiota, estúpido, ou jumento, como, por exemplo, uma *Pinta-cega*, será digno da navalha do *Barbeiro*.

Barbear, contar boas anedoctas aos freguezes, empoal-os, corrigil-os, desempenal-os, aconselhal-os, moralizal-os, eis o fim

(4) Baixas alcunhas com que o terrivel escanhador mimoseava o presidente Leão Velloso e seus amigos.



do *Barbeiro*, que trabalhará na quinta-feira, sexta e sabbado, descansará ao domingo; conversará e pedirá novas á vizinha na segunda, amolará a navalha na terça e sahirá á rua na quarta.

E todos desta vez terão de graça

O Barbeiro—José Fogão Chalaça.»

E logo depois, como um grito de guerra, vê-se o seguinte

CANTO DO BARBEIRO.

Collegas, amigos, valentes freguezes,
De Marte a divisa, o emblema hasteai;
Já não somos livres, quebrai as tripeças,
A's armas, á guerra contentes marchai.

Já leis não existem! palavras mentidas
De um povo são hoje—*direito, isenção!*
Aos olhos da força nivella-se o merito,
O homem honesto a vis mandriões.

Governo tyranno! quã nescio, quã parvo
Te mostras aos olhos daquelle qu'ê rei!
Se queres ser grande, ser forte, duravel,
Escuda teus actos nas azas da lei.

Qu'importa q'o acaso t'houverse lançado
Nas vias da honra, da gloria e poder,
Se, fraco, cobarde, se, todo—perfidias,
Só ouves as pragas de um povo a gemer?

E tu bem o sabes...sosinho, esquecido,
Nem já d'um amigo t'embala a expressão!



Dos nobres ludibrio, do pobre maldicto,
Só ouves um brado, que diz—maldição !

E eu, que meu corpo, meu braço e a vida
Em prol dos meus fóros não temo perder,
Empunho a navalha, repito este brado,
Que vem do imo peito :—*ser livre ou morrer!*

Governo tyranno! quã nescio, quã parvo
Te mostras aos olhos daquelle qu' é rei !
Se queres ser grande, ser forte, duravel,
Escuda teus actos nas azas da lei.

36—O GUARDA NACIONAL—1863—

37—O ATALAIA—1864—

Periodico *politico, critico e litterario*,
distribuia-se gratuitamente em dias indeter-
minados. Era impresso na typographia *Li-
beral Rio-Grandense* e filiado ao partido
progressista.

38—O RIO-GRANDENSE—1866—69—

Cessando o motivo que determinára a
existencia da *liga* e voltando as dissidencias
ao seio dos respectivos partidos, passou *O
Progressista* a chamar-se *O Rio-Grandense*,
fazendo a redacção a seguinte declaração em
seu 1º numero, publicado a 7 de Julho de
1866: «Restituimos hoje ao nosso jornal o
titulo de *Rio-Grandense*, que já teve.»

Periodico *politico e noticioso*, sahia duas



vezes por semana e publicou por algum tempo o expediente do governo.

39—O LIBERAL DO NORTE—1868—72

Quando a 16 de Julho de 1868 subiu ao poder o ministerio conservador *Itaborahy* e veio governar a provincia, como representante desse ministerio, o dr. Manuel José Marinho da Cunha (5), o dr. Amaro Bezerra, que acabava de ser deputado, dizendo-se «encarregado pelo Centro Liberal da Côrte de promover a installação e organização do directorio do partido nesta provincia, commissão que sobre tudo prezava, não só como uma distincção pessoal, mas principalmente porque se lhe dava occasião e meios de servir mais efficazmente a idéa liberal e a causa do partido a cuja sorte o unia indissolavelmente o mais subido ponto de honra e com o qual o identificava o baptismo da adversidade commum»;—declarou-se em franca opposição ás idéas conservadoras, «protestando esforçar-se, quanto em suas forças coubesse, por corresponder á confiança daquelle partido, sem prevenções orlundas do influxo de odios, a que era felizmente supe-

(5) Assumiu a administração da provincia no dia 1º de Setembro de 1868 e deixou-a no dia 10 de Março de 1869.

rior, ou de quaesquer dissidencias passadas, que todas tinha sacrificado e esquecido diante do magno interesse, e dever supremo para o cidadão brasileiro, de defender as instituições nacionaes...»

Nestas condições, o *Correio Natalense*, de sua propriedade, passou a denominar-se —*O Liberal do Norte* e constituir-se organo do partido liberal, cujo directorio, em reunião por elle convocada e que se realizára no dia 19 de Novembro de 1868, ficou assim organizado :

Dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcante—presidente.

Dr. Hermogenes Joaquim Barbosa Tinoco— secretario.

Dr. Luiz Rodrigues de Albuquerque.

Dr. Jefferson Mirabeau de Azevedo Soares.

Dr. José Moreira B. Castello Branco.

Vice-Consul Joaquim Ignacio Pereira.

Vig^o Bartholomeu da Rocha Fagundes.

Tenente Coronel João Ignacio de Loyolla Barros.

Major Joaquim Ferreira Nobre Pelinea.

Major Francisco Bezerra Cavalcante Rocha Maracajá.

Capitão José Ignacio de Brito.



O Liberal do Norte, cujo prelo passou a denominar-se—*Typographia Independente*, montada á rua de «S. Antonio»—hoje do «Coronel Bonifacio»—, sahia uma vez por semana e era redigido pelos quatro primeiros membros do directorio. O dr. Moreira Brandão, que, não estando presente á reunião, apenas fez parte do mesmo directorio, mediante proposta de um amigo, continuou na redacção d'*O Rio Grandense*, que ainda por algum tempo contemporizou com a politica dominante, passando, porém, em principio de 1869, a fazer-lhe franca opposição.

Entre os collaboradores do orgam amarrista figuram os drs. José Maria de Albuquerque Mello, Vicente Ignacio Pereira, Manuel Januario Bezerra Montenegro e Joaquim Maria Carneiro Vilella, que, sob o titulo—*Pelos Ares*, publicava uns interessantes folhetins, avidamente lidos e muito applaudidos, nos quaes zurzia desapidadamente os seus adversarios politicos.

40—O CONSERVADOR—1869—81

Depois da *liga*, a fracção conservadora chefiada pelo coronel Bonifacio voltou a seu legitimo posto de acção e em principio de 1869 fundou *O Conservador*, que, dizendo-



se politico e noticioso, logo constituiu-se organ de seu partido e da administração da provincia.

Tendo, porém, o presidente, dr. Pedro de Barros Cavalcante de Albuquerque, que substituiu o Marinho da Cunha em 12 de Abril do mesmo anno, praticado alguns actos de hostilidade ao chefe daquella fracção e aos seus amigos, mostrando preferir a direcção politica dos Cabraes, retrahiram-se os *bonifacistas* e suspenderam a publicação de seu jornal, até o fim da administração do dicto presidente (6), quando reappareceu fazendo-lhe decidida opposição.

Ao dr. Pedro de Barros succedeu no governo da provincia o dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, que, estabelecendo uma politica de conciliação, procurou harmonizar os dous grupos do partido que se hostilizavam. Voltou então *O Conservador* á sua antiga posição de folha official, posição que occupou não só no governo do mesmo dr. Silvi-

(6) Foi esse presidente quem mudou a residência do governo do velho sobrado da rua da Conceição, hoje quasi em ruínas e inhabitavel, para o da rua do Commercio, e mandou construir nesta rua o caes «10 de Junho», mais vulgarmente conhecido pelo nome de «Pedro de Barros».

Na pequena praça contigua, lembrando esse acontecimento, ergue-se modesta pyramide de simples architectura,



no (7), como durante a administração do dr. Delfino Augusto Cavalcante de Albuquerque (8) e os ultimos dias da do dr. Hen-

em cujas faces, gravados em marmore, veem-se os seguintes dizeres—

Na face de oeste—lado do rio—:

CAES
10
DE
JUNHO

NA ADMINISTRAÇÃO
DO EXM^o SENR. DOUTOR
PEDRO DE BARROS CAVALCANTI
DE ALBUQUERQUE.

1869

P. Skinner

Na face de leste :

1597

Na face do norte :

7
18—21
9

Na face do sul :

25
15—99
12

(7) De 22 de Março de 1870 a 27 de Junho de 1871.

[8] De 17 de Agosto de 1871 a 11 de Junho de 1872.



rique Pereira de Lucena, que governou a província de 1º de Julho a 7 de Novembro de 1872.

Em fins de Dezembro desse anno novamente interrompeu *O Conservador* a sua publicação, o que deu lugar a que em 25 de Janeiro de 1873 escrevesse a proposito *O Liberal*, orgam do partido adverso :

«Este jornal não tem apparecido. Na provincia o partido do governo não tem orgam, nem o governo folha official, de modo que não se sabe sinão por alto e imperfeitamente o que se passa nas regiões governamentaes».

Mas em Outubro desse mesmo anno reapareceu o orgam conservador, e a folha opposicionista então dizia :

«Reappareceu este jornal, orgam dos nossos adversarios, que, segundo nos informam, annuncia a reconciliação e congraçamento da familia conservadora...

O Conservador continúa a ser tolha official, e talvez o congraçamento a que allude seja o de seus amigos com o presidente (9), de quem pareciam desconfiados».

(9) Dr. João Capistrano Bandeira de Mello, que administrou a provincia de 17 de Junho de 1873 a 10 de Maio de 1875.



Dos jornaes publicados até então foi *O Conservador* o que teve vida mais longa; pois, não obstante as interrupções a que nos referimos, viveu 12 annos.

Eram seus principaes redactores os drs. Francisco Gomes da Silva e Henrique Leopoldo Soares da Camara, padre João Manuel de Carvalho e major Joaquim Guilherme de Souza Caldas; publicava-se uma vez por semana e era impresso em typographia propria, sita á rua «Voluntarios da Patria».

41—O LIRIO—1870—

Pequeno jornal litterario, que appareceu em principio de 1870 e poucos mezes teve de vida. Noticiando o seu apparecimento, assim se exprime *O Liberal do Norte* de 3 de Fevereiro daquelle anno:

«E' este o titulo mimoso com que está sendo publicado nesta cidade um pequeno periodico litterario, redigido com esmero por alguns moços esperançosos, que, assim se ensaiando na imprensa, prestam um serviço importante á provincia, implantando nella o gosto da litteratura, que, no meio dos desgostos e sacrificios que trazem as luctas politicas, é como o oasis no deserto. Nós saudamos com effusão a linda flor, que



desabrocha tão viçosa e fragrante, e lhe desejamos longa existencia, sempre bafejada pelos brandos zephyros do dia».

42—A *PARASITA*—1871—

Outro pequeno jornal litterario, redigido por José Theophilo e Lourival, que publicava umas chronicas muito apreciadas.

43—O *CONSTITUCIONAL*—1872—

O dr. Jeronymo Cabral Raposo da Camara (Loló), que, embora conservador, nunca identificára-se com o coronel Bonifacio e seus amigos e espreitava ensejo de poder incluir na administração, apenas assumiu o governo da provincia, na qualidade de seu vice-presidente, em 11 de Junho de 1872, creou *O Constitucional*, que logo passou a publicar os actos officiaes.

Mas, quatro dias depois, Loló passava o governo ao vice-presidente João Gomes Freire, e *O Constitucional*, que não tinha orientação segura e que, na phrase d'*O Liberal*, «só vivia no governo e pelo governo», tanto que viu fóra das graças o grupo que representava, por ter-se pronunciado o presidente, commendador Lucena, em favor da fracção contraria e subido depois á cadeira pre-



zidencial o vice-presidente dr. Francisco Clementino de Vasconcellos Chaves, desaffectedo pessoal do chefe daquelle grupo, desapareceu completamente e com elle a influencia politica dos Cabraes.

O Constitucional era impresso em typographia propria, montada á rua do Quartel; publicava-se uma vez por semana e, assignando-se a 10\$000 por anno para a capital e 12\$000 para o interior da provincia, franqueava aos assignantes uma columna para sua defeza e publicava gratuitamente os annuncios commerciaes.

44—*O LIBERAL*—1872—83.—

Retirando-se o dr. Amaro Bezerra para Pernambuco pouco depois da ascensão do partido conservador, em principios de 1872 assumiu o dr. Móreira Brandão a chefia do partido liberal, pondo-se á frente da redacção d'*O Liberal do Norte*, que passou a chamar-se simplesmente *O Liberal*.

Este e *O Conservador* ficaram sendo, pois, os legítimos organs dos dous partidos durante mais de dez annos.

Em Abril de 1873 suspendeu *O Liberal* a sua publicação, e, reapparecendo em 18 de Julho desse anno, assim se exprimia em seu n.º 21 :



«Motivos poderosos e insuperaveis deram lugar a que suspendessemos durante o ultimo trimestre a publicação de nosso periodico, e estes motivos ainda não cessaram inteiramente; quando, porém, agitam-se no paiz questões importantissimas, que entendem com os mais charos interesses e sagrados direitos do homem, do cidadão e do estado, não podemos deixar de romper o silencio que as circumstancias nos impuzeram e de entrar francamente na lucta em que se empenha todo o partido liberal, sejam quaes forem individualmente os nossos esforços e sacrificios.»

Mas esses motivos perduravam e, após pequena interrupção—de 12 de Setembro a 17 de Outubro—foram os redactores obrigados a suspender ainda a publicação de seu periodico de fins desse mesmo anno a principios de 1875, quando, reapparecendo a 24 de Abril e dando como causa dessa longa interrupção, além de outras, a ausencia de um de seus redactores e grave enfermidade de outro, diz elle no artigo com que de novo se apresenta ao publico :

«O nosso programma, não precisamos dizel-o, é o de todo o partido liberal do imperio. Queremos, como quizemos sempre, a



realização dos principios caracteristicos do mesmo partido: a liberdade da imprensa e do ensino, a liberdade de consciencia e de culto, a liberdade da industria e do commercio, a descentralização, a independencia da magistratura, a garantia de todos os direitos, a verdade das eleições e pureza do governo representativo.

Queremos, nos termos indicados pelo centro liberal, a realidade e desenvolvimento do elemento democratico da constituição e a maior amplitude e garantias das liberdades individuaes e politicas. Queremos em geral as reformas que o progresso e as condições sociaes têm tornado necessarias e que o governo obstinadamente tem procurado adiar ou illudir.

No tocante ás magnas questões da actualidade, a da reforma eleitoral e a denominada religiosa, que exigem immediata solução a bem das instituições, da liberdade e da ordem, seguimos sobre cada uma a opinião que decorre dos principios estabelecidos no nosso programma.

Decidimo-nos, quanto á primeira, pelo regimen do suffragio directo, unico que pode libertar a nação do pesado jugo de uma odiosa tutela.



Pronunciamo-nos, quanto á segunda, pela independencia do poder espirital e do poder civil, de modo que, gyrando livremente nas orbitas de suas attribuições, sejam igualmente respeitadas as prerogativas da egreja e do estado e efficaçmente protegidos e acautelados os inalienaveis direitos da consciencia.

São estas as nossas idéas e as nossas vistas como brasileiros e como politicos : como rio-grandenses procuraremos concorrer para o engrandecimento e prosperidade de nossa provincia, promovendo, quanto em nós couber, os melhoramentos moraes e materiaes de que ella precisa.

Opposicionistas francos e decididos, ou se trate do governo geral ou provincial, não pretendemos nem acceitaremos delles favores e graças. Sem odios, mas tambem sem contemplações, faremos patentes os seus erros e desmandos: chamaremos quer um quer outro ao cumprimento de seus deveres e, defendendo sempre a causa do direito e da justiça, advogando os interesses dos fracos e opprimidos, empregaremos todos os nossos esforços para a queda da situação, que tão fatal e desastrosa tem sido para o Bra-



zill, sob qualquer ponto de vista que se considere.

Aos nossos adversarios, segundo os nossos habitos, trataremos como taes e não como inimigos, para que não nos falem com a consideração e respeito que devem uns aos outros os homens educados, nem vejamos entre nós converter-se o sacerdocio da imprensa em latego de reputações e poste de ignominia.

Neste caminho e nestes designios pedimos a Deus que nos ajude a desempenhar a nossa missão, e nos daremos por bem pagos si no fim da jornada podermos assegurar-nos de deixar a nossos filhos e vindouros a patria livre e feliz».

Em 1877 novas difficuldades vieram interromper a publicação do organ liberal, até que, subindo ao poder, em 5 de Janeiro de 1878, o partido cujas idéas defendia, reanimaram-se os seus redactores, que obedeciam agora mais directamente á inspiração politica de seu chefe primitivo, e a 6 de Abril publicaram o seu primeiro numero, de cujo artigo programma destacamos os seguintes periodos :

«Depois de uma interrupção de alguns mezes, reapparece hoje *O Liberal*, que, ten-





do feito opposição moderada e decente, mas sempre firme e decidida, ao ominoso dominio do partido conservador, coherente com seus principios e tradições, propõe-se a sustentar e defender a situação liberal, que se inaugura no paiz e promette levantal-o do abatimento e salval-o do abyssmo a que o arrastaram os erros e os desvarios de administrações corrompidas e de uma politica desastrada.

Nos dias da adversidade o partido liberal desta provincia não deixou de ter um organ na imprensa; além de outros importantes periodicos, redigidos por habéis penhas e inspirados por louvaveis sentimentos, *O Liberal* manteve-se no seu posto com firmeza e tem consciencia de haver cumprido o seu dever.

Se alguma vez, por circumstancias extraordinarias e motivos insuperaveis, foi obrigado a suspender por mezes ou por dias a sua publicação, nunca se retirou da arena, nem se absteve da lucta, por transacção ou covardia.

Assim, quando triumpham as suas idéas, quando está o seu partido no poder, terá a mesma resolução e firmeza. Não aceitará o repto dos adversarios no lodaçal



dos convícios e das recriminações pessoais, mas, no campo das idéas, no exame grave e serio dos actos da administração geral ou provincial, não voltará as costas ao que o provocar como cavalheiro.

Felizmente, a idéa liberal está legitima e dignamente representada no gabinete de 5 de Janeiro, composto de homens tão notáveis pelos seus talentos e illustração, como pela austeridade de seus costumes e pureza de suas intenções; e o delegado do governo nesta parte do imperio (10), pelo seu character distincto, pela sua intelligencia e reconhecido patriotismo, dá aos amigos a esperança de que saberá corresponder dignamente á confiança firme que nelle depositam e á opposição solida garantia de que serão por elle respeitadas os direitos de todos, sendo a lei o pharol que o ha de guiar em sua jornada, a moralidade a regra invariavel de seus actos e o bem publico o alvo de todos os seus esforços, a sua principal, sinão unica aspiração.

Na quadra difficil que atravessamos, precisa o governo do apoio de todos os brasileiros: em nossa provincia, reduzida.

(10) Dr. Elizeu de Souza Martins, que administrou a provincia de 18 de Março a 5 de Outubro de 1878.



às condições mais tristes e deploraveis, este apoio é um dever, nenhum patriota pode recusar-o, e a dedicação dos amigos não deve ter limites.

Nesta convicção, prestaremos ao governo e seu delegado toda a coadjuvação que couber em nossas forças e procuraremos concorrer com o nosso fraco contingente para que se consolide a situação e possam aquelles a quem está confiada a direcção dos negocios publicos chegar aos grandes fins que têm em mira.

E' assim que entendemos poder bem servir á patria e mostrar-nos dignos sectarios das idéas e propugnadores da causa da liberdade e do progresso, que o grande partido que representamos se propõe a sustentar e defender."

Vê-se de seus programmas que *O Liberal*, como *O Liberal do Norte*, era um jornal bem escripto e de idéas adiantadas; um e outro mediam 40 cents. de comprimento sobre 30 de largura e publicavam-se todas as semanas, a 12\$000 por anno.

45—*O BALIZA*—1873.—

Jornaleco humoristico, tinha no alto da 1ª pagina a figura symbolica de um soldado manejando uma baliza.



46—A LUZ—1873—

Jornal dedicado á causa da maçonaria; era impresso na typographia *Independente*, sob a responsabilidade de José Gomes Ferreira e com a collaboração dos mais illustres pedreiros livres da terra. Sahia uma vez por semana e distribuia-se gratuitamente, declarando em seu prospecto que não accetava artigos sobre negocios extranhos á causa da maçonaria nem admettia testa de ferro.

Apparecendo no tempo e por motivo da celebre questão religiosa, publicou seu 1º numero no dia 1º de Março de 1873, no qual assim se define:

«Um brado de justa indignação se levanta hoje em todos os angulos do imperio contra os jesuitas, que, expellidos da Europa, pretendem assentar no Brazil seus arraiaes e nelle firmar o dominio do obscurantismo e do servilismo.

A nossa diocese está infestada desses homens de pensamentos tão negros como negras são as vestes que trajão, desses mensageiros do mal, que, tendo a sua frente um bispo inexperiente e precipitado, ousaram afrontar a opinião publica, que os repeile, e atirar uma luva acintosa á maçonaria, que elles com razão reputão uma poderosa

alavanca da civilização e do progresso e por conseguinte um grande e talvez o maior obstaculo á realização de seus tenebrosos planos.

Uma luta de vida e morte se acha, pois, empenhada entre os apóstolos da verdade e essa hydra de mil cabeças, que, como em todos os tempos, procura hoje suffocar a luz da razão e matar os mais nobres impulsos do coração; porque o seu reinado é o das trevas e da subserviência.

A capital de Pernambuco foi o ponto especialmente escolhido para reducto da maldade, e o sr. d. Vital o morteiro que fulmina anathemas, interdicções, suspensões e tudo, quanto em sua vertigem lhe vem á imaginação escandecida, ou lhe suggerem seus directores, que, fazendo assentar em todos os tempos a sua dominação sobre os destroços da humanidade, quererão talvez reproduzir no Brazil o S. Bartholomeu da França.

A maçonaria de Pernambuco tomou a attitude que em taes conjuncturas lhe cumpria tomar, e o povo ergueo-se imponente como um só homem contra os desvarios do sr. bispo, e, tendo reclamado dos poderes do estado a expulsão dos jesuitas, resolutos aguarda a decisão.



Entretanto, o sr. bispo, tenaz em seus caprichos e irritado pela resistencia energica e inesperada que lhe oppoz o brioso povo do Recife, continúa em uma serie de desatinos de que não ha exemplo em nossos dias, chamando dest'arte sobre si a animadversão geral: e praza a Deus que S. Exc. não tenha bem cêdo de arrepender-se de sua obstinação!

Em face de taes acontecimentos, os maçons desta provincia não podiam deixar de tomar parte nessa crusada, que o espirito de satanaz empreende contra os amigos da humanidade.

O seu silencio poderia ser interpretado senão como acquiescencia aos actos violentos e atrabiliarios do sr. bispo, pelo menos como indifferentismo á causa da razão e da verdade.

Assim, pois, protestando por sua vez contra as iniquidades praticadas pelo sr. d. Vital e seus hypocritas conselheiros, que ousão polluir a religião do Divino Martyr, invocando-a, como que por escarneo, em auxilio de suas malversações e planos ambiciosos; resolverão publicar—*A Luz*, que será o interprete de nossos sentimentos.

Um semelhante titulo nenhuma idéa pretenciosa envolve.



O seu fim é combater a hypocrisia, a ambição, a avareza e os embustes dos jesuitas; mostrar que as doutrinas maçônicas, longe de estarem em antagonismo com as de Jesus Christo, como elles e o sr. bispo pretendem fazer acreditar, antes com ellas perfeitamente se harmonizão; e finalmente que são elles, e não os maçons, que se achão fóra da lei evangelica.

Talvez bem curta seja a sua duração; isto, porém, não deverá causar admiração. Outros têm tido egual destino. Além de que não pretendemos conserval-o senão emquanto no Brazil existir a luta entre a maçonaria e o jesuitismo.

No curto caminho que temos de percorrer só attentamos o bem da humanidade; e por isto não levaremos em conta qualquer aggressão á nossa individualidade.

E' este o nosso proposito—seremos contentes se o conseguirmos”.

Era *A Luz* um jornal bem escripto; mas curta foi, effectivamente, a sua duração: apenas viveu o tempo em que duroy a lucta entre a maçonaria e a egreja catholica brasileira.

47—ECHO MIGUELINO—1874—

Alguns jovens natalenses, tendo a sua frente Joaquim Fagundes e José Theophilo,

fundaram nesta cidade, a 17 de Novembro de 1872, uma sociedade litteraria, a que deram o nome de "Sociedade Miguelina", derivando este nome do de S. Miguel, o famoso principe da celestial milicia, a quem escolheram para seu patrono e advogado.

Quasi dous annos depois, a 11 de Julho de 1874, appareceu como orgam dessa sociedade o *Echo Miguelino*, revista de oito paginas, *litteraria, philosophica e instructiva* e da qual eram principaes redactores aquelles dous moços, legitimos representantes da intellectualidade natalense de seu tempo.

A primeira revista publicada na provincia vem a lume sob os melhores auspicios e com dous bonitos artigos de apresentação, que mostram com clareza e certa erudição os fins a que a mesma se propunha. Destaco o seguinte:

"O seculo é grande!

A humanidade caminha e a civilização desenrola panoramas cada dia mais aproveitaveis e attrahentes.

De balde ousam erguer-se rochedos a paralizar a marcha do progresso; baqueiam sempre, e a virgem candida — civilização, animando com um rir de esperança os caminheiros, fal-os passar sobre os restos—en-



voltos no pó do esquecimento—dos paradi-
ros que se oppunham outr'ora ao seu movi-
mento.

No immenso festim que as nações cele-
bram consorciadas—cada uma quer levar o
maior obolo.

A geração de hoje ri-se das infimidades
da de hontem, que pretendia formar eminen-
cias, e eleva montes tão altos que parece
tender a penetrar a siderea vastidão e des-
cortinar mysterios.

O fogo que aquece e alenta as almas não
se amortece um instante; aviva-se sempre e
as lavas ferventes se escôam multiplices.

O phantasma hediondo—ignorancia fo-
ge timido ante a deusa, que apparece em to-
da parte,—instrucção.

As nações agitam-se e um só momento
não repousam indolentes e inuteis. Traba-
lham incessantes e cada uma colhe, com a-
bundancia, o fructo desse trabalho laborio-
zo.

E o paiz dos cabralios sonhos, na phra-
ze de Narcisa Amalia, vae tambem sentar-se
nas bancadas do congresso em que tomam
logar os povos cultos, e, collocando-se perto
dos Estados Unidos, tende a attingir o pro-
gnostico de Abreu e Lima, com a fronte en-



grinaldada dos louros da victoria alcançada sobre os filhos das trevas, que fugirão espavoridos ao descortinar do sol da civilização.

As idéas se robustecem á vista dos grandiosos triumphos de todos os dias e não ha mais um só cidadão que não anhele tornar se util á sua patria, ser obreiro tambem do progresso.

Do Prata ao Amazonas repercutem brados altivos desprendidos pela civilização, percorrendo todas as esferas, repetindo-se em todos os echos.

A mocidade acorda e a velhi e, como o indio de que fala Magalhães, anima, rejuvenecendo ao sorriso da virgem—civilização.

—A mocidade natalense dormia e aferrada de tal modo que o maior estrondo não podia despertal-a; sepultada no remanso da indolencia, ninguem podia arrancal-a do lethargo, chamal-a a si; e, preza pelas algemas da ignorancia, era difficil fazel-a comprehender o verbo da liberdade.

—Mas um dia era forçoso que sahisse da lethargia para sentar-se na tenda da civilização e trabalhar, como aprendiz embora. Raiou esta aurora, almejada por uns e descrida por outros. E a mocidade entranhou



se na lucta da ignorancia e do dever.

—Tinha fé e venceu pelo segundo.

—Entregue a seus proprios e unicos esforços, ergueu a fronte timida ainda e perguntou á sociedade o que era preciso fazer.

—Trabalhar, responderam em côro os echos de todos os polos.

—Trabalhar e crer foi, pois, a sua diviza: e ella congregou-se, como é da lei da organização social, para poder trabalhar.

—Luctou braço a braço com a ignorancia, sem apoio algum estranho, e reuniu todas as forças para extirpar esse enxerto, que amofina a arvore da intelligencia.

—Luctou muito e trabalhou quasi a ex-haurir-se; a sua crença, porém, alimentava: luctou com a opposição das almas amesquinhas pela mediocridade, que ouzava estorvar-lhe o passo...Baldado intento!

—Hoje em fim concentra todas as forças e sobe á imprensa, corajosa, resoluta e crente, a prestar um serviço de maxima importancia á humanidade.

—O jornal, mensageiro entre as nações, confidente entre os povos, presta serviços incontestaveis á civilização, esteja nesta ou naquella escala.

—A mocidade reunida em corpo chamou



se—Sociedade Miguelina—; fixou como base o amor profundo e santo a Deus e o amor sincero e desinteressado ao proximo: adoptou, discutiu e propalou idéas gigantescas; adquiriu adeptos, creou um gabinete litterario, onde desenvolve theses e pontos historico-scientificos, e hoje impavida apparece a propagar o adiantamento.

—Conviva, embora de ultima classe, do festim litterario, ergue tambem um brinde entusiasta ao idolo regenerador—a instrucção.

—E nós, os jovens, romeiros do porvir, abstracções desse todo, vamos á praça publica saber o que nos exige a patria, o que é mister fazer em prol da civilização: e, sem desprezar a tarefa, por mais difficil e ardua que pareça, assumimos todo o sangue frio—o valor aperfeiçoado—e procurámos desempenhar a nossa missão.

O *Echo Miguelino* é, pois, o brado da mocidade natalense, que, acordando do lethargo, libertando-se da indolencia, quebrando as algemas da ignorancia, inspirada pelas crenças que adoptou e unida por santos laços, apparece no mundo da civilização como um só homem—forte e crente.”

«O *Echo Miguelino*—dizia ainda um de



seus redactores—combate por um principio, sustenta uma idéa, aspira a um fim.

Este principio é a Igualdade, alicerce em que se firmam os grandes pensamentos.

Esta idéa—a Liberdade, sol que aquece e illumina os povos.

Este fim—a illustração popular, termo de todas as fadigas e controversias humanas”.

Como veem os leitores, *O Echo* era um jornal de idéas adiantadas, e, sem se filiar a nenhum dos partidos politicos militantes, cabe-lhe incontestavelmente a gloria de ter sido o primeiro que na provincia levantou com intrepidez o pendão da liberdade, guerreando abertamente o throno e a monarchia.

Letra de Joaquim Fagundes e musica de distincta natalense (11), julgamos prestar justa homenagem aos seus auctores deixando aqui registrado o hymno da sociedade de que era organ e que encerra a ultima pagina de seu primeiro numero.

HYMNO

Quando ferve no peito do homem
Liberdade—o vulcão imponente,

(11) D. Joanna Carolina Seabra de Vasconcellos.



Elle rompe os tropeços mais fortes,
Sempre afoito, invencível e crente.

—Eia! avante! eia! avante! marchemos,
Miguelinos, a crer no porvir,
Hasteando o pendão—liberdade,
Que acena-nos Deus a sorrir.

E não tocam, não prendem seus pulsos
Os grilhões que oprimem os vis;
—Si um dia cansado fenece,
O seu nome immortal se bem diz!

E, qual tocha—luzeiro divino—
Si se some, seu brilho inda luz:
E a crença de aos pobres valer
Estes entes no mundo conduz!

Sobre os hombros elevam o pendão
Que aos homens promette um futuro,
E luzeiros fulguram brilhando
Para todos que estão no escuro!

Taes romeiros que somos nós, jovens,
Porém já em nós arde o vulcão,
Trabalhamos com fé—pela crença—
Liberaes—hasteando o pendão!

Trabalhamos sem premio almejar,
Como obreiros da causa mais santa,
E, ainda mui fracos, embora,
O dever, a missão não espanta!

Este amor que sentimos no peito
Pelos nossos eguaes nesta vida,
Nada o pode extinguir, é tão santo,
Que aviva uma crença perdida.



Eia! e vós, mocidade, escutai
Este echo que clama dos ceus:
—E' a voz do destino que sôa,
Vos mandando romper escarcéus!
Eia! avante! que a patria vos pede!
Eia! avante! que Deus vos ordena!
Eia! avante! que tudo vos diz
Que de flor o porvir vos acena!
Eia! avante! por sobre escarcéus
Caminhemos, embora feridos;
Si a lucta for grande e cahirmos,
Ficarão nossos nomes queridos!
Eia! avante! cumpramos a lei
Que nos manda marchar e vencer;
Corajosos fitemos as glorias,
Que não pode-as a morte abater!
Derribemos o throno eminente
—Que se ostenta do mundo a grandeza;
Com as mãos caridosas ergamos
Desses antros fataes a pobreza!
Desfaçamos tambem o espaço
Que separa homens ricos de pobres,
Proclamando uma deusa—Igualdade,
Hombreado os plebeus com os nobres!
Eia! avante! eia! avante! marchemos,
Miguelinos, a crer no porvir,
Hasteando o pendão—liberdade,
Derramando instrucção no sorrir!

Na secção das musas foi Lourival Açú-



cena um dos mais assíduos collaboradores do *Echo Miguelino*. Entre outras produções de sua lavra, encontra-se ahí a seguinte poesia, que merece especial menção pela sua originalidade e cor local :

CANTO DO POTIGUARA (12)

(TORE')

*Curupira se afugenta,
Manitó esquece a taba ;
Mas minh'alma não esquece
O amor de PORANGABA.*

*Cahe a murta, o camboim,
O muricy, a mangaba ;
Mas não cahe dos meus sentidos
O amor de PORANGABA.*

*Cambaleia o páu d'arqueiro,
Que ao rijo tufão desaba ;
Mas não se abate em meu peito
O amor de PORANGABA.*

*Vae-se o torcaz que gemia
Ao pé da jaboticaba ;
Mas não deixam meus anhelos
O amor de PORANGABA.*

*Foge a abelha que zumbia
Sobre a flor da guabiraba ;*

(12) Com musica do proprio auctor.



Mas não foge aos meus affectos
O amor de PORANGABA.

Despe a flor o ingazeiro,
A oiticica, a quixaba ;
Mas não me escapa da mente
O amor de PORANGABA.

Da Cunhan remorde a face
Reimoso capiucaba ;
Mas não remorde o ciúme
O amor de PORANGABA.

De Mohema o terno amor
Não, não rende o Imbuaba ;
Mas a mim rende e captiva
O amor de PORANGABA.

De extremosa Mangarita
O amor já não se gaba ;
Mas eu decanto, arãhy (a),
O amor de PORANGABA.

O Pagé canta a bravura
Do alto Morubixaba ;
Mas eu só canto em toré
O amor de PORANGABA.

Anhangá cede a Tupã
No poder que não se acaba ;

(a) *Arãhy*—Explosão de voz que na língua *tupy* exprime
o sentimento de saudade.



Mas não cede a outro amor
O amor de PORANGABA.

O Echo Miguelino, que tinha seu escriptorio de redacção á *Praça da Alegria*—hoje *Padre João Maria*—nº 4, viveu apenas quatro mezes, morrendo com o seu 8º numero, publicado a 30 de Novembro do mesmo anno em que nasceu.

Mas, quando o historiador tiver um dia de escrever a historia de nossa litteratura, não lhe poderá negar e ao seu contemporaneo *O Iris* o logar honroso, que legitimamente lhes compete, de seus representantes no decennio de 1870—80.

48—A VOZ DO POVO—1875.—

Orgam de crenças livres, como se declarava em seu frontispicio, era impresso na typographia *Independente* e redigido pelo bacharel Joaquim Theodoro Cisneiros de Albuquerque; publicava-se uma vez por semana, acceitava publicações de interesse geral e particular, sem distincção de cor politica, e tinha no alto da 1ª pagina, como lemma, as palavras—*Libertas*, de um lado, e—*Patria*, do outro.

Como politico, consoante ás idéas republicanas de seu director, não filiava-se a ne-



nhum dos partidos militantes, mas batia-se pela reforma da Constituição, como um passo para a realização de seu idéal.

49—*O IRIS*—1875—76—

Periodico bi-mensal e dedicado ao sexo feminino, era impresso na *Typographia Conservadora* e publicou seu 1º numero a 27 de Setembro de 1875. Tinha por divisa a seguinte phrase de mdm. Stael: «O genio não tem sexo».

E' o jornal da provincia em que pela primeira vez encontramos ostensivamente escripto o nome de seu redactor—Joaquim Fagundes, que deixou ahi traços luminosos de sua privilegiada intelligencia, em defeza da mulher.

Sentindo, porém, approximar-se a morte, já em Novembro desse mesmo anno escrevia em o nº 7 de seu periodico:

*Presinto da morte a negra sombra
pressurosa seguir os passos meus!
—E' tão cêdo ainda!... sinto n'alma
tanto fogo! tanto amor! tanta esperança!*

E, de facto, a 21 de Agosto de 1877, já não existindo *O Iris*, fallecia o seu mallogrado redactor.

Ligando seu nome ao de um dos vultos



mais proeminentes de nossa vida politica, registro aqui as poucas palavras que em sua memoria escreveu o dr. Moreira Brandão no *Ceará-Mirim* de 24 do dicto mez:

“Perdi um amigo dedicado e a provincia uma de suas mais bellas esperanças.

Na edade de 20 annos, sem estudos regulares, Joaquim Fagundes tinha sido redactor de dous periodicos—*Iris* e *Echo Meguelino*; escreveu dramas, que foram representados com successo; fez conferencias publicas, em que foi muito applaudido, e deixou varios escriptos, que revelaram um talento superior e privilegiado.

A’ parte algumas imprudencias da mocidade, era uma alma grande e um coração generoso.

A sua morte é muito sensivel para todos que apreciam o verdadeiro merito.

Paguemos-lhe um tributo de admiração, honrando a sua memoria e derramando lagrimas saudosas sobre o seu tumulo”.

50—O ALPHA—1875—

51—O CREPUSCULO—1875—

Litterario e recreativo, imprimia-se esse pequeno periodico na *Typographia Conservadora*; publicava-se tres vezes por mez e



sahiu seu 1º numero no dia 7 de Março de 1875, com o seguinte artigo de apresentação :

«Na mocidade os sentimentos convergem a um ponto determinado, as ambições traduzem-se pela sêde de gloria e todas as aspirações significam a realização de sonhos sublimes, arrojados talvez.

E, quando o passo do caminheiro firma-se, esmagando as urzes que por ventura obstruem a estrada, de certo que as palmas do triumpho estalam em homenagem ao talento que estréia.

Quem desanima estaciona e cahe exaustito, medindo a distancia que se alonga aos olhos; mas não maldiz a marcha do progresso, admira-a.

O Crepusculo será o echo da voz da mocidade que desperta, a linguagem dos sentimentos que se agitam...

Não sirva elle para conquistar-nos maldicções: louros sabemos que não poderão caber-nos após as lides litterarias.

Um dia, talvez, no futuro, ufanemo-nos, recordando haver no passado feito alguma couza de util.

E isto por si só é gloria sobeja para nós, que aventuramos este primeiro passo».



Neste jornal encontram-se diversas produções de Camara Açucena e Hermillo de Mello.

52—O ESPIRITA—1875.—

Orgam das idéas espiritistas, era redigido por Manuel Gomes da Silva, impresso na typographia *Liberal* ou *Independente* e publicava-se duas vezes por mez. Aparecendo no dia 1º de Setembro de 1875, assim se exprime em seu artigo programma:

«O espiritismo não é só o que se pensa materialmente no seculo das luzes, que tanto se orgulha de ser o mensageiro do progresso e que não passa de um rompimento de nuvens onde se occulta o espiritismo, joven ainda para o mundo, quando já é antigo para os que no silencio do gabinete o praticavam, fugindo ás vistas indiscretas dos sabios e pensadores civilizados do seculo IX, bem como aos motejos desordenados das turbas, que, sem consciencia de seus actos, condemnam os mysterios regeneradores da humanidade.

E' pomposo e encantador que no agitado pego social se apresente *O Espirita*, orgam das idéas do espiritismo, não trajando as podres galas de materiaes pensamentos, que



se dissipam ao mais leve sopro do seio da Eternidade.

Joven e muito joven é o espiritismo no nosso abençoado berço natal, onde o materialismo pretende devorar com suas garras monstruosas os apóstolos do mysterio augusto do espiritismo, sem que sinta que uma força superior lhe desfaz os arrojados pensamentos e lhe oppõe obstaculos que jamais vencerá, para chegar ao fim desejado.

Como se governa o baixel desnortado no soluçar furioso do Oceano embravecido pelas iras da procella, tambem se pode governar o dirigir o baixel que atravessa o seculo material conduzindo os echos das verdades de além tumulo!

Quando o sentimento de uma verdade santa se manifesta, occultal-o não pode o homem, que mal pode consigo, no correr da vida, de que ignora o termo e os profundos segredos do futuro, que se occultam em horisontes onde não penetram as vistas materiaes.

Saudai o espiritismo !

Saudai-o, que é elle o percursor de muitas verdades, e verdades respeitáveis, que se desprendem do seio do Eterno para deter na



terra os precipitados passos do crime, que seduz o homem nos momentos vertiginosos de loucura material.

Erguei-vos, espancai as trevas da dúvida; sacudi o pó do crime; despresai o rugido frenetico dos obstinados e admirai respeitosos os sublimes mysterios do espiritismo.

Calar não podemos os sentimentos da verdade, que nos anima no resolutio passo que demos; retroceder é uma fraqueza; avançar uma gloria, e gloria, porque os louros da terra são pequenos e sem belleza para cingir nossas frentes, cuspidas pelos venenos peçonhentos da descrença social.

Mais tarde, porém, quem sabe si os espiritos dos que foram escarnecidos não serão invocados pelos que se compraziam na terra em querer matar-lhes os sentimentos santos que se abrigavam em seus peitos?

Tudo pode se realizar sem que seja preciso Deus mudar a natureza das cousas.

Elle penetra do seio da Eternidade o que mais tarde tem de se abrigar no peito do mortal.

Elle é o nosso futuro, onde ás vezes está occulto o cálix do soffrer.

Hoje tudo é dúvida, descrença e malda-



de, e amanhã quem sabe?

Só tú, Ser Onnipotente e Infinito, só tu és o depositario desses segredos, que não se revelam na terra.

Eis-nos em campo para propalar as idéas espiritas e bater as que forem contrarias a ellas e, animados por uma crença santa, não recuaremos, por mais agigantado que seja o adversario.

Tudo afrontaremos, porque cremos em Deus e na Eternidade».

53—O POTENGY—1876—77—

Periodico *litterario e noticioso*, sahiu pela 1ª vez á luz da publicidade no dia 13 de Agosto de 1876. Impresso na *Typographia Conservadora*, não se recommendava pelo trabalho material; no entanto, era bem escripto e prestamos-lhe justa homenagem transcrevendo aqui seu bem elaborado programma:

«No desejo sincero de instruir-nos e prestar um serviço, na razão de nossas forças, ás lettras patrias, começamos hoje a publicação de um periodico litterario e noticioso, destinado especialmente ao publico desta provincia e sua capital.

Jovens e sem os conhecimentos precisos



para occupar um logar distincto nas pugnas da intelligencia, não temos a pretensão de medir-nos com os grandes vultos que tomamos por mestres e guias; queremos antes, e esta é a nossa principal aspiração, despertar os estímulos e incitar os talentos que se retrahem pela modestia ou pelo desanimo.

Improba é a tarefa e temerario o arrojo: faltam-nos azas para voar e armas para combater; mas temos uma esperança firme e uma fé viva. Com a fé e com a esperança nos tornaremos fortes.

Nesta convicção fazemos apparecer *O Potengy*, organ de uma modesta associação.

Tomando o nome do rio que banha um dos lados desta cidade, a nossa publicação indica ao mesmo tempo a sua origem e a limitação dos fins a que se propõe: o bem e engrandecimento da localidade que representa.

Quizeramos ser uteis á patria e ao mundo inteiro; mas não temos a vaidade de acreditar que chegaremos além dos limites que nos traçam as condições de nossa existencia e escassez de habilitações: dar-nos hemos por felizes si pudermos de alguma sorte agradar aos nossos conterraneos e me-



recerem os nossos escriptos a sua approva-
ção.

Infelizmente ainda em nossa terra não ha protecção para emprezas desta ordem; aprecia-se mais a politica e os trabalhos e estudos positivos do que as leituras amenas; é preciso, porém, formar o gosto e dirigir os espiritos.

A alma, como o corpo, precisa de alimento; e o alimento deve ser agradável para desafiar o appetite.

Ao lado das arvores que dão fructos produz a natureza relvas e flores que exhalam perfumes, e a par da instrucção precisa o homem da distracção e recreio para afastar a monotonia e o tedio.

Adoçar os costumes, polir os corações é uma das grandes operações do progresso, e não perderemos tempo si pudermos, debaixo deste ponto de vista, concorrer para a grande obra da regeneração do povo, que os máos preconceitos e perniciosos exemplos conservam nas trevas da ignorancia e nos lodações da corrupção.

Com o coração livre e a alma generosa, a mocidade, que tem as vistas no futuro, que vive da esperanza e sonha com a gloria, não se acobardará no meio da jornada: poderá



cahir, desamparada por quem deveria protegê-la e animal-a, mas caminhará enquanto tiver forças, bradará enquanto tiver voz e não trairá a sua missão.

Com estas idéas e estes designios, temos direito a esperar que ao menos se nos perdôe a temeridade do commettimento.

Do bello sexo, a que destinamos uma parte essencial de nossas lucubrações, esperamos especial benevolencia e protecção.

Acompanhados de anjos, affrontaremos todas as difficuldades e perigos, certos de que seremos invenciveis.

Se não pelo nosso merecimento, pela sua intervenção, entraremos com elles no Pantheon e conquistaremos a immortalidade.»

O Conservador, noticiando o apparecimento deste jornal, expressa-se do seguinte modo a seu respeito :

«*O Potengy*.—Assim se denomina o periodico litterario e noticioso, organ de uma associação, que acaba de sahir á luz da publicidade nesta capital, do qual fomos obsequiados com o primeiro numero.

Não tem redactores ostensivos. e de seu programma vemos que os melhores desejos, com relação a essa empreza, nutrem os mo-



ços esperançosos que se acham encarregados de sua publicação.

Applaudindo sinceramente tão nobre esforço d'uma brilhante porção da estudiosa mocidade natalense, diremos que, longe de desanimá-los pelo pesado encargo que tomaram sobre seus hombros, em proveito da literatura patria, ao contrario, felicitamol-os de coração por mais esta tentativa que fazem, empunhando o gladio de Guttemberg, para entrar nas pugnas da intelligencia e chegar por fim ao capitolio das lettras.

Essa tarefa, sendo por sua natureza pesada, é ao mesmo tempo gloriosa para a mocidade, cujo espirito vive sempre avido de luz e não estaca ante as difficuldades, quando se trata da realização d'uma idéa grandiosa.

Se assim é, se o fim a que se propuzeram os redactores do *Potengy* é nobre e justo, não ha motivo para que deixemos de enviar-lhes um brado de verdadeira animação, como apreciadores que somos do talento e das emprezas para cuja realização se faz preciso que o esforço supere as difficuldades.

Prosigam, pois, os redactores do *Potengy* na afanosa tarefa que honrosa e modes-



tamente encetaram: não desanimem. Como
alguem disse, perseverar é vencer.

Se hoje não sabem ainda arremessar vibrante o gladio que destroe o despotismo, se são ainda desconhecidos no mundo pomposo das letras, amanhã não o serão e de cada golpe que atirarem sobre o horrido fantasma da indiferença, que nos esmaga, conseguirão ao menos escalavral-o, se por ventura não for possível fazel-o de uma vez desaparecer d'entre nós!

E' quando justamente chegarão a ser conhecidos como verdadeiros paladinos da sciencia e do progresso.

Isto demanda somente de tempo, de esforço, tenacidade e união.

Lembrem-se de que o seculo é o do desenvolvimento intellectual dos povos de razão esclarecida pelos diversos ramos dos conhecimentos humanos e da consciencia livre; que a mocidade é e deverá ser sempre a vanguarda da civilização e do progresso, e não esmoreçam ainda em começo d'uma tentativa tão honrosa para aquelles que a fizeram.

Quando os velhos, ruínas pensantes, no dizer de Hugo, ficam quedos e extaticos na contemplação do passado, a mocidade,



qual Ashaverus da legenda, busca o futuro, que é a luz !

Portanto, não importa que sejam ainda noveis na arte de escrever para o publico e que não tenham no todo os conhecimentos precisos para bem expandir as suas idéas.

Das trevas da ignorancia, após grandes esforços intellectuaes, é que se chega ao templo magestoso da sciencia, que é a luz !

O homem tem a indeclinavel necessidade de manifestar as suas opiniões de conformidade com os conhecimentos que tem, muito embora existam por ali zoílos, com fumaças de sabichões, dispostos a arremessar o dardo da ironia e do sarcasmo sobre aquelles que trabalham no intuito de illustrar e aperfeiçoar o seu espirito.

Com a pratica de escrever para o publico, com o cultivo da intelligencia, com a manifestação pura e sincera de nossas idéas, com a enunciação de principios incontestaveis por seu grande proveito e mais ainda com as justas proclamações de nossas liberdades, de nossos direitos, com a diffusão da luz por entre o povo, é que poderá a mocidade, hoje interessada pela sorte do Brazil, assegurar um futuro brilhante e venturoso para a nossa chara patria, que desgraçada-



mente soffre ainda hoje as consequencias ter-
riveis de velhos prejuizos e graves precon-
ceitos.

Louvamos, pois, a mocidade natalense
por essa grandiosa idéa que tiveram.

Desejando longa existencia a esse novo
athleta, diremos que farão muito bem os re-
dactores do *Potengy* se não se arredarem
um só ponto do programma que traçaram;
pois que só assim poderão attingir ao fim a
que se propõem.

As palavras de animação que cordial-
mente dirigimos aos nossos collegas, ao mes-
mo tempo que nos confessamos reconheci-
dos pela delicadeza que tiveram de enviar
nos o primeiro numero de seu periodico,
são as mesmas que nos levam, terminan-
do aqui a noticia que damos de seu ap-
parecimento, a desejar a essa empreza ven-
tura e bom exito.»

Não seguiu, porém, o novo athleta o
conselho prudente que lhe dava o patriar-
cha da imprensa contemporanea: afastou
se em parte do programma que se traçou,
admettindo em suas columnas artigos e cor-
respondencias de côr politica; e, como essas
publicações parecessem contrarias aos in-
teresses do partido que representava, cha-



mou-o á ordem *O Conservador* nos seguintes termos—nº 315, de 26 de Maio de 1877--:

«*Ao Potengy.*»

O nosso jornal, que já conta nove annos de existencia, tem sido até esta data o organ genuino do partido conservador na provincia—e, na defensa dos principios que constituem o seu evangelho, inda não destoou uma só vez, dizemol-o com ufania, no meio do concerto de quantos organs de publicidade de igual missão têm existido na provincia. Haja vista o *Brado Conservador*, na importante e rica comarca do Assú, unico que se mantem ainda hoje, graças á dedicação nunca esmorecida dos mais robustos dos nossos correligionarios, e que, companheiro de cruzada, caminha comnosco irmanado pelo mesmo sentimento.

Si o *Potengy*, jornal de litteratura e noticia, de incerta apparição, faltando á lealdade e abusando do prélo que lhe franqueamos, sem outro interesse além do de ser util á mocidade que o redige, passa a abrir suas columnas a *innocentes* correspondencias politicas e artigos de igual natureza, perdendo o rumo e encarando outro *alvo*, seremos obrigado a trancar-lhe a porta de nossa offi-



cina, onde se não dá entrada aos demolidores da obra em que trabalhamos.

Queremos, sim, a imprensa livre; porém, na que lhe é vehiculo natural de suas idéas, por sua conta e risco, diga cada qual o que entender.

Não desdenhamos a cooperação de nossos amigos, nem, esperamos, se nos imputará em tempo algum a descortezia de negar a necessaria resposta a quaesquer artigos da imprensa decente, onde quer que surjam; mas, por mal entendida paixão daquelle principio, não seremos tão beocio que vamos pôr uma arma nossa em mão de *amigo* não provado.

Não fugimos, nem tememos a lucta com quem quer que seja; mas—de certo—fôra stulta ostentação de valentia entregar a espada a quem poderia descarregal-a, inda que com pouca vantagem, sobre nós.

Appareçam na liça os adversarios leaes, de viseira descoberta, e crusaremos armas.

Si o *Potengy* é conservador (do numero dos que formam o nosso grande partido na provincia), o orgam de propaganda e sustentação de nossos principios é este; si, porém, é de outro *matiz sarapintado*, de outras aspirações, de outros interesses, de al-



gum partido *in fieri*, então—a imprensa é livre—monte a sua, ou encomende das que por ahi andam *bem adqueridas*. Si vestir armadura de cavalheiro, quem se dedignará de aparar-lhe o golpe?

Um conselho, entretanto, á mocidade que redige o *Potengy*:

Porque tão cêdo gastar-se na politica? A idade é de trovas e charadas. Poesia; mesmo estropiada, é exercicio innocente, não amofina ninguem; *politica*... já tantos a tratam! E' de máu aviso.

Bem claro: a typographia conservadora continúa á disposição dos *jovens* estudiosos, collaboradores do *Potengy*; mas, entendido, dentro *daquelle programma*.

E seremos todos amigos.»

Não sei si a redacção d'O *Potengy*, da qual faziam parte o tenente Hercules Pindahira de Carvalho, como principal redactor, Joaquim Soares Raposo da Camara, Manuel Arthur Alves da Silva, José Moreira Brandão Castello Branco Filho, João Baptista da Camara Açucena e Francisco Herculano A da Silva, e que tinha seu escriptorio á rua de S. Antonio, em frente á egreja deste nome, tomou o conselho para futuras empresas litterarias; sei, porém, por affirmar m'o



o major Joaquim Soares, um daquelles redactores, que, depois da advertencia do velho orgam do partido conservador, não mais voltou ás suas officinas, nem ás de qualquer outro jornal, e *O Potengy* deixou definitivamente de existir.

54—CEARA'-MIRIM—1877—

Depois d'*O Potengy*, era natural que apparecesse o *Ceará-mirim*, nome de outro rio da provincia e que corre paralelo áquelle, ao poente. Mas o *Ceará-mirim*, alheio á litteratura, deixou-se seduzir pela politica e apenas, talvez por uma simples associação de idéas, nascida do nome com que se baptizou, aos seus dous titulos de *politico* e *noticioso* acrescentou—e especialmente destinado a sustentar os interesses da agricultura.

Sectario das mesmas idéas que defendia *O Liberal*, sob a direcção suprema do dr. Moreira Brandão e com o seu concurso e approvação, publicou o seu 1º numero no dia 12 de Junho de 1877, ao tempo em que o velho orgam do partido liberal havia suspendido a sua publicação, e continuou até Setembro do mesmo anno, quando «os *Cinquantos* que o redigiam julgaram a patria



fôra de perigo e tornaram ás amenidades da agricultura.»

E' este o seu programma :

«Quando, por motivos sem dúvida ponderosos, se acha infelizmente suspensa a publicação do organ do partido liberal da provincia e em sua falta não têm os membros do mesmo partido, condemnado a perpetuo ostracismo, uma valvula aos seus soffrimentos e um echo aos seus clamores, dentre os sinceros e briosos liberaes do importante municipio do Ceará-mirim, que tanto se enobreceu e brilhantemente se distinguiu no ultimo pleito eleitoral, não pode deixar de erguer-se uma voz que, sustentando os seus interesses legitimos, velando na guarda da lei e inviolabilidade dos direitos individuaes, seja ao mesmo tempo a sentinella das liberdades publicas, o conforto e o refugio dos correligionarios e amigos perseguidos e proscriptos.

A lavoura, que constitue a principal fonte da renda nacional, que é a melhor esperança da provincia e, pode-se dizer, a unica riqueza do municipio, abatida e abandonada, precisa tambem de um organ que faça sentir aos poderes do estado as suas necessidades, e a voz do patriotismo não podia ser



abafada por qualquer consideração de acanhamento ou desanimo, quando os horisontes se anuviam e os animos mais vigorosos se aterram com a perspectiva de uma calamidade imminente.

Para satisfazer as exigencias de tão melindrosa e critica situação apparece, pois, o *Ceará-mirim*, periodico hebdomadario, organ do partido liberal e especialmente destinado a sustentar o interesse da lavoura do municipio do mesmo nome, que, em falta de imprensa na localidade que representa, será por enquanto publicado na capital.

Elevados são os seus intuitos, ardua a sua missão, e por isso mesmo difficil o desempenho; a energia da vontade, porém, lhe dará valor e a fé inspiração.

Sectario das idéas que sempre defendeu *O Liberal*, de accôrdo com a direcção central do partido a que pertence, julga-se dispensado de fazer um programma politico extenso e desenvolvido.

Declarando-se francamente liberal, a sua bandeira o define e conhecida se torna a sua attitude com relação á actualidade, seus designios e aspirações.

Sob o ponto de vista especial estritamente ligado á sorte da agricultura,



promoverá quanto lhe for possível os benefícios e melhoramentos que ella reclama no paiz, na provincia e particularmente no municipio, cujo engrandecimento e prosperidade serão objecto de seu constante desvelo.

Assim procurará tornar-se digno da consideração publica, o que sobre tudo deseja e espera.»

Era então presidente da provincia o bacharel José Nicoláu Tolentino de Carvalho (13), e o organ liberal, esquecido quasi por completo da ultima parte de seu programma, «distrahia-se em dar alfinetadas na administração».

Era impresso na *Typographia Independente* e publicava-se uma vez por semana.

55—A ROSA—1877.—

Pequeno jornal de rapazes e o segundo deste nome.

56—A SITUAÇÃO—1877.—

Organ conservador, redigido pelo dr. Henrique Leopoldo Soares da Camara.

(13) Ultimo presidente da situação conservadora iniciada a 16 de Julho de 1868 com o ministerio *Itaborahy*. Administrou a provincia de 18 de Abril de 1877 a 6 de Março de 1878.

Este intelligente patricio (14), que se ia pouco a pouco afastando da administração, por entendel-a contrária aos interesses da provincia e do proprio partido, a proposito de uma clausula do contracto assignado pelo director da typographia d'*O Conservador* para a publicação do expediente official, clausula que, por lhe parecer desairosa á redacção deste periodico, levou-o a entrar em explicações com o presidente, retirou-se da redacção do velho orgam do partido, onde occupava logar saliente, e creou *A Situação*, publicando seu 1º numero no dia 1º de Outubro de 1877, em cuja columna de honra escreve o seguinte:

«AO PARTIDO CONSERVADOR
NA PROVINCIA

Tomo sobre mim a responsabilidade da publicação do jornal que hoje apparece.

E' talvez isto uma temeridade.

Persuado-me, entretanto, de que presto um serviço ao meu partido abalançando-me

(14) Patricio, como brasileiro. O dr. Henrique Camara, filho de Francisco Emygdio Soares da Camara, norte-riograndense, nasceu na capital do Ceará, onde seu pae exercia o cargo de Inspector da Thesouraria de Fazenda. Este era neto do morgado Gonçalo Soares Raposo da Camara, tronco de uma das mais distinctas e numerosas familias do Rio Grande do Norte.



á mais espinhosa de quantas empresas póde
alguem tomar sobre os hombros—em nosso
paiz.

Os imperiosos motivos que me estão im-
pellindo a fazel-o vão exarados nas linhas
que seguem a estas.

Solicito para ellas a attenção da pro-
vincia e, especialmente, a do partido conser-
vador, sob cuja bandeira tenho militado e
cujos principios constituem o evangelho
politico sobre o qual fiz a minha profissão
de fé, ao entrar nas ingratas lides dos par-
tidos.

Aos proscriptos da situação, aos oppri-
midos, co-religionarios que não têm renega-
do de suas crenças, embora a mão de ferro
da situação bastarda que lhes tolhe os mo-
vimentos, estortega-os e procura atrophial-
os, o novo orgam franquêa suas columnas.

Qeiram-n'o, ou não, os que se delicias-
com as ambrosias do poder e se têm elevado
sobre os destroços do partido conservador,
a crusada ha de—por força—levantar-se em
toda parte, tomar corpo e derrocar os ridi-
culos comediantes, de cujo ruinoso especta-
culo o paiz está sobejamente enojado!

Tarde não soará talvez a hora...

Basta que da barraca de algum general



intrepido se alevante o brado de *alerta!*—e para logo dos acampamentos por onde for repercutindo soldados surgirão aos milheiros.

No dia em que Paulino de Souza, ou José de Alencar, ou outro tão capaz de tamanha empresa, se puzer á frente do movimento, o partido conservador ganhará, com as forças que lhe vão faltando, os antigos creditos e marchará aos seus destinos, incendiado das crenças que são a sua gloria.

Aos meus co-religionarios, na provincia, e particularmente aos que são meus amigos, peço a cooperação sem a qual não poderia medrar tentativa da natureza desta, já lhe agenciando assignaturas (alimento indispensavel para que não morra em embryão), já, afim de poder realizar a missão para que foi creada, transmittindo-lhe a seiva vital da opinião conservadora, com aquella decencia, moderação e independencia que são o apanagio da imprensa que aspira ser força, poder, elemento civilizador.

Natal, 1 de Outubro de 1877.

Henrique Camara.»

Sob o titulo-*Porque este jornal*, seguem-se as linhas a que se refere acima o dr. Camara; mas, como nellas occupa-se de prefe-



rencia a redacção da politica geral, prefiro transcrever aqui o artigo editorial do 2º numero, em que o mesmo dr. Camara, dando melhor a razão de ser de seu jornal, particulariza os factos, restringindo-os á politica e administração da provincia.

«ESCLARECIMENTOS

Dois motivos, pobre o peso dos quaes não me arreceo do juizo de ninguem, impelleram-me a deixar a redacção do *Conservador*, sem ter quebrado todavia com os meus amigos que passaram a redigil-o os laços que as divergencias politicas não deveriam em caso algum despedaçar. Foram elles: o gradual e progressivo afastamento em que, por minha maneira de entender os interesses do partido e os desta provincia, me fui collocando com relação á administração, que vai sacrificando tudo, n'uma época que devera de ser de salvação; e, além deste, certa clausula do contracto assignado pelo director daquella typographia (Urbano Joaquim de Loyolla Barata) com o presidente da provincia para a publicação do expediente official.

A primeira das alludidas razões impunha-me imperiosamente a creação deste jornal, penosissimo sacrificio de tempo, dinhei-



ro e trabalho, superior talvez ás minhas forças, para não faltar aos mais sagrados deveres de quem se devota á causa publica.

A segunda carece de ser desenvolvida.

O presidente, ambicionando ter tudo fechado em suas mãos, para mais seguramente felicitar a provincia e o partido conservador, entendeu, poucos dias depois de sua chegada, que a livre manifestação da opinião poderia vir a ser um estorvo aos seus benéficos intuitos: manda chamar o director da typographia conservadora, unica nesta cidade de onde sahia todas as semanas um jornal, e accôrda em um contracto novo para a publicação do expediente administrativo, estabelecendo a clausula seguinte, a que me referi: 5ª *Nenhuma publicação fará contra o governo.*

Por aquella occasião, sua ex., para vencer quaesquer escrúpulos, não se cançou de fazer sentir que similhante condição, estipulada, revelava a mais cordial harmonia entre a imprensa do partido e a administração, o que, a um tempo, era de grandissima vantagem para ambas, accrescentando que, em toda parte, na côrte e nas provincias, a praxe estabelecida em taes casos não era outra.

Antes do contracto, ao sr. director, para



offerecel-as á ponderação de sua ex., e, depois do contracto, pessoalmente ao exm. sr. dr. Nicoláu Tolentino fiz amigavelmente as observações seguintes :

O Conservador, que era um orgam de partido nesta provincia, com a acceitação da quella clausula, novamente introduzida no contracto de sua ex. e eliminada dos anteriores (sem dúvida, por desairosa á redacção daquelle periodico, que em tal caso tomaria as apparencias de cousa mercante), o *Conservador*, disse então a sua ex., renunciava o seu apostolado para transmutar-se em orgam exclusivamente official. Nem as relações da imprensa, bem diversas do que as entendia eu, nem a praxe estabelecida algures, ponderei afinal a sua ex., constituíam *para mim* argumentos de qualquer valor, que pudessem justificar a condição exarada no contracto.

A imprensa, se me afigurou, decahia de sua augusta missão, convertendo-se em serva ou escrava da administração, diante ou ao lado da qual tinha, entretanto, o seu logar natural, como adversaria respeitavel, ou alliada poderosa. O exemplo do que se pratica em outras provincias (fôra em todo o mundo) não teria nunca a força de um



principio, á luz do qual eu devesse abrir os olhos para ver mais claro. Sua ex., entretanto, não cedeu de suas *bôas razões*, nem eu das minhas *taes* ou *quaes*...

Uma cousa, porém, ficou assentada: a redacção do *Conservador*, então encargo exclusivamente meu, não escreveria uma palavra em defesa da administração.

Perfeitamente: foi a ultima palavra de sua ex.

E terminou amigavelmente aquella conversação.

Então, o exm. sr. dr. Tolentino de Carvalho não carecia de elogio, de defesa, de auxilio de ninguém. Seus actos, publicados pela folha official, em qualquer tempo poderiam soffrer, sem perigo para as glórias de sua ex., o mais miudo exame: haviam responder peremptoriamente ás increpações injustas com a mascula eloquencia que teem os factos em sua singeleza.

Bem depressa, entretanto, as assentadas convicções de sua ex. passam por estranha transformação!

O exm. sr. dr. Nicoláu Tolentino, que estava navegando em mar de rosas, aterra-se diante de uma rugazinha do oceano e cuida



ter diante da prôa a catadlura ameaçadora do Adamastor.

Marinheiro da primeira viagem!

Dos prélos liberaes nasce um jornaleta, *dedicado aos interesses da lavoura*, e, para amenizar seu assumpto, distrae-se com alfinetadas na administração.

Sua ex. arrepia-se e brada : *Hei de matal-o!*

A criança enfesa-se e responde nobremente á intimação, descarregando mais pesado golpe sobre a presidencia.

Sua ex. perde a cabeça : *quem me ampara? quem me ampara?*

—E os seus actos, exm.?

A embaixada bateu-me ás portas:

—E' preciso escrever alguma cousa, qualquer cousa em defesa da administração.

—Mas a administração não tem defesa...

—Tem-n'a.

—Pois, defendam-n'a.

—Como?

—Abro-lhes a porta da redacção.

Illustres cavalheiros, *pennas de lei*—chamei-os eu, passaram a redigir o *Conservador*. A defesa foi produzida e a provincia leu-a.

Escuso dizer que a minha penna esteve encostada desde o dia da celebração do con-



tracto de sua ex. até o em que apparece este jornal. Felizmente, possuo ainda os autographos de quantos artigos publicaram as columnas editoriaes, desde aquelle tempo.

Estes *esclarecimentos* podem aproveitar á historia da actual administração.

Faço uma nota final: *O Ceará-mirim* morreu pouco depois. Os *Cincinatos* que o redigiam julgaram a patria fóra de perigo e tornaram ás amenidades da agricultura. Logo depois nasceu a *Situação*.

Natal, 13 de Outubro de 1877.

Henrique Camara.»

A *Situação* era impressa na typ. *Rio-grandense*, cedida por seu director e proprietario, dr. Moreira Brandão, e que o dr. Henrique Camara (15) installára na casa de sua propria residencia, a principio, na *Rua Nova*—hoje *Avenida Rio Branco*—depois, na rua da *Conceição*.

(15) Entre os dous trocaram-se as seguintes cartas:

«Illm. Exm. Sr. Dr. Moreira Brandão,

Faço appello aos sentimentos liberaes de V.Ex.

E' o caso:

Intento a publicação de um jornal conservador infenso á actual administração. Acontece, porém, que a unica typographia conservadora que ha nesta cidade está publicando o expediente official por um contracto no qual a sua directoria obrigou-se a não dar publicidade a cousa alguma contra o governo. Não querendo eu que o Exm. Sr. Dr. Nicoláu Tolentino,



O novo organ conservador viveu apenas o resto do anno de sua publicação, desaparecendo quando findava tambem no paiz a direcção politica do partido a que era filiado.

desde que ali seja impresso o meu jornal, prevaleça-se de semelhante motivo para rescindir o contracto alludido, vindo assim a ser feridos interesses que eu não tenho em mira prejudicar por qualquer forma, peço a v.ex. que, para o fim já indicado, ceda-me a typographia de sua propriedade, actualmente desocupada, mediante condições que v. ex. estipulará.

Quando o presidente serve-se dos meios de que pode dispor para amordaçar a opinião, a despeito da qual traçou de ante mão a norma que observará na administração da provincia, aos opprimidos, espero, v. ex. não fechará a unica valvula por onde poderão desafogar-se da pressão que estão sofrendo.

E' um dos mais gloriosos principios da eschola liberal o que assim se inscreve :

«Liberdade da palavra, escripta ou fallada.»

Permitta-me v.ex. fazer o uso que me convenha de sua resposta, dada em seguimento a esta, que tenho a honra de dirigir a v.ex.

Prevaleço-me da occasião para renovar a v.ex. os protestos de minha subida consideração e respeito á pessoa de v.ex.

De v.ex. crº attº venrº

Dr. Henrique Leopoldo Soares da Camara.

Illm. exm. sr.

Em vista dos fins a que v.ex. se propõe com a publicação de seu periodico, entendo eu que, embora conservador, longe de mostrar-se hostil ao partido liberal, pode servir a causa que elle igualmente defende, combatendo os erros e desvios da actual administração, e, não devedo negar-lhe os meios que possam estar á minha disposição, para frustrar os planos de quem quer que seja que pretenda amordaçar a opinião; em resposta á sua carta retro, declaro-lhe que está ás suas ordens a typog-



57—CORREIO DO NATAL-1878-89.-

Periodico politico, moral e noticioso, redigido por João Carlos Wanderley.

Era este o mesmo politico activo e luctador incansavel que, governando a provincia em 1847, tentou fundar nesta cidade uma imprensa official.

Recolhendo-se depois á cidade do Assú, terra de seu berço, ali montou, em 1867 (16), *O Assuense*, que em 1873 passou a chamar-se *Correio do Assú*, até 1877, quando, mudando-se para esta capital, trouxe João Carlos sua typographia e aqui continuou, no anno seguinte, a publicação de seu jornal, mudando-lhe apenas o nome para—*Correio do Natal*.

Este periodico, em que collaborava assiduamente o dr. Luiz Carlos Lins Wanderley (17), genro do redactor ostensivo, o velho bata-

graphia que pede, a qual, embora não seja de minha exclusiva propriedade, se acha entregue aos meus cuidados e sob a minha unica direcção.

Tenho a honra de ser

De v. ex. att^o cr^o venr^o

José Moreira Brandão Castello Branco.»

(16) Tinha então 56 annos de idade, pois nasceu a 25 de Julho de 1811.

(17) O dr. Luiz Carlos, medico, além de eximio jornalista, era dramaturgo, romancista e poeta. Nasceu no dia 30 de Agosto de 1831 e falleceu a 10 de Fevereiro de 1890.



lhador da imprensa, apesar de suas idéas liberaes, esteve quasi sempre em opposição aos administradores da provincia no dominio do partido que acabava de subir.

Em 20 de Agosto de 1885, chamado ao poder o partido conservador e vindo governar a provincia o dr. José Moreira Alves da Silva (18), declarou-se francamente adepto de suas idéas e, defendendo as administrações de seus delegados, tornou-se organ deste partido, em substituição a *O Conservador*, que havia desaparecido, e passou a publicar o expediente do governo, até a queda da monarchia, quando deixou de existir, por ter sido o prélo vendido ao dr. Pedro Velho, redactor d'*A Republica*, já nelle impressa.

João Carlos, velho e pobre, retirou-se completamente á vida privada, indo morar a um canto da rua *José de Alencar*, desta cidade, onde, a 2 de Março de 1899, o foi surprehender a morte no cultivo despreoccupado de suas plantas.

O Correio do Natal tinha seu escriptorio e typographia á rua da *Conceição*, nº 32, medía 54 cents. de comprimento sobre 35 de largura, era regularmente impresso e bem es-

(18) Tomou posse do governo a 22 de Outubro de 1885 e deixou-o a 30 de Outubro de 1886.



cripto e publicava-se uma vez por semana.

58—A REFORMA—1879—83—

Durante o dominio do partido liberal, nem sempre havia accôrdo e solidariedade entre os *amaristas* e o presidente da provincia, o que dava logar a que o velho organ do mesmo partido passasse a fazer-lhe opposição.

Foi assim que, em 1879, poz-se *O Liberal* em desaccôrdo com o presidente, dr. Rodrigo Lobato Marcondes Machado (19), e, porque rompesse em opposição ao seu governo, appareceu, para defendel-o, *A Reforma*, que passou a publicar o expediente official, até 1883, ao findar a administração do dr. Francisco Gouvêa Cunha Barreto (20), quando desapareceu, por ter voltado o organ *amarista* a defender o delegado do governo de seu partido.

59—O ALVIÇAREIRO—1880—

60—A IDEIA—1880—

61—A LUZ—1881—

Pequeno jornal litterario e o segundo deste nome.

[19] Esteve no governo de 13 de Março de 1879 a 1 de Maio de 1880.

[20] Administrou a provincia de 13 de Abril de 1882 a 21 de Julho de 1883.



62—A JUVENTUDE—1882—

Periodico litterario e redigido pelos jovens estudantes José de Calazans Pinheiro (21), Melchizedech Jehovah de Albuquerque Lima, Zacharias do Rego Monteiro, Argemiro Tinoco, Joaquim Tinoco e Manuel Tinoco.

Era impresso na typ. do *Correio do Natal* e sahia uma vez por semana.

63—A MOCIDADE—1882—83—

64—A AURORA—1883—

65—A GARGALHADA—1883—

66—O GAIATO—1883—

Orgam do riso. Publicação incerta. Redactor—Gavroche.

Sahiu á luz da publicidade no dia 27 de Julho de 1883 com o seguinte programma :

«A sociedade natalense resente-se da falta de um periodico que, fugindo do escabroz terreno da politica, onde se debatem os veneraveis *corações* de formato grande, seja unicamente o orgam do riso. E' esta lacuna que *O Gaiato* procurará preencher,

(21) Hoje padre, illustrado lente do Atheneu norte-rio grandense e n'osso distincto confrade do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.



sem que lhe seja preciso invadir o lar domestico, sem que necessite, ao inverso de certos typos graúdos, fazer da diffamação e da calunnia elemento de vida.

Com o riso franco e leal, com a gargalhada expansiva de uma consciencia tranquilla, seguindo sempre a maxima do velho mestre e tendo por fito a moralidade dos costumes, o cumprimento dos deveres, *O Gaiato* será o Gavroche da sociedade natalense, da mesma fôrma por que este pequeno heroe, que a divina penna de Hugo, o mestre, tornou tão grande, era o gaiato da sociedade parisiense.

Abstendo-se, pois, de apresentar pomposo programma, *O Gaiato* entra na arena jornalistica e, tomando a bençã aos vovôs de formato grande, atira para o ar a barretina, faz uma piruêta, humilha-se ante as leitoras, cumprimenta os leitores e, pedindo benevolencia, entra em combate. Com licença....”

Dizendo-se impresso na typ. d'*O Gaiato*, distribuiu gratuitamente seu primeiro numero e os demais a 40 rs., vendidos pelas ruas.

67—O ECHO JUVENIL—1885-84—



68—A ACTUALIDADE—1884—

69—O CRI-CRI—1884—.

70—O PANDEGO—1885—

Jornalete de rapazes, era impresso na typ. do *Correio do Natale* publicava-se em dias indeterminados a 1\$000 por trimestre.

Tendo por divisa—*Faz rir quando não faz chorar*—e como redactores—*Nós e eu*—era mesmo um pandego, o que, entretanto, o não privava de ser bem escripto e espi-rituoso.

Seu 1º numero, medindo apenas 17 cents. sobre 11, foi distribuido no dia 28 de Março de 1885 com o seguinte programma:

«Vencendo *enormes* obstaculos e lutando com os *maiores* embarços, eil-o emfim, depois de *longa* e penosa perigrinação pelas magras algibeiras, chegado ás portas douradas do templo de Minerva. Ahi humildemente implora uma entrada e espera com *bons fundamentos* que um logar de *honra* lhe seja concedido, pois que d'ora em diante deseja ardentemente passar por sujeito *serio*.

Mas, por melhores que sejam suas intenções, não poderá realizar o seu louvavel e generoso empenho —qual o de instruir os



ignorantes, criticar dos pedantes e servir de distracção nesta velha terra (onde o cynismo, de envolta com o calor, vae lavrando em dose bem avultada), si não houver quem o conduza pelo escabroso caminho em que vae emaranhar-se; pois que, apresentando se, como vedes, envolto ainda em cueiros, é mister que tenha quem o amamente e o faça desviar dos abrolhos em que possa naufragar.

Confiado, pois, na benevolencia costumeira dos *botucudos* desta capital, apresenta-se impavido e sobranceiro no campo do jornalismo, como o mais *valente* e decidido campeão, em defesa das lettras patrias. O povo natalense deve applaudil-o sinceramente e recebê-lo com os braços abertos, tendo sempre em lembrança o pedido que aqui faz e vem a ser:—Não devolvam o nº do jornal que for enviado, tendo o cuidado de pagar *adiantada* a sua assignatura, que não é lá quantia tão avultada. E no mais... não sei si me entendeis :

'Stou na melécha,

'Stou melechaudo,

Entrei na pandega,

'Stou pandegando."

Jornal-mirim, como se dizia, affirmava,



entretanto, com orgulho, que tudo poderia ser—*jocosos* ou *serios*, *ensôssos* ou *salgados*, mas ninguém com verdade o poderia tachar de *cacête*, e concluía:

*Será sempre pygmeu,
Sem jamais cacête ser;
Porém, com elle—cautela!
Pois dará o que fazer.*

Ao terminar o seu primeiro trimestre de existencia, annunciou no nº 10 que ia morrer, chegando a escrever seu epitaphio. Mas poderosos reagentes livraram-no desse passageiro ataque de *catalepsia*, e, reaparecendo no dia 13 de Junho, conta assim esse incidente no nº 11:

«Dizem os nossos poetas e os afamados philosophos:

Victor Hugo não morreu!

Eis uma novidade que já nos tardava.

Mas a verdade e verdade cruel é esta:—
O homem seculo disse adeus a sua netinha Joanna, pediu uma oração a todas as almas, cerrou os olhos, e lá se foi....deixando para sempre este mundo, tão cheio de *brocas*, *minhocas* e *pororocas*.

Querem saber de uma cousa?

Muito mais feliz que o exilado de Jersey foi «O Pandego»!

E' serio. Não riam-se.

Porque «O Pandego» annunciou a sua morte, disse no nº 10 que ia morrer e chegou a escrever o seu epitaphio em *composição tarjada*, e, quando todos o julgavam frio, gelado, defunto, em putrefacção, talvez, eil-o a quebrar a tampa do seu tumulo, surgindo da *feral mansão*, de olhos arregalados, respirando mais que uma baleia.

Isso, sim, é que é *não morrer*!

A resurreição d'«O Pandego» não é uma questão de alta philosophia, nem de *baixa biologia*, é uma questão tangivel, legivel, amovavel, dobravel, si quizerem.

A nossa eschola é esta: *o facto, somente o facto*. Fóra d'ahi, com licença da palavra, tudo é bobage.

«O Pandego» está vivo e bem vivo, com todos os seus cinco ou seis sentidos corporaes em acção, e estes tão afiados como as navalhas do *Firmo*.

E' verdade, porém, que ninguém pode fugir a um ataque de *cataplexia galopante* (deixem passar o qualificativo na carreira).

Pois foi essa maldita molestia que rou-

bou a «O Pandego» todos os seus sentidos durante a semana passada! Julgavam-no cadaver; mas o santo elixir das *pharmacias fiduciarias* restituiu-lhe a animação, deu-lhe movimento e, portanto, a vida, a *cára vida* (muito barata para outros), tão apreciada nestes tempos de tanta fartura, por exemplo: *de espertezas, de patotas, de perdões de dividas, de estudantes, de professores, de anquinhas e até de passagens gratis nos trens!*

O elixir, pronunciado cá de certo modo, dando-se ao *x* o som ou valor de *k*, misturado com um *s*, é incontestavelmente um remédio miraculoso e de virtudes *lazaristas*. E' muito capaz de levantar os irmãos de Martha das sepulturas.

Foi justamente isso o que aconteceu a «O Pandego».

Surrexit, est hic!"

Em politica *O Pandego* dizia-se *politico somente*, politico sem praça assentada nos partidos militantes, neutro, bem neutro e, superlativamente falando, até *neutrissimo*. Mas, effectivamente, o não era, denunciava-se conservador, e, quando o ultimo presi-



dente da situação liberal que expirava (22), não querendo que a bomba estourasse-lhe nas mãos, retirou-se para Pernambuco, elle, chorando lagrimas de crocodilo, assim troçava:

*O Altino foi-se embora,
Ai, meu Deus, quanta agonia!
Resemos, pois, por su' alma,
Padre nosso, ave maria.*

*Na despedida do cujo
Sete lenços ensopei!
Sete punhos de camisa!
E elle diz que não chorei!*

*Os abraços foram tantos
Como nunca eu vi assim!
Houve pranto! Houve caretas!
Houveram pazes sem fim!*

.....
*Adeus, povo desta terra,
Disse emfim—o presidente;
Vou-me embora, vou-me embora;
Logo volto, minha gente!
E o povo repetia:
—Viva! viva o presidente!*

(22) Dr. Francisco Altino Correia de Araujo, que governou a provincia de 30 de Setembro de 1884 a 11 de Julho de 1885.

E, quando a 20 de Agosto subiu o partido conservador, *O Pandego* teve um alegrão, um verdadeiro alegrão *em plena praça da alegria*; envia profundas condolencias aos liberaes, congratula-se com a nova situação e, contando com os suffragios de seus distinctos partidarios *archi-neutros*, não trepida em apresentar-se candidato á assembléa provincial.

Chamados, porém, ao que parece, *Nós e Eu*, que tanto se alegraram na *Praça da Alegria*, a occupar outros postos nas fileiras de seu partido, não mais sahio o *pandego* jornal e gorou a sua candidatura.

Para deixal-o, vamos registrar aqui a seguinte interessante glosa de Lourival, que, sob o pseudonymo de *A's-avessas*, encontra-se em seu nº 12, de 20 de Junho:

MOTE

Eu não sei pintar amor.

GLOSA (23)

*Amor é brando, é zangado,
E' faceiro e vive nú,
Tem vista de cururú...
E anda sempre vendado.*

(23) Com musica do proprio auctor.

*E' sincero, é refochado,
Causa prazer, causa dor,
Tem carinhos, tem rigor...
Amor pinte quem quizer,
Retrate amor quem souber,
Eu não sei pintar amor.*

*Amor é terno, é cruel,
E' rico, é pobre, é mendigo,
E' dita, é peste. é castigo,
E' mel puro, é agro fêl.
Tem cadeias, traz laurel,
E' constante, é vil trahidor,
E' escravo, é grão senhor...
Amor pinte quem quizer,
Retrate amor quem souber,
Eu não sei pintar amor.*

*Amor é loquaz, é mudo,
E' moderado, é garrido,
E' covarde, é destimido,
E' galhofeiro, é sisudo,
E' vida, é morte de tudo,
E' brioso, é sem pudor,
Traz doçura, dá travor...
Amor pinte quem quizer,
Retrate amor quem souber,
Eu não sei pintar amor.*



*Amor é grave, é truão,
E' furacão, é galerno,
E' paraíso, é inferno,
E' cordeirinho, é leão;
E' anjo, é nume, é dragão,
Tem azas, tem passador,
Dá coragem, faz pavor...
Emfim, pinte-o quem quizer,
Retrate amor quem puder,
Eu não sei pintar amor.*

71—A LIBERDADE—1885—89.

Quando, em 1885, cahiu o partido liberal, defendia-o na imprensa, em substituição a *O Liberal*, havia pouco tempo desaparecido, *A Liberdade*, que neste character continuou até a proclamação da Republica, quando desapareceu.

Foi o ultimo organ da politica *amarista*, cujo chefe, eleito, em 31 de Agosto de 1889, deputado á 21ª legislatura, não chegou a exercer o seu mandato, por ter sido a Camara dissolvida pelo advento do novo regimen, e desde então retirou-se completamente da politica do Estado, fallecendo na capital federal um anno e oito dias depois de proclamada a Republica.

O dr. Amaro Carneiro Bezerra Caval-



cante nasceu em Pernambuco no dia 15 de Janeiro de 1825, formou-se em direito pela Faculdade de Olinda em 1847 e veio no anno seguinte para o Rio Grande do Norte, onde fez toda a sua carreira politica, tendo sido eleito deputado a' assembléa geral em oito legislaturas e em seis a' assembléa provincial.

Chefe politico de vasto prestigio, foi tambem um dos mais esforçados luctadores da imprensa e da tribuna parlamentar, e, segundo affirma um seu biographo, Silvio Romero faz delle honrosa menção, na «Historia da Litteratura Brasileira», incluindo-o entre os obreiros de mais merecimento do abolicionismo.

Na provincia fundou e dirigiu os seguintes jornaes politicos: *O Dous de Dezembro* e *Correio Natalense*, como chefe do partido conservador; *O Liberal do Norte*, *O Liberal* e *A Liberdade*, como chefe do partido liberal.

Sem redactores ostensivos, sabe-se, entretanto, que, sob a direcção do coronel José Bernardo de Medeiros, logar—tenente do dr. Amaro Bezerra, durante muito tempo esteve á frente da redacção d'*A Liberdade* o talentoso jornalista dr. Manuel do



Nascimento Castro e Silva, que posição saliente occupou depois na politica do Estado, ao iniciar-se o novo regimen, exercendo o cargo de chefe de policia e fazendo parte da juncta governativa, em seguida á deposição do presidente dr. Joaquim de Almeida Castro.

A *Liberdade*, que era o segundo jornal deste nome publicado na provincia, imprimia-se em typographia propria, tinha seu escriptorio e redacção á rua da *Conceição*, n.º 15, e sahia, a principio, tres vezes por mez, depois, todas as semanas.

Quando entrou na arena jornalística, teve de enfrentar o *Correio do Natal*, organ do partido adverso; por fim, luctava contra este e mais a *Gazeta do Natal*, dos quaes dizia com espirito um de seus collaboradores em 31 de Março de 1888:

“Tem o partido conservador nesta capital dous organs de publicidade: o *Correio do Natal* e a *Gazeta do Natal*.

São em tudo bem semelhantes: nascidos do mesmo ventre (prélo), aspirantes aos mesmos interesses, vão aparentando uma harmonia inquebrantavel, notando-se apenas as seguintes differenças:



Elle publica o expediente do governo; ella deseja publical-o;

Elle está mais ligado aos interesses do Tarquinio; ella liga-se mais aos interesses do Padre (24);

Elle tem apenas dous redactores, ella tem redactores de sobra..."

72 — O CARA-DURA — 1886 —

Imparcial, critico e noticioso.

Tendo publicado gratuitamente e em dias indeterminados seus dous primeiros numeros, ao publicar o terceiro, em 5 de Maio, promette sahir dessa data em diante duas

(24) O dr. Tarquinio Bráulio de Souza Amarantho e o padre João Manuel de Carvalho, já nosso conhecido, eram os dous chefes conservadores de mais prestigio nos ultimos tempos da Monarchia. De 1873 a 1889, representaram a provincia na camara temporaria em diversas legislaturas, inclusive a que terminou nesse ultimo anno.

Proclamada a Republica, não mais voltaram os dous chefes a influir na politica do Estado, morrendo ambos afastados das luctas da vida publica, o dr. Tarquinio, no Rio de Janeiro, lente jubilado da Faculdade de Direito do Recife, o padre, que, propheta da Republica, dava-lhe vivas em um de seus ultimos discursos proferidos naquella camara, simples vigario da freguezia de N. Senhora do Amparo, no Estado de S. Paulo, a cujos misteres achava sempre meios de, sem comprometter a vida futura de seus parochianos, roubar algumas horas para dedicar-as a' imprensa, paixão dominante de seu espirito vivaz, pondo-se á frente da redacção do *Correio Amparense*, importante orgam da imprensa paulistana.



vezes por mez, a 3\$000 por trimestre, e escreve estas palavras, como addenda ao seu programma:

«Grande, como é, desde longos annos, no Imperio o partido «Cara-dura», podia em todas as capitaes, sinão em todas as comarcas, haver um jornal que, fazendo conhecer o seu programma, procurasse com mais vantagem engrandecel-o e perpetual-o no paiz; entretanto, assim não acontece, e é cá, deste cantinho obscuro do norte, que sae o nosso pobre jornalzinho, implorando a benevolencia de seus illustres leitores.

Como toda empresa em seu comêço soffre sempre accusações, assim comnosco aconteceu pela inspiração que tivemos em dar á publicidade este periodico; mas hoje, felizmente, já se reconhece que «O Cara-dura» não só é necessario, como é indispensavel.

Parece-nos mesmo que a população, principalmente desta capital, se não acostumará mais a viver sem «O Cara-dura». Elle tem uma utilidade futura de magno interesse para todos os partidos, e esta consiste na descripção sincera dos caracteres que lhe dão o nome.

Quando outro qualquer partido succeder no governo do paiz, haverá ao menos quem



tenha uma collecção d'«O Cara-dura», para ser o phantasma aterrador d'aquelles que já se bandearam e dos que se pretendem bandear com prejuizo do partido que hoje domina.

Promettemos continuar a cumprir o programma que iniciámos, mantendo a mais escrupulosa imparcialidade, respeitando a tudo e a todos; e assim esperamos ser auxiliados pelos nossos amaveis leitores”.

E nas solicitadas desse mesmo numero, sob a assignatura de *Chevelier Fileno*, ao que parece, uma das figuras mais proeminentes de seu partido, vê-se a seguinte.

Canção de um cara-dura (*)

*Passarei vida alegre e feliz,
Navegando n'um mar de ventura:
Fui nortista e tambem liberal
E me ufano de ser cara-dura.*

*Sem a teta não posso passar;
Quem não gosta de estar no poder?...
Quem não sabe levar esta vida
Venha, venha commigo apiender.*

*Uma carta filada eu terei
Para as trevas do mundo espancar,
Mesmo sendo um juiz em Argel,
Cara-dura sempr'hei de ficar.*

(*) Canta-se na solfa de—E' peneira nos olhos que tem.



*Não importa q' o mundo me aponte
Como chaga nojenta, sem cura ;
Eu detesto os doestos do mundo
E me ufano de ser cara-dura.*

73—O SORRISO—1886—

Jornalzinho litterario, com 32 cents. de comprimento sobre 25 de largura. Era dedicado ao bello sexo e redigido por Joaquim Candido da Costa Pereira.

74—ALBATROZ—1887.

Orgam de uma associação litteraria—o club. «1º de Maio»—, publicava-se quinzenalmente e distribuiu seu 1º numero em 1 de Maio de 1887. Era impresso na typ. do *Correio do Natal* e redigido por Godofredo Xavier da Silva Brito, Juvenal Sales, Manuel Garcia e Joaquim Moreira Brandão.

75—O CYSNE—1887.

Orgam do «Comitê Litterario», era tambem impresso na typ. do *Correio do Natal*, de publicação bimensal e redigido pelos jovens estudantes José de Calazans Pinheiro, Diomedes Quintiliano da Silva, Francisco Teixeira de Carvalho e João Baptista de Miranda.



76—VERITAS—1887.

Pequeno jornal litterario, redigido por José de Viveiros, José Barbosa e Manuel do Nascimento Ferreira. Publicou 10 numeros e foi substituido pel'*O Pigmeu*.

77—O PIGMEU—1887—88.

Dizendo-se critico e noticioso, o jornal *pigmeu*—era mesmo de dimensões minimas—distribuiu seu 1º numero no dia 12 de Dezembro de 1887, com o seguinte programma:

“O «Veritas» foi um dia...Coitado! tom-
bou no abysmo e foi «repouzar tranquillo á
sombra de algum cypreste», ao lado dos seus
companheiros *magros e pensativos* !

Não teve a *fortuna* de se concluir com o
mysterioso numero ONZE, temendo com cer-
teza que o qualificassem de *collete*.

Hoje surge da imprensa “O Pigmeu,”
que vem substituil-o. Sustentando as mes-
mas idéas, “O Pigmeu” apparece no mundo
jornalístico de frente erguida, prompto sem-
pre a dar golpes certos no arrojado pe-
dantismo, que vae gastando, como fogo de
monturo, a nossa sociedade.

Do alto de nossas columnas havemos de
uzar sempre do maior positivismo para com



aquelles cujos defeitos nos merecerem censuras.

Aos dignos natalenses ainda uma vez impetramos o grande auxilio de suas assignaturas, para podermos nos manter com denodo na carreira incetada.

E' este o nosso programma."

Em politica «O Pigmeu» dizia-se della arredado, mas não podia deixar de notar o macambuzeamento de certos chefes vermelhos, que andavam de caldos com o triumpho brilhante dos liberaes, obtido no pleito ferido a 20 de Dezembro de 1887.

O artigo editorial do 1º nº do anno seguinte, quando levantava-se como uma onda a idéa abolicionista na provincia, começa-o pela seguinte phrase :

«O Brazil, esta futura republica da America do Sul, muito breve não conterà mais em seu seio essa nodoa negra chamada escravidão.»

Quer tambem commungar as mesmas idéas daquelles que tanto se esforçam pela realisação desta obra meitoria—a libertação dos escravos, e finda dizendo :

«Quem quebra as cadeias da escravidão presta um relevante serviço á patria e obra uma acção agradavel a Deus».



Publicava-se esse periodico em dias indeterminados e, apesar de pequeno, dizia-se impresso em typographia propria e ter diversos redactores.

(Continuará no nº seguinte.)





ARCHIVO

Nas columnas da *Revista* abrimos agora espaço á presente secção, na qual iremos registrando, de accôrdo com o art. 1º de nossos Estatutos, todos os documentos que pudermos obter, colhidos nos archivos ou em outra qualquer parte, e que nos parecerem de interesse para a historia patria, especialmente do Rio Grande do Norte.

Vamos começar por um que se refere particularmente a nós e, por seu valor incontestavel e antiguidade, certo, está no caso de iniciar a serie desses documentos : é a primeira data de sesmaria concedida no Rio Grande do Norte, em 9 de Janeiro de 1600.

Publicamol-a seguida de algumas considerações que a sua leitura nos suggeriu.





Traslado das terras que foram dadas a João Rodrigues Collaço, na Capitania do Rio Grande, pelo Capitão-mór de Pernambuco, Manoel Mascarenhas Homem, em nome do Governador Geral, Dom Francisco de Souza, o qual traslado é o que a liantes segue, no rio Potegy, começando da

Manoel Mascarenhas Homem, Capitão-mór da Capitania de Pernambuco por Sua Magestade, que por mandado do dito Senhor vim conquistar este Rio Grande é fazer nelle a fortaleza dos Reis Magos, a qual obra o dito Governador geral tem provido de Capitão, que actualmente está servindo, ao qual mandou por Regimento seu seguisse e guardasse o Regimento que ora lhe desse &. Faço saber aos que esta minha carta de doação e sesmaria for mostrada e ao conhecimento della tomar, por lhe pertencer, que a mim me enviou a dizer por sua petição o capitão desta fortaleza dos Reis Magos, João Rodrigues Collaço, dizendo que o Governador Geral deste Estado o mandara vir ser o Capitão desta Fortaleza do Rio Grande e

lhe mandara por seu Regimento seguisse e guardasse o Regimento que lhe eu desse, e, estando elle, o dito João Rodrigues Collaço, servindo nesta fortaleza e vendo que a tenção de S.ia Magestade era pevoar-se e cultivar-se esta terra e sertão della, por dar principio as cultivar, queria fazer casas e plantios ou o que a seu bem estiver, sem por isso pagar nenhum fôro nem tributo algum, a qual poderão mandar demarcar, conforme a esta minha carta, e ao longo do rio oitocentas braças o sitio que lhe parecer para tomar as ditas braças que pede de dez palmos cada uma, visto ser a primeira data, de que se lhe passará seu auto de demarcação e esta se registrará de novo de um anno no livro de Registros da Fazenda de Sua Magestade deste Almojarifado, a qual mando se cumpra e se guarde como nella se contém, sem lhe ser posta duvida nem embargo algum. Dada nesta Fortaleza dos Reis Magos aos nove dias do mez de Janeiro de 1600, sobre meu signal, e a que desta nota se tirar será por mim assignada e sellada com o sinete de minhas armas; e, por até o presente não haver Escrivão de Sesmarias, mandei a Afonso Fernandes, Escrivão desta Fortaleza, que esta fizesse neste livro que está



assignado pelo Capitão della, o qual se entregará ao Escrivão que houver de ser das sesmarias para nelle escrever as sesmarias que se derem. E eu, Affonso Fernandes, que a escrevi. Manoel Mascarenhas Homem. O qual traslado de carta de doação e sesmaria Eu, Gaspar Rebello Gondim, Escrivão das datas e demarcações nesta Capitania do Rio Grande, por Sua Magestade, que hoje sirvo, tirei e trasladei do livro das datas a que me reporto e bem e fielmente sem cousa que duvida faça e me assignei de meu signal acostumado, hoje aos cinco dias do mez de Julho de 1611 annos. Gaspar Rebello Gondim. Concertada por mim, Escrivão da Fazenda Real, que passei. Rebello Gondim. E eu, Lourenço de Faria, capitão, Escrivão da Fazenda Real, datas e demarcações nesta cidade do Natal, Capitania do Rio Grande, aqui fiz registrar e subscrevi aos vinte e seis dias do mez de novembro de 1677 annos.

(Do Livro do Registro de Cartas e Provisões da Capitania do Rio Grande de 1670 a 1684, existente no Instituto Historico e Geographico.)

NOTA Este precioso documento, de mais de tres seculos, é a comprovação historica de ter sido Manoel Mascarenhas Ho-



mem, capitão-mór de Pernambuco, o conquistador do Rio Grande do Norte, onde construiu, segundo ordens da metropole, uma fortaleza sob a invocação dos Santos Reis Magos.

A conquista iniciada em princípios de janeiro de 1598 e na qual tanto distinguu-se Jeronymo de Albuquerque, teve seu remate no anno seguinte ; e, sciente d. Francisco de Souza, governador geral do Brazil, do bom exito da empreza, nomeou capitão-mór do forte a João Rodrigues Collaço, o primeiro, por conseguinte, que governou a Capitania.

A 9 de Janeiro de 1600, já empossado do cargo, João Rodrigues requereu e obteve de Manoel Mascarenhas Homem, em nome de d. Francisco de Souza, a primeira sesmaria, de oitocentas braças de terra, ao longo do rio Potengy, a qual acha-se relacionada no *Auto da repartição das terras publicas do Rio Grande, de 21 de fevereiro de 1614*, a que, por ordem de El-Rei, procedeu o capitão mór e governador de Pernambuco, Alexandre de Moura, acompanhado do Ouvidor geral, desembargador Manoel Pinto da Rocha. (Collecção n. 88, do barão de Stuardt, no vol. II dos *Documentos para a*



Historia do Brazil, recentemente publicada.)

Publicamos a presente sesmaria para comprovar aquella referencia, com restricção, porém, quanto ao numero das braças concedidas, que não foram 2 mil e quinhentas, segundo o *Auto* (1), mas oitocentas, conforme a referida sesmaria.

E' provavel que, deante da grande difficuldade que encontrou o distincto historiographo, barão de Studart, na decifração d'aquelle documento, *por sua calligraphia e vetustez do papel*, como disse, tenha-se dado o engano que ora apontamos.

VICENTE S. P. DE LEMOS.

(1) Desse *Auto*, que publicaremos integralmente em um dos proximos numeros da *Revista*, consta que essa doação fôra confirmada por S. Magestade e que as terras respectivas passaram depois, por titulo de compra, ao vigario da capitania, padre Gaspar Gonçalves Rocha, que então as cultivava.





D. Antonio Felipe Camarão

ULTIMA VERBA (1)

Do Recife remetteram-me o n. 224 do «Diario de Pernambuco», de 3 do corrente mez, no qual, sob a epigraphe acima, vem publicado um artigo com que pretende o auctor ter proferido a ultima palavra sobre a naturalidade de Camarão.

Suppõe o articulista que derruiu, deitou por terra tudo quanto se tem dicto contra a pretensão pernambucana, com a simples publicação do depoimento do celebre guerreiro no processo promovido pelo Sancto Officio contra o padre Manuel de Moraes.

Quando de Pernambuco se me deu noticia desse depoimento, dizia-se simplesmente que Capistrano de Abreu, lendo-o na bi-

(1) Transcripto d'A Republica desta Capital, n. 223, de 19 de Outubro de 1907.



bliotheca de Eduardo Prado, delle *inferia* que Camarão tinha nascido em 1601.

Fazendo, então, ao argumento uma impugnação sincera e leal, disse :

“Como não temos em vista outro objectivo que não seja a verdade, sentimos immensamente não ver com os nossos proprios olhos o documento de que se trata. Não que ponhamos em duvida a affirmação dos srs. Capistrano de Abreu e Barão de Studart, cuja auctoridade e competencia somos os primeiros a reconhecer e confessar publicamente. Mas a questão é que diz Capistrano de Abreu : *infere-se*, e é possível que nós, e comnosco muita gente, não infiramos; porque as inferencias não se impõem, dependem do modo de encarar o trecho submettido á nossa apreciação.”

Ha nisto algum desrespeito ou falta de acatamento á auctoridade daquelles incançaveis pesquisadores de nossa historia ? Pelo contrario, não sou o proprio a reconhecer-a publicamente ?

Pois—vejam os leitores—no alludido artigo, com intenção que a ninguem escapa, escreveu-se o seguinte :

“Entretanto, quando se procurou engendrar uma contradicta ás conclusões de



um homem da estatura litteraria de Capistrano de Abreu, sobre a epoca do nascimento de d. Antonio Felippe Camarão.....”

Quando se discute, tem-se o direito de ser forte, intransigente, cruel mesmo—si o quizerem—com o adversario ; mas o que não é correcto nem leal é pretender-se collocar-o, por uma interpretação leviana de suas palavras, em posição esquerda diante de terceiro.

Acaso procurei *engenhrar* contradieta a alguma affirmação categorica de Capistrano de Abreu ?

Não ; não conhecendo o depoimento em questão, nem se me dizendo em que termos era elle escripto, lastimei apenas que o não pudesse ver com os meus proprios olhos ; porque, tratando-se de simples inferencia, não era de extranhar que, na minha obscuridade de provinciano atrasado, pudesse tirar delle inferencia diversa.

Mas houve excessivo aqodamento em se dizer a couza ; quando, com um pouquinho mais de paciencia, ter-se-ia feito, publicando o depoimento, formal e categorica affirmação.

Sim, a prova que se exhibe agora é concludente e não deixa a menor duvida sobre



o ponto a que se refere; é o proprio Camarão quem fala. E, não me sendo licito, nem por pensamento, duvidar da authenticidade da copia de seu depoimento que tenho diante dos olhos, sem o menor constrangimento, mas antes com o prazer que experimenta quem chega ao exacto conhecimento de um ponto controvertido, por minha vez reconhecimento e affirmo que o heroe de Cunhaú nasceu em 1601.

Dou, portanto, parabens sinceros ao illustrado dr. Capistrano de Abreu por ter dado o tiro de morte neste ponto de nossa controversia com os pernambucanos.

Não falemos, pois, mais nisto; está assente e documentadamente provado que Camarão nasceu em 1601, e, portanto, desfeitas umas tantas conclusões minhas, decorrentes do falso presupposto de ter elle nascido em 1580, como conjecturava Porto Seguro. Neste particular, foi sim, proferida a ultima palavra.

O que, porém, não tolera a *rabulice litteraria* de minha terra é que se procure levar a prova desse depoimento além dos limites que o proprio depoente lhe traçou; que, além do tempo, se veja ahi tambem determinado o logar de seu nascimento.



“Perguntado—são os termos do depoimento—se conhecia (*a testemunha*) o padre Manoel de Moraes, Religioso da Companhia em Pernambuco, disse que o conhecia avia dezoito annos pouco mais ou menos e a Razão que teve para o conhecer foi mandalo o superior ao dito padre ensinar a doutrina a aldeia de Meretibi, onde elle testemunha residia.”

O articulista do *Diario de Pernambuco*, lendo com animo prevenido esta parte do depoimento, conclue, invertendo a ordem natural da phrase, que se perguntou a Camarão *se conhecia em Pernambuco* o padre Manoel de Moraes, Religioso da Companhia, e que, respondendo elle que o conhecia, havia dezoito annos, pela razão de ter ido o dicto padre, a mandado de seu superior, ensinar a doutrina na aldeia de Meretibi, *onde elle testemunha residia*,—não resta a menor duvida que se trata de uma localidade situada em territorio pernambucano !

Não ; como se vê claramente da propria organização grammatical da pergunta—que, a não ser o máu vezo de se descobrir em tudo um argumento, nenhuma razão ha para inverter-se—o complemento *em*



Pernambuco não está modificando a significação do verbo *conhecia*, mas a da expressão *Religioso da Companhia*; e nem Camarão affirmou na resposta que a aldeia de Meritibi, onde residia, era localidade pernambucana, nem cousa alguma que auctorizasse aquella conclusão.

São argumentos desta ordem que se vêm apresentar para pôr termo á questão; e, porque desde principio temol-os combatido com energia, somos taxados de usurpadores.

Não, não somos usurpadores, nem—para servir-me da expressssão de illustre pernambucano, infelizmente já fallecido—ambicionamos para nossa terra glórias que lhe não pertencem; cedemos, como acabamos de fazer com toda a lealdade. Mas—convença-se o articulista pernambucano—sophismas e affirmações inanes não passarão sem reparo e só cederemos á evidencia.

E' de tal força aquelle argumento que nenhuma duvida tenho em acceital-o, parecendo-me, por outro lado, que effectivamente a aldeia de Meritibi era situada em territorio pernambucano e que ahi conheceu Camarão o padre Manoel de Moraes;



mas não pela razão dada—que bem mereceu a troça que lhe fizeram jovens patriocios meus no Recife—de que, tendo residido o padre por muito tempo na Capitania do Rio Grande do Norte, ali deveria tel-o conhecido o chefe indigena, si fosse filho da mesma Capitania.

Oliveira Lima, no resumo que está fazendo das 500 folhas desse processo no novo organ da imprensa fluminense—«O Brazil», diz ficar-se sabendo do mesmo processo “que Moraes estivera, rapazola, no collegio dos jesuitas na Bahia, que passára a Pernambuco com o provincial e que, ao estalar a guerra, em 1630, era superior de uma aldeia de indios, o que faz crer que ali mesmo recebera as ordens; que de positivo ha que, homem de acção por temperamento, commandou seus tutelados indigenas na primeira phase da guerra..... mas que, não tendo parecido aos seus superiores decente tal combinação de missionario e guerrilheiro por gosto, foi Manoel de Moraes compellido a deixar a lucta, de certo com desagrado, retirou-se com varios jejuitas mais para uma aldeia de suas missões, dahi passando a Itamaracá e, ao ser toma-



da a ilha em 1633, transferindo-se para o Rio Grande do Norte."

Ora, datando o conhecimento dos dous personagens historicos de que nos occupamos de 1629 (não 1628), é claro que só podia ter-se dado em Pernambuco, onde já se achava o Camarão. Antes não consta tivesse estado o padre no Rio Grande do Norte, para onde só em 1633 se transportou.

Mas, que valor pode ter esta circumstancia para prova da naturalidade do grande chefe em Pernambuco? Nascido em 1601 e já tendo, portanto, 28 annos de idade quando conheceu o jesuita, só podia ter visto pela primeira vez a luz do dia na aldeia de Meritibi, onde tinha então sua residencia, ou em qualquer outra do territorio pernambucano?...

Camarão entra para o scenario historico, indo apresentar-se a Mathias de Albuquerque para servir a Sua Magestade na guerra contra os hollandezes, em 1630, com 29 annos de idade e já principal e capitão de sua aldeia e de outras que lhe eram subordinadas, segundo o testemunho do contemporaneo fr. Manuel Calado.

Ora, si era, como affirma seu companheiro d'armas Duarte de Albuquerque, so-



brinho de Jaguarary, o famoso chefe potyguar que durante muitos annos estivera preso nos carcerees da fortaleza dos Reis Magos, d'onde sahira por occasião da conquista da Capitania pelos hollandezes ; si era filho do velho Potyguassú, o poderoso chefe da aldeia de Ygapó, no Rio Grande do Norte, como conjecturava Candido Mendes e affirma agora Rocha Pombo em sua excellente *Historia do Brasil*, Potyguassú, o mesmo que a *benevolencia* pernambucana nos concede e faz desapparecer no Ceará em 1614 ;—como despresarem—se todas estas provas circumstanciaes, de eloquencia esmagadora em nosso favor, e outras mais constantes de nossas publicações anteriores, para affirmar que Camarão é natural de Pernambuco, simplesmente porque está hoje provado que nasceu em 1601 e com 28 annos de idade ali residia ?...

Vê-se, pois, que o precioso codice que encerra o processo do padre Manuel de Moraes não forneceu elementos para a terminação dessa *delenda Carthago*, como dali se affirma. A questão propriamente dicta, isto é, a que versa sobre o logar do nascimento de nosso heroe, continúa no mesmo pé, e permitta-me o articulista que, ainda



uma vez, repita o conhecido mote, que se procurou desvirtuar supprimindo-se as indispensaveis palavras que o precederam : *Com as provas existentes, Camarão é e será rio-grandense do Norte, queiram, ou não queiram os invejosos de nossas poucas glorias.*

LUIZ FERNANDES



Monsenhor José Paulino

No dia 24 de Setembro de 1907 falleceu na cidade do Recife o nosso illustrado e saudosissimo confrade Monsenhor José Paulino de Andrade.

A *Revista* presta agora a devida homenagem a sua memoria, transcrevendo para estas paginas o elogio funebre e os traços geraes de sua vida que se encontram no n. 31 do *Oito de Setembro* de 29 d'aquelle mez e anno. Diz o organ da religião catholica no Estado:

“Chora a Igreja e geme a sociedade, ouvindo dobrar a finados o sino de nossa Igreja Matriz.



De todos os lados ouve-se a latente interrogação—quem morreu? e a resposta é esta cruel affirmativa: Monsenhor José Paulino.

No Recife, para onde seguira, mezes antes, como havíamos annuciado, em procura de melhoras a sua alterada saúde, veio roubar-lhe a vida a mão traiçoeira da morte, que, em seu cortar desdenhosa, ceifa o joio e o trigo, extingue o justo e o peccador.

Ao annunciarmos este doloroso acontecimento, confrange-nos o coração amarga saudade e humedece-nos as faces comprida lagrima, tanto pode a morte.

Sentimos tambem não poder detalhar os occorridos nos ultimos momentos precursores do passamento, pois a noticia nos foi transmettida pelo telegrapho.

Sabemos, porém, que os seus funeraes tiveram a altura de uma apothecose, tanto vale a fama, pelo muito que era conhecido e estimado n'aquelle meio pernambucano.

Punge-nos acerba e dolorosamente a alma registrarmos o cruciante traspasse do sacerdote querido, cujos despojos preciosos conserva hoje o tumulo em seu sombrio mysterio ! ...



Como um puro e sancto que foi, passou pela vida disseminando em profusão o bem e levando a todos os que soffrem, aos miserandos e aos infortunados lenitivo e consolo com a doçura de sua palavra meiga e carinhosa, como um osculo de mãe.

Quanto se ama, acata, venera e reverencia, nós soubemos religiosamente respeitar aquelle sacerdote, venerar aquelle levita da religião, que era o exemplo vivo de santos ensinamentos e o corollario das mais acrysoladas virtudes.

O choque, no momento primeiro, é enorme, todo suspensivo das reflexões e dos movimentos; logo, porém, a recordação do bem perdido acode-nos dolorosamente, e, então, como que uma galvanização percorre-nos os membros, curvando-nos a cerviz, depauperando-nos a materia e quasi que fazendo-a dissolver-se inteira aos olhos correntes de lagrimas interminas, olhos que não mais terão a 'suprema ventura de ver, sorrindo, a abençoada personalidade animadora do sancto apostolo do Senhor.

Orador, jornalista e sobremodo polemista, todos o reconheceram; mestre da palavra, ouvimos-o sempre trazer preza, quan-



do o seu busto dominava as multidões, a atenção de quantos o escutavam.

Ainda mesmo depois de perder sua primitiva actividade, revelava os arroubos de sua pujante eloquencia, como claramente 'manifestou' nos sermões do Encontro, do Lava-Pés e da Coroação de N. Senhora na semana sancta do anno passado, nesta Capital.

Como jornalista, attestam sua competencia as columnas de honra dos jornaes de maior circulação de muitas localidades do paiz.

Como polemista ninguem avantajou-se diante de sua logica concludente.

Nesta Capital, sob diversos pseudonymos, bem como de assignatura propria, atirou a luva e, diante do repto, levou sempre de vencida os seus contendores.

A sua penna tinha particular erudição quando patenteava as grandezas e prerogativas da mãe de Deus.

"Felizes os que morrem no Senhor": Beati mortui in Domino moriuntur."

Esse artigo, occupando toda a primeira pagina do jornal, deixa no centro um espaço, onde se lê tarjado o seguinte soneto, expressão maviosa de infinda saudade:



A memória do intrepido paladino da Religião Catholica—Monsenhor José Paulino de Andrade

ALÉM

O mundo é mesmo assim! A mascara da ironia
Deixa sempre exudar a chaga da tristeza,
Quantas vezes do riso a falsa correnteza
Arrasta o coração que sangra dia a dia!

Cahiste, luctador! Não foi a cobardia
Que te fez desertar da gloriosa empresa;
Roubou-te o soffrimento as armas da defeza,
Cahiste, como heroe, nos braços de Maria.

Da tortura cruel a noite opaca, immensa,
Nunca poudes apagar-te esta divina crença,
Feita de tanto amor, cheia de tanta aurora.

Poste os louros colher de teu combate rude...
Feliz do que se vae nas azas da virtude
Nos altares do Azul beijar Nossa Senhora.

Segundo WANDERLEY

Veem-se depois os seguintes

Traços biographicos

Monsenhor José Paulino de Andrade



nasceu na visinha cidade de S. José de Mipibú em 16 de Março de 1861, filho legítimo do capitão José Paulino de Andrade, já fallecido, e d. Rita Bernardina de Andrade que lhe sobrevive.

Muito moço, começou os seus estudos nesta capital. D'aqui seguiu para o Rio de Janeiro, onde matriculou-se na eschola superior de medicina, que frequentou até fazer os actos do primeiro anno.

Por esse tempo sendo sagrado bispo da diocese de Pernambuco o exmo. sr. d. José Pereira da Silva Barros, convidou-o para vir em sua companhia, pois descobria n'elle decidida vocação ao estado sacerdotal.

No seminario de Olinda sua passagem foi tão luminosa quanto rapida, revelando precocidade de intelligencia e candura de coração, a ponto de merecer de seus superiores e mestres os mais encomiasticos applausos e de seus collegas um preito de verdadeira admiração.

Das mãos do exmo. sr. d. José recebeu o seminarista José Paulino todas as ordens menores e maiores até o presbyterato, que teve logar em Março de 1886.

Foi, após sua ordenação sacerdotal,



nomeado coadjutor de uma das freguezias dos bairros do Recife ; contando dessa data seu conceito de consummado tribuno sagrado.

Pelos annos de 1888 foi nomeado vigario da freguezia de Macahyba e, em seguida, collado na mesma, depois de brilhante concurso, realizado no Recife, então séde do bispado, em presença de competentes examinadores synodaes.

Ao seu zêlo deve a matriz daquella parochia alguns de seus reparos. Reconhecendo acanhados os limites de sua acção, seguiu em Agosto de 1895 para o sul, onde demorou-se na diocese de Mariana, merecendo do bispo daquella vasta diocese a vigararia da soberba freguezia de Pouso-Alegre.

Foi então que, transpondo a esphera do parochiato, levantou a idéa da criação da diocese de Pouso-Alegre, que em breve viu ser uma realidade.

Património, seminario, collegio, cathedra e até mesmo palacio episcopal foram adqueridos mediante os seus esforços, em uma campanha de tantas luctas quantas victorias. Depois de crear o bispado sul-mi-



neiro, voltou ao Rio Grande do Norte em Outubro de 1901.

Aqui, não obstante seus excessos de trabalho no sul, dedicou-se ainda á vida activa do parochiato, regendo successivamente as parochias de Papary e Touros, de Março de 1902 até fins de 1903.

Nesse mesmo mez e anno de 1902 foi agraciado pela S. Sé com o titulo de Prelado domestico de S. Santidade, a pedido de seus amigos de Pouso Alegre.

No intuito louvavel de visitar a diocese por quem tanto trabalhara e agradecer pessoalmente a distincção que lhe adqueriram seus amigos, voltou o Monsenhor a Pouso Alegre em Janeiro de 1904.

Depois de curta demora, fez-se de viagem para o torrão natal, fixando residencia nesta capital, onde já residia sua exma. familia. A dedicação ao trabalho, a morte de seu extremoso pae, ha um anno apenas, as consequencias de molestia que o accommettera no sul determinaram a precipitação de sua morte na idade de 46 annos.

Talis vita finis ita—assim como viveu morreu.

Jornalista de inquebrantavel talento, tribuno de fina tempera,, o seu verbo poten-



te inflamava a multidão, ora ensinando a verdade divina e mostrando a via da salvação, ora pugnando pela liberdade e glorificando os heroes da patria.

Não hesitamos em affirmar que elle sentia-se feliz e encorajado quando defendia o culto da Virgem Santissima.

E, como demonstração, a morte veio roubar-lhe a vida no dia em que a Egreja, commemora o titulo de N. Senhora das Mercês.

Tendo tecido seus elogios nesta vida, acha-se gosando sua presença na eternidade."



te inspirava a multido, ora chorando a
gloria divina, mostrando a via da salva-
cao, ora chorando pela liberdade e gloria
tanto os heroes da patria.

Nao desistimos em alimentar que elle se-
ria se tornasse a chorar, quando de dentro o
santo da Virgem Santissima.

Como demonstracao a morte tem
tudo a vida no dia em que a Terra
commemora o fim de N. Senhora das

Miracles.
Tudo tendo seus olhos nesta vida
acha-se chorando sua presenca na eternida-

de.
de.
de.

de.
de.
de.

de.
de.
de.

de.
de.
de.

de.
de.
de.

Directoria do Instituto

ANNO SOCIAL DE 1908 a 1909

PRESIDENTE

Dr. Olympio Mannel dos Santos Vital

VICE-PRESIDENTES

1º Desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos
2º Desembargador João Baptista de Siqueira Cavalcanti

SECRETARIOS

1º Dr. Luiz Manuel Fernandes Sobrinho
2º Coronel Pedro Soares de Arango

SUPPLENTES DO 2º SECRETARIO

Padre José de Calazans Pinheiro
Dr. Thomaz Landim

ORADOR

Dr. Francisco Pinto de Azevedo

ADJUNTO DO ORADOR

Dr. Honorio Carrilho da Fonseca e Silva

THESEURFIRO

Dr. Hemeterio Fernandes Raposo de Mello

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos
Dr. Luiz M. Fernandes Sobrinho
Dr. Henrique Castriçiano de Souza

COMMISSÃO DE FAZENDA E ORÇAMENTO

Dr. Manuel Hemeterio R. de Mello
Dr. Francisco Gomes Valle Miranda
Coronel Luiz Emygdio Pinheiro da Camara



Directorio do Instituto

ANUÁRIO SOCIAL DE 1904-1905

EXEMPLOS

1. O Instituto Social de Lisboa, em 1904, teve 1.234 membros.

2. O Instituto Social de Lisboa, em 1905, teve 1.345 membros.

3. O Instituto Social de Lisboa, em 1906, teve 1.456 membros.

4. O Instituto Social de Lisboa, em 1907, teve 1.567 membros.

5. O Instituto Social de Lisboa, em 1908, teve 1.678 membros.

6. O Instituto Social de Lisboa, em 1909, teve 1.789 membros.

7. O Instituto Social de Lisboa, em 1910, teve 1.890 membros.

EXEMPLOS

8. O Instituto Social de Lisboa, em 1911, teve 1.901 membros.

9. O Instituto Social de Lisboa, em 1912, teve 1.912 membros.

10. O Instituto Social de Lisboa, em 1913, teve 1.923 membros.

11. O Instituto Social de Lisboa, em 1914, teve 1.934 membros.

12. O Instituto Social de Lisboa, em 1915, teve 1.945 membros.

13. O Instituto Social de Lisboa, em 1916, teve 1.956 membros.

14. O Instituto Social de Lisboa, em 1917, teve 1.967 membros.

15. O Instituto Social de Lisboa, em 1918, teve 1.978 membros.

16. O Instituto Social de Lisboa, em 1919, teve 1.989 membros.

17. O Instituto Social de Lisboa, em 1920, teve 1.990 membros.

18. O Instituto Social de Lisboa, em 1921, teve 1.991 membros.





A IMPRENSA PERIODICA
NO
Rio Grande do Norte
PARTE II

CATALOGO DOS JORNAES PUBLICADOS NO RIO
GRANDE DO NORTE

1832—1908

(Continuando do 1.º numero deste volume, pag. 136)

78—GAZETA DO NATAL—1888—90

Ao publicar-se dizia-se *orgam conservador* e tinha como redactores os drs. Manuel Porphirio de Oliveira Santos, cunhado e representante do padre João Manuel de



Carvalho, director e proprietario do jornal e o chefe da politica conservadora no 2º districto da provincia, e Antonio de Amorim Garcia, representante do dr. Tarquinio de Souza, chefe da mesma politica no 1º districto.

Com o *Correio do Natal*, fazia, assim, nos ultimos dias da monarchia, a defeza do partido conservador, em opposição á *Liberdade*, que defendia o partido liberal, então no poder.

Era bem escripta e apresentou se ao publico, em seu primeiro numero, distribuido no dia 1º de Janeiro de 1888, nos seguintes termos:

“Na vasta esphera das sciencias do Estado é fóra de duvida que a politica, de certo tempo a esta parte, passou a occupar lugar preponderante em todas as manifestações da vida social, sobretudo depois que se tem procurado constituil-a disciplina independente, delimitando o seu objecto e os seus fins, assignalando as suas funcções como sciencia e como arte do governo do Estado.

Nem podia deixar de ser assim, a despeito da *rhapsodia brilhante* de alguns litteratos distinctos contra a influencia da politica nos tempos actuaes, porque, como con-



ceitúa Oliveira Martins, *a politica é, ou antes pode e deve ser uma cousa nobre, digna e susceptivel de tanta grandeza como as maiores manifestações do genio do homem.*

Entre os sujeitos activos que a politica como sciencia presuppõe occupa primeiro logar o poder publico, que interessa a todos os que não soffrem de indifferença pelos negocios publicos, e cujos actos não podem passar desapercibidos. deixando de ser devidamente apreciados pela imprensa e pela opinião, unicos meios de avaliarem-se as qualidades moraes e intellectuaes do governo, a cultura e a energia politica de um povo.

Em segundo logar vêm os partidos politicos com suas divergencias, que os separam, mas, em compensação, com uma virtude, que lhes deve ser commum, —o patriotismo; partidos que representam uma criação toda moderna, bem differente das facções dos tempos da barbaria, em que não havia ordem, nem paz, nem direito, nem liberdade.

Si hoje, com a actual organização dos partidos, estes devem ter chefes e disciplina, faz-se egualmente mistér de orgams de publicidade, que os doutrinem, esclareçam e instruam.



Si os chefes devem servir para guial-os na consecução dos seus fins e a disciplina para fortalecel-os pela união, aos orgams a que alludimos incumbe pôl os em communicação com aquelles, a quem compete dirigil os na sustentação e defeza dos seus principios, sempre de accôrdo com os grandes interesses nacionaes.

Isto justifica o apparecimento da *Gazeta do Natal*, não obstante a existencia do decano da imprensa, denodado campeão das luctas politicas e extrenuo defensor das idéas conservadoras na provincia—o *Correio do Natal*.

A *Gazeta do Natal* não tem programma, nem precisa desta sensaboria, para com inteira liberdade e independencia promover quanto em si couber o bem publico, pugnando pelos legitimos interesses da provincia e principios politicos que professa.

Em Portugal e Brazil (como ha pouco foi observado por um jornal illustrado da Europa) o uso e o abuso do programma é mais terrivel do que o uso do opio na China e o uso da morphina entre as damas e dandies dos Estados Unidos.

Homens e partidos se têm geralmente desacreditado nos dous paizes com os seus



programmas, pela simples razão de nunca serem observados.

Dahi a razão porque modernamente se considera o programma—*a molestia mais perniciosa que pode atacar um jornal, um jornalista, um deputado ou um partido.*

A existencia da *Gazeta do Natal* explica-se pelo espirito do tempo, ou mais accentuadamente pela circumstancia de nunca ser de mais um organ de discussão e publicidade, maxime quando se consagra á propagação de idéas sãs e á defeza de boas causas.

Na imprensa—este *forum dos povos modernos*, conforme chamava Laboulaye, é esta pelo menos a nota tónica da actualidade.

Ella declara-se francamente organ do partido conservador e, indo fazer parte do jornalismo da provincia, deseja apenas modesto logar que lhe permitta pugnar pelo que é grande, e, na brilhante expressão de um publicista moderno, se levanta acima da imbecilidade vaidosa, do egoismo tacanho e da chatinagem intrigante.

Dedica-se aos interesses do grande partido que tem por si, além do mais honroso passado e veneranda tradição. um titulo de gloria pelos relevantes serviços prestados ao paiz, pelos sentimentos patrioticos que o



animam e o levam a procurar tornar-se forte pela disciplina e pela união.

Não terá o tom dogmatico e magistral de um organo official, mas o accento de suas convicções, livremente manifestadas na arena da discussão, no terreno da mais completa egualdade observada para com os seus contendores, que jamais terão o direito de duvidar de sua sinceridade e da pureza de suas intencões."

Começou a imprimir-se na typographia do "Correio do Natal"; chegando, porém, no dia 19 de Março as machinas de impressão, mandadas vir directamente dos Estados Unidos, para o serviço de suas officinas, foram estas montadas á "Praça d'Alegria" e ahi, do nº 25 em diante, passou a ser impressa, sob a habil direcção do conhecido artista desta cidade major Augusto Cezar Leite.

Em Agosto transferiu a sua officina para a rua "Visconde do Rio Branco", nº 35, onde passou a ser publicada, sendo já ahi impresso o nº 67.

Seguindo para a Côrte, em 24 de Maio, a occupar o logar, com que acabava de distinguil-o o presidente do conselho de ministros, conselheiro João Alfredo Correia de O-



liveira, de official de seu gabinete, deixou o dr. Oliveira Santos fazendo as suas vezes na redacção da *Gazeta do Natal* o major Joaquim Guilherme de Souza Caldas um de seus mais assíduos e intelligentes collaboradores, até 21 de Junho de 1889, quando chegou de volta a esta cidade o mesmo doutor, por ter deixado as funcções daquelle cargo com a retirada do gabinete 10 de Março e subida ao poder do partido liberal.

A *Gazeta do Natal* defendeu o throno e o partido conservador até os ultimos momentos da monarchia. Quando, em principio de Julho, sob a direcção do dr. Pedro Velho, appareceu *A Republica*, pressurosa sahiu lhe ao encontro, defendendo esse partido e os seus chefes de accusações que lhes fazia o orgam do nascente partido republicano, "sahido—como dizia—da phantasia de sonhadores *sans culottes*," e ainda a 16 de Novembro, publicando o seu nº 144, mantem-se no mesmo posto e nenhuma palavra diz sobre os notaveis acontecimentos que na vespera mudaram completamente as instituições politicas do paiz.

Firmada, porém, a Republica, a *Gazeta* acceitou a como um facto consummado e continuou por mais um anno; mas já não fi-



guravam no cabeçalho os nomes dos redactores, por divisa tinha adoptado a da bandeira republicana—*Ordem e Progresso*—e publicava-se somente aos sabbados.

No 1º numero que seguiu-se áquelle, distribuido a 4 de Dezembro, reservando-se o direito de emittir mais de espaço a sua opinião sobre a encarecida excellencia do regimen federativo, transcreve do *Diario de Noticias*, do Rio, um artigo, cuja leitura recomenda aos leitores, por conter uma idéa resumida e clara desse systema e do modo por que se ha de organizar o Estado federado; dá noticia muito minuciosa dos extraordinarios successos desenrolados na Côrte e que áderam em resultado a queda da monarchia e proclamação da republica, e logò pôe-se em opposição ao governo provisorio do Estado, censurando os seus primeiros actos, opposição que fez enquanto existiu. Nesse mesmo numero escreve um de seus redactores:

“A ULTIMA EVOLUÇÃO

Na imprensa conservadora, no modesto posto que nella assumi, esforçando-me sempre por eleva-la, veio encontrar-me a radical evolução politica operada no paiz.



Obscuro redactor desta folha, proffigui sempre em edictoriaes a politica nefasta inaugurada a 7 de Junho pelo gabinete liberal, que, conculcando as liberdades publicas, comprimia a alma popular. avida de expansão.

Sem arrogar-me penetração alguma, considerava-o entretanto destinado a inevitaveis e proximos revezes, quando foi elle levado de rojo na grande vaga democratica que assoberbou o paiz inteiro.

Em dezeseis annos de vida publica, diz-me a consciencia não me haver afastado nunca da trilha do dever, embora eriçada de espinhos.

Acceptando os factos, obedecendo ao governo constituido no meu paiz, dei a tal respeito, no dia 22 do corrente, publico e—como se me afigura—condigno testemunho.

Si, em condições de normalidade, nunca seria de mais um organ de publicidade, este postulado impõe-se á convicção de todas nas condições actuaes, em que o paiz attinge o periodo mais activo de desenvolvimento em sua marcha evolutiva.

A imprensa tem sempre uma missão grandiosa na elucidação do espirito publico.

Deixando a redacção desta folha por ter



de assumir a direcção de outra (25), de minha propriedade, a qual em breve tomará modesto logar no jornalismo, cabe-me o dever de agradecer aos meus illustres collegas e companheiros nas lides da imprensa as provas de inequivoca attenção, aliás benevola, com que me distinguiram.

Aos dignos operarios da officina typographica desta folha, dentre os quaes destacaria, si me fosse licito, o principal encarregado della, o sr. Augusto Leite, me é grato render, por egual, publico testemunho da affectuosidade em que sempre convivemos.

A todos offereço o meu apoucado, mas espontaneo prestimo

Naturalmente avesso a qualquer estrepito em torno do meu nome, que raras vezes emerge da maior obscuridade, com esta simples exposição tenho por fim assignalar a minha posição, como me cumpre.

Natal, 27 de Novembro de 1889.

A. de Amorim Garcia."

O dr. Oliveira Santos continuou na redacção da *Gazeta do Natal* até a publicação do

(25) O Rio Grande do Norte.

nº 196, de 13 de Dezembro de 1890, no qual despede-se de seus amigos, por ter de seguir nesse dia para o Rio, e vem inserta a seguinte local:

“DR. OLIVEIRA SANTOS

A rapida e inesperada viagem do nosso illustrado collega e chefe de redacção, dr. Oliveira Santos, á capital federal, ou antes a sua ausencia, que traz para nós a falta daquelle infatigavel companheiro de trabalho, determina a necessidade da suspensão de nossa tolha até ao seu regresso a este Estado.

O nosso collega pouco se demorará e, em chegando, empunharemos de novo a penna, para proseguirmos em nossa tarefa.

Aos nossos assignantes e leitores pedimos desculpa desta falta, determinada por motivo imperioso e todo independente de nossa vontade, a qual deve ser ainda attenuada pela circumstancia de acharmo-nos em um mez de festa para nelle gozar-se de algum descanso em poucos dias de saeto e de ferias”.

A *Gazeta*, porém, não reappareceu ; foi esse o ultimo numero que publicou, contando assim menos de tres annos de existencia.



Durante esse periodo não foi somente um organ de interesses politicos e partidarios; occupou-se tambem do estudo de altas questões sociaes, tratando das quaes, estreou em suas columnas, augurando a fama litteraria de que hoje merecidamente goza, o nosso illustrado amigo e confrade dr. Antonio de Souza, então quarto-annista de direito, e escreveu o seu talentoso redactor chefe uma serie de excellentes artigos, dos quaes, reconhecendo o merecimento scientifico do auctor, transcreveu o *Jornal dos Economistas*, do Rio. os referentes a assumptos economicos.

Segundo Wanderley, de quem já haviamos encontrado produções poeticas no *Correio do Natal*, ahi tambem apparece com essa musa vibrante e sonora, que o sagrou principe dos poetas potyguares. Descrevendo as festas com que nesta capital foi commemorado o 1º anniversario da lei de 13 de Maio de 1888, traz o nº 120 da *Gazeta* a seguinte poesia, que o mavioso cantor das *Estrellas Cadentes* recitou, entre applausos da multidão, da porta do *Correio* :

Quando um povo qualquer heroico se levanta
Para banir um crime, um erro corrigir,
Accende mais um sol no templo do progresso,
Sóbe mais um degráu no templo do porvir.

Neste dia immortal de transição sublime
Transborda a consciencia. exulta o coração,
Transforma-se a senzala em luminosa tenda,
O tronco faz-se altar, o escravo cidadão.

Para firmar, porém, esta conquista ingente
E aniquilar p'ra sempre o servilismo vil
E' preciso banir a negra ignorancia,
Dar ao liberto a luz e a instrucção civil.

O Parlamento fez a lei anti escravista.
A Princeza apagou o tetrico borrão ;
Compete agora a vós, oh Mocidade athleta,
Fazer do verme um ser, do orpham vosso irmão.

Dia augusto e feliz, oh data de esperanças,
Que de uma vez mataste a hydra social!
Tu es mais que um phanal do céu americano,
Es a gloria de um sec'lo, um bem universal!

A natureza inteira enfeita-se de galas,
Singra a lua ridente a têla côr de anil,
Saúda a humanidade em delirante applauso
A mais bella epopéa da historia do Brazil.

A *Gazeta* solemnizou a data do primeiro
anniversario da proclamação da Republica
imprimindo a 1ª pagina de sua edição de 15
de Novembro de 1890—n. 192—em tinta côr
de roza, com um bem elaborado artigo, que,
sob a epigraphie SALVE QUINZE DE NOVEM-
BRO DE 1889, por sobre o sêllo da Republica,
assim termina :

"Celebrando-se hoje o primeiro anniver-
sario desse grandioso acontecimento, que im-



porta a victoria da Republica no Brazil, não pode a *Gazeta do Natal* deixar de dirigir sinceras saudações ao patriotico Governo Provisorio pela gloriosa conquista daquelle dia feliz, em que por todo o Paiz se espargiram os primeiros raios de luz do sol da redempção do Povo Brasileiro”.

Por tão justo motivo vibra tambem de patriotismo a musa de Segundo Wanderley e o numero immediato da *Gazeta* traz com sua assignatura e escripto naquelle dia o seguinte

SONETO

Ao 1º anniversario da Republica Brasileira :

*Filhos do Rio Grande, alçai as fronte,
Vinde applaudir as festas do direito ;
Já outra crença affaga-nos o peito,
Já outro sol nos borda os horisontes.*

*Tudo se expande n'um prazer profundo,
Tudo respira um sentimento novo :
E' que uma idéa transformou um povo,
E' que um heroe resuscitou um mundo.*

*Tudo sorri da gloria á claridade,
Desde o virente altar da natureza
Té o ceruleo altar da Divindade.*

*Sim; depois de uma sombra um meteoró,
O mar devia esfracassar a penha,
Pedro ceder o posto a Deodoro !*



79-BOLETIM DA LIBERTADORA
NORTE-RIO-GRANDENSE—1888.

Essa associação, cujo fim era promover por todos os meios ao seu alcance a liberdade dos captivos na provincia, foi fundada, por iniciativa do dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, no dia 1º de Janeiro de 1888, com 54 socios, que, reunidos ás 12 horas da manhã no theatro *Sancta Cruz*, logo elegeram a sua directoria e respectivas commissões executivas (26).

(26) Dessa reunião lavrou-se a seguinte

ACTA DA 1ª SESSÃO ABOLICIONISTA CONVOCADA PARA A FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE LIBERTADORA NORTE-RIO-GRANDENSE.

A's 12 horas do dia 1º de Janeiro do corrente anno, no theatro *Sancta Cruz*, á Praça d'Alegria, desta cidade, e em presença de numeroso concurso de povo, teve logar a reunião abolicionista convocada para a fundação da *Libertadora Norte-Rio-Grandense*.

Tomou a palavra o dr. Pedro Velho e, depois de ter proferido um discurso analogo áquella reunião, apresentou aos circumstantes as bases da projectada associação, que foram acceitas e approvadas.

Ao terminar a respectiva leitura, lembrou e propoz para presidente da associação o virtuoso sacerdote vigario João Maria Cavalcante de Britto, que com tanto zêlo e dedicação dirige espiritualmente esta freguezia e que por seu caracter religioso estava fóra e acima de qualquer paixão, para tornar-se segura garantia de união e concordia entre os associados.

Para 1º secretario lembrou o nome do dr. Oliveira Santos,



Dando conta de seus trabalhos e inserindo nas columnas de seu organ os mais energeticos e patrioticos artigos de propaganda abolicionista, publicou a *Libertadora* 9 boletins, no primeiro dos quaes, publicado no dia 8, dirige ao povo rio-grandense o seguinte manifesto :

A' PROVINCIA

MANIFESTO ABOLICIONISTA

Povo rio-grandense, briosos filhos do norte!

Não vêdes como da consciencia de cada

que, não se achando presente, veio depois occupar o seu lugar.

Foram egualmente lembrados para 2º secretario o major Antonio Pinheiro da Camara e para thesoureiro o capitão Urbano Barata, todos os quaes, depois de acceitos unanimemente, passaram a occupar os seus respectivos logares.

Após a indicação da directoria seguiu-se a de duas commissões executivas, compostas de 12 membros cada uma e que ficaram assim organizadas

Cidade alta: Capitão José Antonio, O'Grady, José Gabriel Antonio Caldas, Antonio Viveiros, dr. Zacharias Monteiro-Miguel Lobo, Virgilio Uzeda, José Gabriel, João Lindolpho e Angelo Roseli;

Cidade baixa: Padre Constancio, dr. Souto, capm. João Avelino, dr. Milanez, Olympio Tavares, Daniel Sampaio, Nicolau Bigois, Laurentino, Odilon Garcia, Joaquim Honorio, José Leite e Jovino Barretto.

Havia um logar em disponibilidade na commissão da cidade alta, e o dr. Pedro Velho pediu para preencher-o com o seu nome, protestando a sua gratidão.



cidadão se ergue uma chama ardente e fulgida, que se vai reunir na alma collectiva do povo soberano, formando um vasto e grandioso incendio de patriotismo?

Não vêdes como se desmorona, esphacelado e podre, o colosso do escravismo, que a consciencia publica não pode mais encarar, sem pejo e sem horror?

Não vêdes como o paiz inteiro se pronuncia pela morte de uma instituição que cava entre a nossa querida patria e o resto do mundo culto um valle profundissimo de

Fallou em segundo logar o sr. dr. Moreira Brandão sobre o objecto daquella reunião e concluiu congratulando-se com a provincia pel installação da *Libertadora Norte-Rio-Grandense*.

De ordem do presidente leu o 1º secretario 8 cartas de liberdade, concedidas pelos seguintes cavalheiros: Victor José de Medeiros, Joaquim Romão Seabra de Mello, Antonio Idalino de Vasconcellos, André Paulino de Albuquerque, d. Emilia de Albuquerque, d. Maria Emilia de Albuquerque, d. Joanna Evangelista Seabra de Mello e d. Josepha de Mattos.

Em seguida tomou a palavra o sr. dr. Souto, declarando se francamente abolicionista e fazendo votos para que o Rio Grande do Norte dê mais uma prova de sua energia e patriotismo, libertando todos os seus escravos, correspondendo assim ás vistas da associação.

Fallou tambem, por sua vez, o 1º secretario, agradecendo a honra que lhe conferiram e protestando a sua coadjuvação e esforços em prol da idéa da abolição.

Sucedeu-lhe o dr. Nascimento, dizendo que, filiado desde



trevas e de lagrimas, que só as flores virentes da liberdade poderão encher e occultar aos olhos do futuro?

Não vêdes como esperamos tremulos e envergonhados os severos juízos da historia, quando ella ensinar aos povos do porvir que nesta terra a escravidão fez penetrar tão fundo as suzs envenenadas raizes, que cem annos depois da revolução franceza ainda os homens se dividiam em escravos e senhores?

A idéa do dever e as imposições cathedricas da moral civilizada não podem achar

os tempos academicos á causa da democracia, não podia deixar de rejubilar-se por ver presentes n'aquella reunião liberaes e conservadores, todos com o unico empenho da libertação dos captivos.

Para responder a uma parte do discurso do dr. Nascimento, tomou a palavra o sr. capitão João Varella, sendo por vezes interrompido por uns e applaudido por outros.

A este pequeno incidente da festa abolicionista puzeram termo entusiasticos vivas á Liberdade e á emancipação dos captivos, solemnizados pelo hymno nacional, executado pela banda de musica que ali tocava.

O sr. presidente convidou aos que quizessem ser socios da *Libertadora* a darem suas assignaturas, ficando então a sociedade constituida com 54 socios.

Em uma bolsa aberta á generosidade dos comparecentes foi arrecadada a importancia de 126\$000, producto da contribuição espontanea dos socios, para as despesas da publicação e outras que se tornem indispensaveis.

Não havendo mais nada a tratar-se naquella occasião, o



vos surdos a um appello em que se pedem duas libertações:—a dos captivos, que soffrem sem crime o maior dos males, e a dos senhores, que praticam inconscientemente a maior das injustiças!

Entramos no novo anno, e o mais avançado passo que a provincia poderia dar na senda do progresso, a mais brilhante affirmação de que palpitam aqui corações livres e generosos era darmos um golpe decisivo e mortal nesse monstro do captiveiro.

A provincia devia empenhar-se, num compromisso solemne e irrevogavel, para extinguir de todo a escravidão em seu territorio dentro do anno corrente.

Quando a primeira aurora de 89 viesse dourar os nossos horisontes, esta terra deveria recebê-la entre galas festivaes e risos de alegria, annunciando-lhe a boa nova de que já não tínhamos escravos!

Seria triste e doloroso que a data gloriosa que relembra o maior acontecimento dos

sr. presidente levantou a sessão, marcando o dia 15 do corrente para nova reunião dos associados, na qual deverão tratar dos trabalhos ordinarios da sociedade.



annaes da humanidade, após a pregação de Christo, essa grande revolução que proclamou os direitos do homem, ainda viesse encontrar neste paiz milhares de homens sem direito algum!...

A abolição do captiveiro no Brazil não é somente uma aspiração, é uma necessidade, uma exigencia do espirito publico.

Hoje o escravo não é mais uma propriedade, porque não tem valor; não constitue fortuna de ninguém, porque ninguém pode reduzi-lo a dinheiro. Também não representa entre nós uma raça inferior ou selvagem, quenão tenha aptidões para viver em liberdade, sem perigo para si e para a tranquillidade social: nada o differença no physico ou no moral do commum dos trabalhadores livres.

Além disto, elle vae comprehendendo que é util, que é necessario, e quem quer que tenha a consciencia dessa fôrça não se pode mais submeter á condição de besta de carga, explorado sem o estimulo moralizador e legitimo do lucro.

Nenhum espirito serio e em bôa fé pode mais dizer que a lei Saraiva seja capaz de resolver a questão servil.



A idéa abolicionista chegou a um gráu tal de vitalidade e robustez que pouco se preocupa com as medidas governamentaes sobre esse grande desideratum nacional. A onda cresce e avoluma-se, assoberbando todas as resistencias.

A opinião está inquieta e insoffrida; o paiz não pode mais suportar essa ignominia a requeimar-lhe as faces como um ferro em brasa!!

Resistir á torrente abolicionista no campo da discussão é impossivel. Pergunte-se hoje a qualquer brasileiro si um homem tem o direito de ser senhor de outro, que a resposta só pode ser negativa.

O que se discute é a escolha dos meios de tornar effectiva para milhares de compatriotas a restituição de sua liberdade, por tanto tempo usurpada. E, posta a questão neste terreno, a experiencia está demonstrando todos os dias que o mais nobre e mais humano e ao mesmo tempo o mais acertado e mais pratico é a libertação immediata e incondicional, aproveitando os escravizados como trabalhadores livres e salariados.

Ainda quando houvesse homens com o senso moral tão pervertido, com os instinctos naturaes de creatura racional tão entor-



pecidos pela asphyxia das senzalas; tão apodrecidos na apathia de uma indifferença bestial, que não sentissem mais animo de aspirar á liberdade. o dever de todos nós seria arrancar os a esse torpôr e abrir-lhes os olhos da consciencia á luz brilhante do primeiro dos ideaes humanos, que é ser livre. Quem vê um seu semelhante na abjecção de um tal estado e não lhe dá a mão para erguel-o é um egoísta cruel e criminoso!

Batido pela razão, restará ainda ao escravismo o recurso da força para se sustentar e manter-se, ou mesmo para retardar a sua queda infallivel e proxima? Não o cremos.

Além de que, fazer violencia á opinião nacional, tão clara e ardentemente manifestada, seria um attentado aos bríos de paiz; os defensores da honra da patria não se prestariam jamais ao papel degradante de defensores de uma instituição que é justamente o que a deshonra!!

Si os escravos se evadissem todos, o que nos não deveria causar grande surpresa, porque era o que procuraria fazer cada um de nós, si o fosse, o exercito não iria dar-lhes caça para restituil-os ao *bacalhão* e ao tronco! Não, mil vezes não!



Seria preciso que o exercito brasileiro fosse uma coorte de janizaros servis; e o que sabemos é que a espada dos nossos soldados tem traçado a sua historia nos fastos militares do mundo com uma bravura, altivez e heroismo que nada devem aos mais denodados e nobres guerreiros.

O que falta, srs., é diffundir estas verdades, que acham echo em todo espirito que não seja mal intencionado ou enfermo.

Propaganda incessante e decidida! O dever de todos é fazer penetrar essa idéa, tão natural, tão simples, tão justa e tão christã, no coração daquelles que se achem afastados da corrente do pensamento nacional.

As vozes do patriotismo estão proclamando a toda hora que a libertação dos escravos é uma cousa que não comporta mais delongas.

A escravidão comprime dolorosamente a alma da patria, envergonha-a e degrada-a, sem ter ao menos a attenuante, utilitaria e pratica, de ser indispensavel!

O Brazil não precisa da escravidão para manter o equilibrio de sua economia social. Pelo contrario, tem sido ella a causa mais



poderosa do retardamento do seu progresso, em todos os sentidos!

E' má, é humilhante e é injusta!
Guerra, pois, á escravidão!

Batalha sem treguas ao escravismo! E viva a abolição! Viva o brioso po'ro rio-grandense! Viva a patria brasileira, que não quer mais escravos e nem precisa delles! Todos os filhos desta esplendida e heroica filha de Colombo devem ser cidadãos—homens livres!

Viva a Liberdade!»

No alto da primeira columna de cada um desses boletins vê-se um quadro de honra dos municipios, cidades, villas e povoações que se iam libertando.

O do primeiro, publicado, como vimos, a 8 de Janeiro, consta dos seguintes: Municipios—Mossoró (27), Caraúbas (28) e Tri-

(27) Foi o primeiro municipio que se libertou na provincia. Esse acontecimento, que os mossoroenses solemnizaram com muitas festas e grande entusiasmo e é hoje perpetuado por uma pequena estatua da Liberdade, erecta na praça da Redempção da bella cidade sede do municipio, realizon-se no dia 30 de Setembro de 1883.

(28) Livre a 30 de Março de 1887, a esforços do popularrissimo e muito estimado parochio da freguezia, conego Pedro Soares de Freitas, que, sem associação abolicionista e auxilio



umpho (29); cidades—Assú, Penha e Jardim; villas—Macahyba e Papary; povoação—Utinga. No ultimo, edição especial, publicada a 20 de Maio para commemorar a extincção total da escravidão no Brazil pela aurea lei de 13. do mesmo mez, contam-se mais, além de algumas cidades, villas e diversas povoações, os seguintes municipios: S. José de Mipibú (30), Canguaretama

de qualquer outra especie, mas servindo-se unicamente de seu prestigio pessoal, de sua palavra eloquente e cheia de amor, conseguiu que os seus parochianos, levados por um sentimento de piedade christã, proclamassem livre a sua terra, mais de um anno antes que a lei declarasse extinta em todo o paiz a negra e ignominiosa mancha da escravidão.

(29) A Caraúbas seguiu de perto o municipio do Triumpho, ou Campo Grande, como é vulgarmente conhecido, libertando-se completamente no dia 25 de A'ril daquelle mesmo anno, para o que muito concorreu a propaganda activa e patriótica da sociedade abolicionista que se organizou no municipio sob a presidencia do digno cidadão Francisco Pinheiro de Almeida Castro.

(30) Livre no dia 5 de Fevereiro de 1888.

A comissão nomeada pela *Libertadora Norte-Rio-Grande* para auxillal-a no municipio compunha-se dos cidadãos conego Gregorio Ferreira Lustosa, vigario da freguezia, Antonio Bazilio Ribeiro Dantas, Manuel Alves Vieira de Araujo, José Ignacio Ribeiro e Miguel Soares Raposo da Camara, e a ella muito deve a causa da abolição naquelle logar. Manda, porém, a justiça que se diga que as honras desse dia cabem incontestavelmente ao commissario e muito honrado commerciante Manuel Alves V. de Araujo e ao rico proprietario de



(31). Nova-Cruz (32), Papary (33), Angicos

engenho coronel Francisco Bazilio Ribeiro Dantas, que, assumindo perante o povo o mais solenne compromisso, declararam sob sua responsabilidade, livres os poucos escravizados que ainda ali restavam.

(31) Quebrados os grilhões ao ultimo captivo no dia 28 de Fevereiro, a 4 do mez seguinte, em sessão solenne, prezida pelo dr. juiz de direito da comarca e a que assistiam muitas pessoas gradas do lugar e diversos socios da *Libertadora*, que daqui tinham seguido especialmente para esse fim, proclamou o mesmo juiz, em nome dos habitantes de Canguaretama, a libertação completa do municipio, lendo a certidão, passada pelo empregado encarregado das averbações das matriculas, que declarava não existir mais escravo naquella terra.

A comissão local compunha-se dos cidadãos Fabricio Maranhão, Manuel de Carvalho e Silva, José Joaquim de Medeiros, José Joaquim de Oliveira Zecca e Antonio Philippe Cabral de Mello.

(32) Libertou-se tambem em um dos ultimos dias de Fevereiro, por um acto de philantropia e caridade praticado pelo capitão João Baptista de Aguiar, que nesse dia, sem onus nem condição de especie alguma, passou cartas de liberdade aos 9 escravos que possuía e os unicos que ainda existiam no municipio.

Para esse resultado muito contribuiu a comissão local, composta do vigário da freguezia, padre Thomaz de Aquino Mauricio, e cidadãos José Ignacio Moreira, Abdias Emiliano Pereira do Lago, Antonio Alves Freire e Camillo Soares de Carvalho, que em 17 de Março communicava o facto á *Libertadora Norte-Rio-Grandense*, com ella se congratulando por tão feliz acontecimento.

(33) Livre no dia 19 de Março, a esforços da activa sociedade local *Auxiliadora da Redempção*.



(34), Touros (35), Natal (36), Port'Alegre (37) e Príncipe (38). De maneira que, livre quasi metade dos municipios de que então

(34) Conseguiu libertar-se completamente da escravidão no dia 1º de Abril—domingo de paschoa—.

Foi alma do movimento abolicionista nesse municipio sertanejo o dr. Pedro Velho, que, tendo ido ali procurar melhoras á sua saude alterada, poudo ver nesse dia os seus esforços coroados de tão feliz exito, e logo passou á *Libertadora*, em Natal o seguinte telegramma : "Não ha mais escravos em Angicos. Em sessão solemne foi hoje proclamada a total libertação do municipio."

Em todo caso muito o auxiliou a boa vontade dos angicanos e a actividade da comissão local, composta dos cidadãos José Vitaliano Teixeira de Souza, José Rufino da Costa Pinheiro, Manuel Fernandes da Rocha Bezerra, Manuel da Silveira Borges e José Theodoro de Souza Pinheiro.

(35) Livre tambem num dos primeiros dias de Abril. A comissão local era composta do vigario da freguezia, padre Isidoro Gomes de Souza, e dos cidadãos coronel João da Fonsêca Silva Sobrinho, professor Francisco Antunes da Costa, Juvencio Tassino Xavier de Menezes e Antonio Alves da Rocha.

(36) Não consta dos boletins o dia da libertação deste municipio.

(37) Não consta tambem a data em que esse municipio se libertou.

A comissão nomeada pela *Libertadora Norte-Rio-Grande* compunha-se das seguintes pessoas : Antonio Manuel de Oliveira Martins, Laurindo de Paiva Cavalcante, Joaquim José de Carvalho, Benjamin de Freitas Costa e Joaquim José Fialho.

(38) Acêrca desse municipio consta apenas dos boletins que foi esta a comissão nomeada pela *Libertadora* : Coronel José Bernardo de Medeiros, major Salviano Baptista dos Santos, Lindolpho Baptista Pereira. Olegario Gonçalves de Me-



se compunha a provincia e attenta a impetuosidade da onda abolicionista que espontanea invadia os seus mais reconditos logarejos, bem fundadas eram as esperanças da *Libertadora Norte Rio-Grandense* de proclamar até 31 de Dzembro daquelle anno a libertação completa de toda ella.

Nesse boletim, espondo a directoria da benemerita associação o que se passou na provincia durante o curto, mas benefico periodo de sua existencia, assim se exprime :

«A idéa abolicionista era geralmente abraçada pela população do Rio G. do Norte.

Reconhecia-se, entretanto, a necessidade de um centro que dirigisse os espiritos e levantasse a grande campanha contra a escravidão.

Foi então que no dia 1º de janeiro do corrente anno diversos cidadãos de todas as classes, reunidos no theatro *Sancta Cruz*, (39)

deiros Valle e padre Amaro T. Castor Brazil, vigario da freguezia.

(39) Esse theatro não existe mais. Era um predio particular, pertencente ao coronel José Domingues de Oliveira e sito á travessa que ligava a *Praça d'Alegria* á antiga *Rua Nova*, hoje *Avenida Rio Branco*. Desmoronando-se, comprou-o o major Theodosio Paiva, que em seu logar edificou a bonita casa em que reside actualmente.



desta capital, fundaram a *Libertadora Norte-Rio-Grandense*, que tomou a si o nobre e generoso compromisso de proclamar livre toda a provincia até o dia 31 de Dezembro proximo vindouro.

Entrando em acção, aquella sociedade creou logo um organ na imprensa—este *Boletim* (que termina hoje a sua publicação), onde fazia a mais franca e energica propaganda em favor de seu desideratum; nomeou comissões que a auxiliassem nos diversos municipios, com excepção dos de Mossoró, Caraúbas e Triumpho, já então livres, —comissões cujos bons serviços recordamos agradecidos; empregava enfim todos os meios indispensaveis á realização da grandiosa obra que se propunha levar ao termo.

Encaminhado assim o movimento, a brioza provincia poude, dentro do curto periodo de 4 mezes e 12 dias, apresentar o luminoso Quadro de Honra acima publicado.

Por amor á verdade historica se diga que entre nós houve alguns *emperrados*; mas, não obstante isto, estamos certos de que a *Libertadora* levaria a effeito a sua empreza, proclamando livre a provincia antes do prazo por ella marcado, si o governo não



tomasse a si o honroso encargo de fazel-o já.

Foram apresentados á matricula ultimamente procedida na provincia 3716 escravizados, e, em vista de dados exactos que possuimos e por calculos mais ou menos approximados, avaliamos em 300 e poucos, no maximo, os que ainda permæ neciam no captiveiro quando raioa a tão almejada aurora de 13 de Maio.

De modo que o Rio Grande do Norte pode dizer com orgulho:—Em meu territorio muito pouco encontrou a fazer a grande lei que aboliu a escravidão no Imperio.

Eis, em ligeiros traços, o que se passou no Rio Grande do Norte de 1º de Janeiro a 12 de Maio de 1888 no tocante á questão do elemento servil, hoje emfim resolvida do modo mais digno e lisonjeiro, para honra e gloria da patria brasileira.

Natal, 20 de Maio de 1888

Padre João Maria C. de Britto— Presi-



dente da «Libertadora Norte-Rio-Grandense»

Zacharias do Rego Monteiro,

1º Secretario.

João Lindolpho Camara,

2º Secretario.” (40),

Vê-se depois a seguinte noticia do encerramento dos trabalhos da sociedade :

«LIBERTADORA NORTE RIO GRANDENSE
MANIFESTAÇÃO POPULAR

No dia 14 do corrente, na séde do Club Familiar, onde se achava reunida uma multidão de pessoas de todas as cathegorias sociaes, o sr. dr. Zacharias Monteiro, 1º secretario da Libertadora, depois de proferir uma allocução, acompanhada de vivas entusiasticos á abolição, aos abolicionistas e á Regente Imperial, ruidosa e calorosamente correspondidos pelo povo, encerrou os trabalhos daquela sociedade, organiza-

(40) Zacharias Monteiro e João Lindolpho foram nomeados em sessão de 8 de Abril 1º e 2º secretarios, na ausencia e impedimento dos effectivos.



do-se em seguida um brilhante prestito civico, que percorreu as principaes ruas desta capital.

Diversos oradores fizeram-se ouvir, sendo todos muito applaudidos.

Foram cumprimentados pelòs manifestantes as redacções dos jornaes e diversos cidadãos.

A festa prolongou-se até alta noite, no meio do maior enthusiasmo.

Algumas ruas e casas estavam embandeiradas e illuminadas.

Fecharam-se as repartições publicas naquelle dia.

Grande foi o regosijo dos natalenses pela abolição da escravidão, regosijo que ainda continúa e hoje se manifesta de modo esplendido e solemne, segundo o programma dos festejos, já publicado».

O dr. Pedro Velho, incançavel chefe do abolicionismo na provincia, ao ter conhecimento da promulgação da grande lei, passou de Angicos, onde estava, aos secretarios da *Libertadora* o seguinte telegramma:

«João Lindolpho, Zacharias Monteiro —
Associo-me cordialmente ao regosijo.
Respiramos, enfim. Gloria á Patria livre!
Abraço os heroicos companheiros.»



80—O CASCABULHO—1888.

Dizendo-se *periodico litterario e critico e orgam de uma associação*, começou a ser publicado nesta cidade, ao que parece, no dia 26 de Abril, data que deu nome ao club de que era representante, composto de estudantes do Atheneu.

Não pude obter o seu 1º numero; mas o seguinte editorial, que transcrevo do nº 10, publicado a 30 de Setembro, define o perfeitamente:

«PORQUE TRABALHAMOS

A existencia de nosso humilde periodico não é um facto de somenos importancia, como poderia parecel-o aos indifferentes ou áquelles que não percebem a evolução por que está passando a classe que elle representa.

Pelo contrario, *O Cascabulho* veio á luz da publicidade e firme prosegue na sua missão como um protesto, um solemnisimo protesto contra a rotina de estudos e o desvio perigoso que, em geral, seguiram aquelles que nos precederam do verdadeiro caminho que conduz á sciencia.

Elle quer dizer que ha na nossa classe ac-



tualmente mais largas vistas e que os espiritos, já não contentes com a estreita arena que lhes offerece a sala do Atheneu, procuram a imprensa como um campo mais vasto e mais apropriado para a lucta.

A questão de fazer exames e ter maior ou menor numero de preparatorios já vae, felizmente, sendo posta á margem e estamos certos de que para nenhum de nós é mais a matricula o fim unico de suas locubrações.

Queremol-a, mas esforçando nos para merceel-a.

Eis, pois, a razão de sua existencia ; eis a causa por que luctamos.

Lá no recinto da escola ouvimos do mestre os principios desenvolvidos da sciencia e procuramos comprehendel-os ; mas é aqui, no campo da batalha, que, fazendo applicação do que lá ouvimos, ensaiamos os nossos primeiros passos, arriscamos as nossas primeiras idéas e procuramos coordenar os nossos primeiros pensamentos.

Só nos resta agora que não nos falte na empresa, e esperamos que não nos faltará, o apoio dos amigos, nem a solidariedade de nossa classe, certos, como todos devemos estar, de que, si é na lucta que se desenvol-



vem os corpos, é também na lucta que os espiritos se retemperam».

O Cascabulho não tinha redactores ostensivos; mas d'elle mesmo consta que faziam parte de sua redacção, entre outros, os estudantes José Alexandre Seabra de Mello e meu irmão Benvenuto de Oliveira Junior. E' deste a seguinte poesia, que, pedindo licença aos leitores, transcrevo do n.º 8, não como peça de grande valor litterario, que não tem a produção poetica do joven cascabulho, mas simplesmente pelo desejo, a que não pude resistir, de deixar aqui registrada alguma cousa sua:

AOS MEUS COLLEGAS DAS LIDES ESCHOLASTICAS DO ATHENEU RIO-GRANDENSE.

No seculo de Littré, de Comte e Castellar,
Neste seculo viril de austéra compleição,
Ao moço é covardia, é crime o recuar
Das pugnas homericas do Justo e da Razão!

R. DA SILVA.

*Salve, filhos denodados
Do grande imperio da Cruz!
Mocidade q' ao futuro
A nau da patria conduz.
Erguei-vos, mostrai-vos grandes;
Subi ao topo dos Andes
Illuminando a razão!*



*Luz ao plebeu, luz ao nobre!...
Quem póde de luz ser pobre
Na patria de Camarão?!
—*

*Vossa missão é sublime :
Eia, collegas ! marchai !
Não trepideis um só passo,
Avante ! sempre luctai !
Coragem ! todos á lucta,
Gloriosa, impolluta,
Que luctar é progredir !
Ninguém recúe, q' é fraqueza ;
Avançar, sim, q' é nobreza,
A' conquista do porvir !*

*Si luctais hoje sem treguas,
Descrentes... a esmorecer,
Mais tarde tereis a paga
Da sciencia ao alvorecer.
Avante, pois, meus amigos !
Aos livros, fortes abrigos
Da geração actual !
Salvai a patria do abysmo
A que leva o servilismo
Da ignorancia fatal !*

*Sois moços, tendes nas veias
O sangue da exaltação :
Não deixeis cahir a patria
Nos antros da corrupção.
Eia, collegas ! coragem !
Banhai vos na fresca aragem
Da sciencia, a doce luz:*



*Triumphareis da maldade,
Espancando a escuridade,
Que ignorancia produz.*

*O Rio Grande do Norte
E' grande patria de heróes,
Em cujo céu já scintillam
Rutilantes, lindos sóes.
Imitai, pois, esses astros,
Segui seu curso, seus rastros
Neste céu de puro azul;
Mostrai que o genio do norte,
Onde o talento é mais forte,
Brilha mais do que o do sul.*

*Collegas, eu vos saúdo
Por ser dos vossos tambem;
Que junctos todos fitemos
O ceu nitente de além !...
Bem sei que a lucta é terrivel;
Mas vós, phalange invencivel,
Sem torpêdos, sem fusil,
Sabereis cantar victoria.
Colher as palmas da gloria,
Glorificando o Brazil !»*

Nas columnas d'*O Cascabulho* apparecia tambem Braz de Mello, publicando umas interessantes *Notas-norte-rio-grandenses*, escriptas do Recife, onde o intelligente patricio cursava a Academia de Direito e tinha sido eleito orador do Club Republicano Academico.



O modesto periodico sahia duas vezes por mez e era impresso na typographia da *Gazeta do Natal*; mas a 28 de Outubro, publicando o seu nº 11, impresso na typ. d'A *Liberdade*, escreve a seguinte local:

«O Cascabulho» deixou de continuar a ser publicado na typographia da *Gazeta do Natal*, por não querer sujeitar seus escriptos á censura previa do illustre *curador do mentecapto Corisquinho*».

Entretanto, pela necessidade, talvez, que tinham seus redactores de preparem-se para os exames no Atheneu, foi esse o ultimo numero que publicaram, e a 18 de Novembro o contemporaneo a que se referiam, entre grossas tarjas e encimada pela figura symbolica de um anjo chorando ao pé da cruz, escrevia-lhe sentida nenia.

81—O CORISCO—1888—89.

Pequeno jornal *litterario e chistoso*, dizia-se *orgam de todos os clubs havidos e por haver* e com *redacção infestada*. Publicou seu 1º numero a 5 de Agosto de 1888 e era effectivamente chistoso, como logo se vê do artigo com que se apresenta ao publico.

“Hoje—diz elle—que quasi tudo se demove por meio da electricidade, que até os pro-



prios espiritos se *electrizam* em busca de a-
perfeiçoamento, o que torna por assim di-
zer—mais recommendavel o seculo XIX; ho-
je, finalmente, que todos se julgam com di-
reito a dar expansão ás suas idéas por meio
da incommensuravel trombeta de Gutten-
berg, seja-nos licito tambem apresentar ao
criterioso e illustrado publico rio-grandense—mais um pequeno defensor da patria li-
bertada, mais um propugnador dos pensa-
mentos livres, mais um humilde batalhador,
firme e leal, ao mando dos intrepidos ge-
neraes do jornalismo Norte-Rio-Gran-
dense.

Que lhe importa o nome ?...

O *Corisco* não passará de uma simples
scentelha que tendé a unir-se á lava en-
candescente do Etna da imprensa brazil-
eira.

Sabemos que o seu logar na esphera jor-
nalistica será muito mycroscopico, não só
porque nos faltam as indispensaveis habili-
tações, como egualmente porque nos falle-
cem aquellas verbosidades bombasticas, a-
quellas *flores auleticas* que immortalizam um
fr. Pharaó e o tornam inimitavel na subida
escala dos *Budiões necrologicos*, que tanto
atormentam as almas dos leitores neste



mundo, como as das *Hurys* no outro (41).

Nada, a nossa linguagem será a mais modesta possível e em nossa orthographia prescindiremos *in totum* dos *kk* do Sr. Braz (42).

Portanto, não tomem a *nuvem* por *Juno*, isto é, não supponham que *O Corisco* venha arrazar este mundo de poeira... Não, mil vezes não; o seu desideratum será útil aos oprimidos, porque nelle poderão desabafar ampla e livremente, e será aproveitável a sociedade corrompida, porque nelle terá como certa a correção, desde que por elle for exposta *a calva á mostra*.

E' este o programma d'*O Corisco*, que se pode resumir nestas palavras—censurar para corrigir, corrigir para moralizar”.

Era elle impresso na typographia do *Correio do Natal*, tinha seu escriptorio á rua «21 de Março», n.º 24, e distribuia-se aos domingos, a 100 reis o numero avulso e custando a assignatura 1:000 por trimestre.

(41) Algumas expressões enigmaticas que contém este periodo são allusões á redacção d'*O Cascabulho*, contra a qual *O Corisco* desde logo assestava as suas armas.

(42) Braz de Mello, que, adoptando uma orthographia especial, escrevia, por exemplo, *eskhola*, *kharacter*, *khritica*, *akademia*.

Em politica, ao passo que parecia filiar-se ao partido conservador, atacando com vehemencia a redacção d'*A Liberdade*, organ do partido adverso, e annunciava com applausos e alegria a installação da *Guarda Negra*, «guarda fiel do throno e do altar, á sombra da qual assustam-se e tremem de mêdo os republicanos caricatos, homens vis e ingratos, elementos deleterios contra o bem, creaturas infezadas, ambiciosos vulgares, atrevidos e audazes»; um seu collaborador, espirito zombeteiro e arguto, em editorial de 16 de Dezembro, sob a epigraphie—VIVA A MONARCHIA! VIVA A REPUBLICA! e assignado *Frei Caneca*, assim se define:

«Sou republicano, voto com os conservadores e tenho idéas liberaes.....»

Sou republicano, porque amanhã ou depois poderá surgir a republica, e, desde que antes disso me tenha já declarado pertencer a este partido, ninguem me poderá criticar e nem dizer-me—*Viraste a casaca, és cara-dura, etc.*

Voto com os conservadores, porque deste partido hei recebido muitas considerações e até ultimamente, para fallar a verdade, fui nomeado para certos cargos e condeco-



rado com títulos e commendas (43) e, ainda mesmo que não fosse, em todo caso gosto muito de andar com o governo pela prôa.

Finalmente, tenho idéas liberaes com mêdo de antes de subir a republica não esteja de cima por um ou dous mezes este afa-
mado partido (44), e, desde que eu tenha acompanhado os liberaes com minhas fracas idéas, conclusão logica :—não sou demet-
tido e, pelo contrario, tenho direito de ser nomeado fiscal, ao menos, para limpar as
nossas ruas, cujas esterqueiras já estão re-
querendo uma grande epidemia.

Por hora sempre estarei prompto a bra-
dar com a voz vibrante como o clarim das
batalhas :—Viva a monarchia ! Si amanhã,
porém, gritar-se :—Viva a republica ! sem pejo
nenhum direi : *E' commigo essa lambugem*.

Formando um verdadeiro contraste no

(43) Era, pois, commendador o nosso *Frei Caneca* e bem me parece que a alma folgazã, o mentor intelligente do espiri-
tuoso jornalzinho, seu *curador*, como o chamava maliciosamente *O Cascabulho*.

(44) Prophecia que realizou se, subindo o partido liberal e demorando-se no poder, não dous, mas cinco mezes, apenas o tempo necessario para esboroar-se em suas mãos, ao sopro triumphante da republica, o throno carcomido dos Braganças.

meio da troça perenne d'*O Corisco*, lê-se em seus n^{os} 12 e 13 um bem lançado artigo sobre *a moderna intuição do direito*, escripto do Recife e no qual seu auctor, o academico Manuel Dantas, prenuncia com segurança a competencia juridica do actual procurador geral do Estado.

A 10 de Março de 1889 deixou o *coriscante* semanario o sub-titulo de «orgam de todos os clubs havidos e por haver», para adoptar simplesmente o de *orgam popular*. Mas quatro mezes exactamente depois deixava de existir: em 10 de Julho, publicando o n^o 46, annunciou que, após um anno de gloriosa existencia, via-se obrigado, pelos *decretos das circumstancias*, isto é, falta de saldo nas respectivas assignaturas, a suspender a sua publicação, aguardando a verve de melhores tempos para de novo se apresentar em scena mais *corroscubioso*, cheio de *circumloquios*, *preambulos* e *adverbios*, de jaqueta nova e barrete vermelho.

A verve, porém, não voltou mais, e a encandecente scentelha apagou-se de uma vez.

82—*O PUNHAL*—1889.

Não pude ver um só numero desse jornalzinho. Sei, entretanto, que começou a ser pu-



blicado nos ultimos dias de Fevereiro, porque no n.º de 24 desse mez *O Corisco* noticia o seu apparecimento nos seguintes termos:

“O PUNHAL

E’ o nome de um collega, espirituoso, que acaba de surgir das bigornas typographicas! Não tem ponta nem cabo, mas a lamina é burilada, lustrosa e penetrante!

O punhal teve seus dias de *gloria* nos tempos da velha e antiga Roma; o do Natal terá sua apotheose, si não cravar-se sobre o peito de alguma Lucrecia ou de alguma Ignez de Castro!...

Falta-nos espaço para os devidos prolegomenos”.

Não cravou-se no peito de ninguem, dormindo tranquillias todas as Lucrecias; mas não teve a apotheose que o contemporaneo lhe prognosticava e viveu apenas dous mezes, não publicando mais de oito numeros.

83—PRIMEIRO DE MARÇO—1889.

Redigido por estudantes do Atheneu, publicou um unico numero, no dia 1.º de Março, para commemorar esta data, que é a da fundação desse nosso estabelecimento de instrucção secundaria, o qual completava então 31 annos de existencia.



“Durante esse longo periodo—diz *O Corisco*, que em tudo mettia o *bedelho*—aquella casa da sciencia tem custado á provincia 600 contos de reis e é muito provavel que 31 mocetões tivessem comprehendido que 2 e 2 sem linha vertical formam 4, e em linha horizontal 22”.

84—*O PERIQUITO*—1889.

Jornaleco de estudantes e tambem distribuido no principio de Março, não era absolutamente “um incommensuravel athleta do progresso e da civilização”, como o chamou com ironia o endiabrado *Corisco*, mas pobre periquito, que, depois de esvoaçar dum mez no céu da imprensa potyguar, morreu *apunhalado*, segundo o mesmo contemporaneo, *sem estrella nem flor no bico*.

85—*O TENTAMEN*—1889.

No dia 14 de Março de 1889 fundouse nesta Capital uma sociedade litteraria de estudantes sob a denominação de *Primeiro de Março* e, sendo um de seus fins a creação de um periodico, procedeu logo á eleição da respectiva commissão redactora, que ficou assim composta: José Candido Barbosa, Luiz Lobo, Pedro Nestor e Honório Carriello.

Esta commissão, fundando *O Tentamen*,



orgam da *Primeiro de Março*, litterario e noticioso, distribuiu o seu 1.^o numero no dia 4 de Abril com o seguinte programma:

“No intuito de desenvolver a intelligencia por meio da palavra e da imprensa, occupando-se de questões ao alcance de suas debéis forças, acaba de reunir-se nesta cidade um punhado de moços, constituindo a sociedade—*Primeiro de Março*.

Era, de facto, tristonho o estado de abatimento e torpor a que entre nós achava-se entregue a mocidade estudiosa, que em todos os tempos tem marchado sempre na vanguarda do progresso.

Tornava-se, pois, necessario reagir contra esse atrophiamiento degradante, e foi o nosso fito constituindo aquella associação.

Traduzindo em facto o seu pensamento, a sociedade—*Primeiro de Março* faz hoje apparecer na arena jornalistica “O Tentamen”, que, a semilhança das aves que despertaram a Manlio no Capitolio, ergue o brado do—*non omnis moriar*, para mostrar que a mocidade, a valorosa legião dos templarios da sciencia, não sabe claudicar.

Orgam meramente litterario, o nosso jornal conservar-se-ha estranho ás altas questões, principalmente politicas, que fazem ob-

jecto das cogitações dos grandes espiritos ; e nem outra podia ser a esphera de sua acção, redigido, como é, por moços que agora formam seus primeiros passos em busca da maravilhosa *terra da promessa* do saber humano.

Mantemos firme proposito de não alimantar questões pessoaes e tambem de não responder a doestos e chufas que em nosso modesto caminhar nos sejam por ventura atirados por espiritos *malignos*.

Eis ahi a *profissão de fê* do nosso humilde jornal, que invoca a benevolencia publica para o seu desenvolvimento”.

O *Corisco*, cumprimentando-o reverentemente, disse: “O *Tentamen*, verdadeira tentação de nosso ideal pelo gosto e desenvolvimento das lettras, que inflamma a alma e eleva o coração, é nosso amigo, é o alfinete de nossa *gravata* a reluzir nos vastos e mysteriosos horisontes de nossa patria.”

Era impresso na typographia do *Correio do Natal*, tinha seu escriptorio de redacção á rua Coronel Bonifacio, nº 34, e publicava-se quinzenalmente.

Mas pouco viveu: tres mezes depois de seu apparecimento, quando baixava ao tumulto o portador daquella *gravata*, nos ho-

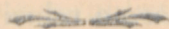


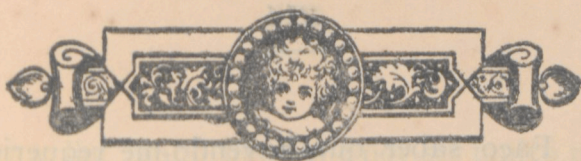
risontes da patria já não reluzia esse *alfinete*, e o seu amigo, noticiando em versos a sua morte, assim terminava :

*Portanto, escreva-se hoje
Um epitaphio sentido
Sobre a campa do finado
Nestes termos concebido :*

*—«Aqui jaz um jornaleco
Que, agarrado pelo cós,
Morreu de morte macaca
Ao cantar dos curiós.»*

(Continuará no nº seguinte).





ARCHIVO

Por intermedio de um nosso illustre consocio, que foi este anno á Europa, pudemos obter do Real Archivo da Torre do Tombo, em Lisbôa, uma certidão authentica do foral da Capitania do Rio Grande do Norte, concedido em 11 de Março de 1535 a João de Barros e Ayres da Cunha.

*Dr. Herculano
Penna.*

Como documento de grande valor para o primeiro periodo da historia deste Estado, damol-o abaixo, transcrevendo fielmente aquella certidão, que fica fazendo parte do archivo de nosso Instituto.

II

Foral da Capitania do Rio Grande do Norte

Dom Manuel, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc.



Faço saber que, havendo-me requerido Heliodoro Fernandes Barros que, no Real Archivo da Torre do Tombo, se lhe passasse por certidão o teor do foral da Capitania do Rio Grande do Norte, concedido a João de Barros e Ayres da Cunha em onze de Março de mil quinhentos e trinta e cinco, e obtendo despacho do Director do dito Archivo na data do dia nove de Dezembro de mil novecentos e oito, em seu cumprimento se procedeu á competente busca, e a folhas oitenta e cinco do livro numero dez da Chancellaria do Senhor Rei Dom João O Terceiro foi achado o documento pedido, que é do teor seguinte:

Dom Joam pella graça de deus Rey de portugall e dos allgarues daquem e dalem mar em afriqua senhor de gujnee da comquista nauegaçam comercio de tiopia arabia persja e da India a quamtos esta mjnha carta vyrem ffaco, saber que eu fiz ora doacam e merce a Joam de bajros fidalguo de mjnha casa pera elle e todos seus filhos netos herdeyros e sobcesores de Juro e de herdade pera sempre da capitanja de cynquenta legoas de teraa na mjnha costa do brasyll segundo mays Inteyramente he conteudo e decrarado na carta de doacam que da dita



teraa lhe tenho pasada e por ser muyto necessario aver hy foral dos direitos fforos trebutos e cousas que se na dita teraa ham de pagar asy do que a mjm e a coroa de meus Regnos pertemce como do que pertemce ao dito capitão per bem da dita sua doacam Eu avendo Respeito a calydade da dita teraa e a se ora novamente Yr morar pouoar e aproueytar e porque se Isto mjlor e mays cedo faca sentymdo o asy por seruyco de deus e meu e bem do dito capitão e moradores da dita teraa e por folgar de lhes fazer merce ouve por bem de mandar ordenar e fazer o dito foral na fforma e maneira seguinte.

Item prymeiramente o capitam da dita capitanja e seus sobcesores darão e Repartyrão todas as teraas della de sesmarya a quaes quer pessoas de quall quer calydade e condiçam que seyam comtamto que seyam christãos lyuremente sem foro nem djreito algum somente o dizimo que serão obrjgados de pagar ha ordem do mestrado de noso Senhor Jhesus Christo de todo o que nas ditas teraas ouver as quaes sesmaryas darão da fforma e maneira que se contem em mj-nhas ordenações e nao poderam tomar teraa alguma de sesmarya pera sy nem pera sua



molher nem pera o ffilho herdeyro da dita capitania e porem podella ham dar a todos os outros filhos se os tyuer que não forem erdeiros da dita capitania e asy aos seus parentes como se em sua doacam contem e se algum dos ffilhos que nam forem herdeiros da dita capitania ou qualquer outra pessoa teuer alguma sesmarya per qualquer maneira que a tenha e vyer a herdar a dita capitania sera obrygado do dia que nella sobceder a hum anno prymeiro seguynte de a largar e trespasar a tall sesmarya em outra pessoa e nam a trespasamdo no dito tempo perdера pera mjm a dita sesmarya com mays outro tanto preço quanto ella valer e per esta mando ao meu feitor ou almoxarife que na dita capitania por mjm estiuer que em tall caso lance loguo maão pella dita teraa pera mjm e a ffaca asentar no lyuro dos meus propios e ffaca axecução pella valya della e nam o fazemdo asy ey por bem que perca seu officio e me pague de sua fazemda outro tanto quanto montar na valya da dita teraa.

Item avendo nas teraas da dita capitania costa mares Ryos e bahyas della qualquer sorte de pedrarya perllas aljofar ouro prata corall cobre estanho e chumbo ou ou-

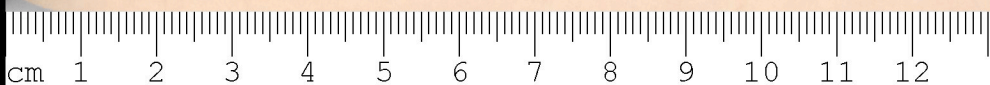


tra qualquer sorte de metal pagar se ha a mjm o quymto do qval quymto avera o capitam sua dizima como se contem em sua doação e ser lhe ha entregue a parte que lhe na dita dizima montar ao tenpo que se o dito quymto per meus officiaes pera mjm arrecadar.

Item o paa do brasyil da dita capitania e asy qaallquer especiarya ou drogarya de qualquer calydade que seya que nella ou ver pertencera a mjm e sera tudo sempre meu e de meus sobcesores sem o dito capitão nem outra alguma pessoa poder tratar nas ditas cousas nem em alguma delas la na teraa nem as poderam vender nem tyrar pera meus Reynos e senhoryos nem pera fora delles sob pena de quem o comtrayro fizer perder por yso toda sua fazemda pera a coroa do Reyno e ser degradado pera a Ilha de sam tome pera sempre.

porem quamto ao brasylley por bem que o dito capitam e asy os moradores da dita capitania se posam aproueytar delle no que lhes hy na teraa ffor necessaryo nam sendo em o queymar, por que queymando emcore ram nas sobre ditas penas.

Item de todo pescado que se na dita capitania pescar nam sendo ha cana se paga-



ra a dizima ha ordem que he de dez peixes hum e alem da dita dizima ey por bem que se pague mays meya dizima que he de vynte pexes huum a qual meya dizima o capitam da dita capitanja avera e arrecadara pera sy porquanto lhe tenho della feito mercee.

Item querendo o dito capitam moradores e pouoadores da dita capitanja trazer ou mandar trazer pera sy ou per outrem a meus Regnos ou Senhoryos quaes quer sortes de mercadoryas que na dita teraa e partes della ouver tirando e seranose as outras cousas que acima sam deffesas podelo am fazer e serem Recolhydos e agasalhados em quaes quer portos cidades villas ou lugares dos ditos meus Reynos e Senhoryos em que vyerem aportar e nam serem costringidos a descargar suas mercadoryas nem as vender em algum dos ditos portos cidades e villas contra suas vomtades se pera outras partes antes quyserem Ir fazer seus proucytos e querendo-as vender nos ditos lugares de meus Reynos e senhoryos nam pagarão delas direitos alguns somente a sysa do que vender posto que pollos foraes Regimentos ou costume dos taes lugares fosem obrygados a pagar outros direitos ou trebutos e poderam os sobreditos vender suas merca-



doryas a quem quyserem e leualas pera fora do Reyno se lhes bem vyer sem embargo dos ditos foraes Regimentos ou costumes que em contrario aJa.

Item todolos navios de meus Regnnos e senhoryos que a dita teraa torem com mercadoryas de que Ja ca tenham pagos os direitos em mjnhas allfamdegas e mostrarem dyso çertydam dos meus officiaes dellas nam pagarão na dita teraa do brasyll direito algum e se la carregarem mercadoryas da teraa pera fora do Reyno pagarão da sayda dizima a mjm da qual dizima o capitam avera sua Redizima como se conthem em sua doacam. E porem trazendo as taes mercadoryas pera meus Regnos ou senhoryos nam pagarão da sahyda cousa alguma e estes que trouxerem as ditas mercadoryas pera meus Reynos ou Senhoryos seram obrjgados de dentro de hum anno levar ou emvyar ha dita capitanja çertidam dos officiaes de mjnhas allfamdegas do lugar homde descarregarem de como asy descarregaram em meus Regnos e as calydades das mercadoryas que descarregarem e quantas eram e não mostrando a dita certidão dentro no dito tenpo pagaram a dizima das ditas mercadoryas ou daquella parte dellas que nos



ditos meus Regnnos ou senhoryos não descargarem asy e da maneira que ham de pagar a dita dizima na dita capitania se carregarem pera fora do Reyno e se fora pessoa que não aja de tornar aa dita capitania dara ella fianca o que montar na dita dizima pera dentro no dito tenpo de hum anno mandar certidão de como veyo descarregar em meus Reynos ou senhoryos e não mostrando a dita certidão no dito tenpo se arrecadara e avera pera mjm a dita dizima pela dita fianca.

Item quaesquer pessoas estrangeyras que não torem naturaes de meus Regnnos senhoryos que a dita teraa leuarem ou mandarem levar quaesquer mercadoryas posto que as leuem de meus Réynos ou senhoryos e que ca tenham paguo dizima pagarão laa da entrada dizima a mjm das mercadoryas que asy leuarem e carregando na dita capitania mercadoryas da teraa pera fora pagarão asy mesino dizima da sahyda das taes mercadoryas das quaes dizimas o capitão avera a sua Redizima segundo se contem em sua doação e ser lhe a dita Redizima entregue per meus officiaes do tenpo que se as ditas dizimas pera mjm arrecadarem.

Item de mantimentos armas artelha-



ryas poluora salytre en po digo salytre enxofre chumbo e quaesquer outras cousas de munyção de guera que ha dita capitanja leuarem ou mandarem levar o capitão e moradores della ou quaes quer outras pesoas asy naturaes como estramgeyros Ey por bem que se nam paguem djreitos alguns e que os sobreditos posam lyuremente vender todas as ditas cousas e cada huma dellas na dita capitanja ao capitão e moradores e pouoadores della que forem christaãos e meus subditos.

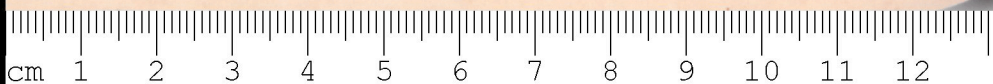
Item todas as pesoas asy de meus Reynos e senhoryos como de fora delles que ha dita capitania forem nam poderão tratar nem comprar nem vender cousa alguma com os gemytyos da teraa e trataram somente com o capitam e pouoadores della comprando vendendo e Resgatando com elles todo o que poderem aver e quem o contrario fizer ey por bem que perca em dobro toda a mercadorya e cousas que com os ditos gymtyos contratarem de que sera a terça parte pera a mjnha camara e a outra terça parte pera quem os acusar e a outra terça parte pera o espiritall que na dita teraa ouver e não o avendo hy sera pera a fabryqua da Igreja della.



Item quaes quer pesoas que na dita capitania caregarem seus navios serem obrygados ante que comesem a caregar e antes que sayam fora da dita capitania de o fazer saber ao capitão della pera prouer e ver que se nam tyrem mercadoryas defesas nem partyram asy mesmo da dita capitania sem licenca do dito capitam e nam no fazendo asy ou partyndo sem a dita licenca perder se am em dobro pera mjn todas as mercadoryas que caregarem posto que nam seyam defesas e ysto porem se entendera emquanto na dita capitania nam ouver ffeitor ou official meu deputado pera yso por que avendo o hy a elle se fara saber o que dito he e a elle pertencera ffazer a dita delegencia e dar as ditas licencas.

Item o capitam da dita capitania e os moradores e pouoadores della poderão lyuremente tratar comprar vender suas mercadoryas com os capitaes das outras capitannjas que tenho proujdas na dita costa do brasyll e com os moradores e pouoadores dellas—a saber—de humas capitannjas pera outras das quaes mercadoryas e conprase vendas dellas nam pagaram huns nem outros direitos alguns.

Item todo vezinho e morador que vyuer



na dita capitania e for teitor ou tyuer companhia com alguma pessoa que vyua fora de meus Regnnos ou Senhoryos nam podera tratar com os brasys da teraa posto que seyam christaaos e tratamdo com elles ey por bem que perca toda a fazenda com que tratar da qual sera hum terço pera quem o acusar e os dous tercros pera as obras dos muros da dita capitania.

Item os alcaydes mores da dita capitania e das villas e pouoacões della averam e arrecadarão pera sy todos os foros direitos e trebutos que em meus Regnnos e senhoryos per bem de mjinhas ordenações pertemcem e sam consedidos aos alcaydes mores.

Item nos Rios da dita capitania em que ouver necesydade de por barcas pera a passagem delles o capitam as pora e leuara dellas aquele direito ou trebuto que la em camara for taxado que leue sendo confirmado per mjm.

Item cada hum dos tabaliaes do publico e Judiciall que nas villas e pouoacoes da dita capitania ouver sera obrigado pagar ao dito capitão quynhentos reaes de pemçam em cada hum anno.

Item os pouoadores moradores e pouo da dita capitania serem obrigados em tem-



po de guerra servir nella com o capitam se
lhe neçesaryo for e notefico asy ao capitão
da dita capitania que ora he e ao diante for
e ao meu feitor almoxarife officiaes della e
aos Jujzes e Justisas da dita capitania e a
todas as outras Justisas e oleciaes de meus
Regnnos e senhoryos asy da Justisa como da
fazenda e mando a todos em Jerall e a cada
hum em especiall que cumpram e guardem e
façam Inteyramente conprir e guardar esta
mjnha carta de forall asy e da maneira que
se nella conthem sem lhe nysso ser posto du-
uyda nem embargo nem contradicção alguma
por que asy he mjnha merce e por firmeza
dello mandey pasar esta carta per mjm asy-
nada e asellada do meu sello pendente a
qual mando que se Registe no lyuro dos Re-
gystos da mjnha alffamdega de lixboa e
asy nos luyros da mjnha feytoria da dita ca-
pitania e pella mesma maneira se Registara
nos lyuros das camaras das villas e pouoa-
coes da dita capitania pera que todos seya
notoryo o contheudo neste forall e se cun-
prir Inteyramente dada em a cidade devora
a onze dias de março pero da mesqyta a
tez anno do nacimiento de noso senhor Jhe-
sus christo de myll quynhentos trinta e cinco.
E eu fernam daluares escryuam da fazenda



e da camara del Rey noso senhor e seu chanceler moor a fiz escreuer e a sobescreuy.

E bem assim se continha a folhas oitenta e seis do referido livro a carta de foral como a atras escripta, nem mais nem menos, concedida a Ayres da Cunha, a qual é do teor seguinte :

Dom Joam pella graça de deus Rey de purtugall e dos allgarues daquem edalem mar em afriqua senhor de gujne e da conquista nauegaçam comercio detiopia arabia persja e da Imdia. Outra tall carta de fforal, como acyma esprita nem mays nem menos a ayres da cunha fidalguo da casa do dito Senhor etc. ffeita Em a dita cidade devora pelo dito pero da mesquyta no dito dia mes e era esobescryta pelo dito fernam daluares.

E não se dizia mais nas ditas duas cartas de Foral concedidas a João de Barros e Ayres da Cunha que vão aqui trasladadas a rogo do supplicante Heliodoro Fernandes Barros e lhe Mandei dar nesta com o sello das Armas Reaes as quaes valerão quanto em Direito poderem valer salvo ulterior disposição. Dada nesta Corte, muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa aos vinte e dous



dias do mez de dezembro ; El Rei o Mandou pelo Director do Real Archivo da Torre do Tombo, o Bacharel Antonio Eduardo Simoes Baião, Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentose oito.

Esta vae escripta em vinte e seis laudas de papel. José Alfredo Maria Pons a fez, entrelinhando a paginas tres a palavra se.

O Director—

ANTONIO EDUARDO SIMÕES BAIÃO.



Traços biographicos do

SENADOR PEDRO VELHO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

Tendo fallecido a 9 de Dezembro de 1907 o nosso eminente consocio senador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, cogitou logo o Instituto de prestar á sua memoria condigna e justa homenagem, e, por unanime accôrdo de seus membros, resolveu erigir-lhe, não muda estatua na praça publica. mas immorredouro padrão nas paginas desta *Revista*, dedicando-lhe exclusivamente, com a historia de toda a sua vida, os dous numeros deste anno, que formam o VI volume.

Bem ardua e difficil era, porém, a nossa



empresa, e, apenas encetada, recuamos ante a impossibilidade de leval-a a effeito.

Publicámos o primeiro numero do volume e, propondo-nos agora a deixar registrados no segundo os traços biographicos do senador Pedro Velho, illustrando-os com o seu retrato, não é nosso intuito escrevermos a sua historia, fazendo a critica dos actos e pondo em relevo a figura saliente do inesquecivel organizador da Republica no Rio Grande do Norte. Limitamo-nos á primeira phase de sua vida, deixando á posteridade, que far-lhe-á a devida justiça, o encargo de occupar-se da segunda, certamente superior ás nossas forças.

Assim, dividiremos o nosso trabalho em tantas secções quantas forem exigidas pela diversidade dos assumptos; e dar-nos-emos por satisfeitos si ahi de futuro encontrar o historiador quaesquer subsidios para a historia do pranteado filho do Rio Grande do Norte.

I

Nascimento, educação e primeiros estudos

Descendente de uma familia de tradições honrosas e historicamente conhecida no Es-



tado (1), nasceu Pedro Velho no dia 27 de Novembro de 1856, em modesta casa da rua do «Commercio», desta Capital, sita no mesmo local hoje occupado pelo predio em que funciona a administração dos correios.

Os primeiros annos de sua existencia passou-os no seio da familia, recebendo de seus progenitores, major Amaro Barretto de Albuquerque Maranhão e sua digna esposa, d. Feliciano Maria da Silva e Albuquerque, essas lecções de civismo e trabalho honrado que, formando o seu character, guiaram-no sempre no caminho accidentado da vida publica.

Começou a estudar primeiras lettras aqui mesmo em Natal, tendo como professor o capitão Antonio Ferreira de Oliveira, muito conhecido entre nós.

Vendo, porém, seus paes que as lecções acanhadas do modesto professor já não satisfaziam as exigencias de seu espirito, mandaram-no para o Gymnasio Pernambucano

(1) O appellido de *Maranhão* faz suppor que descendia de Jeronymo de Albuquerque, o fundador da cidade do Natal e primeiro que teve este appellido, pela conquista que fez do territorio do Maranhão em 1614: e era tambem parente de André de Albuquerque Maranhão, chefe do governo revolucionario da Capitania do Rio Grande do Norte em 1817.



e, tempos depois, para o «Collegio Abilio», na cidade da Bahia, onde fez com distincção e muito aproveitamento o curso de humanidades.

Ahi deu-se com elle um facto, de somenos importancia, mas que convem registrar como a prova mais eloquente desse elevado sentimento de solidariedade que expontava em seu espirito juvenil e foi depois, na vida publica, como na particular, uma das notas typicas de seu character.

Estudava um dia sua lecção de piano, quando rebentou no collegio um desses movimentos de insubordinação muito communs em estabelecimentos dessa ordem.

O director, dominada a *revolta* e apuradas as responsabilidades, decretou severos castigos aos culpados, que eram quasi todos os alumnos da classe de Pedro Velho, exceptuando-o, pela certeza que tinha de que na occasião elle estava na sala de musica a estudar piano.

Qual não foi, porém, a sua surpresa quando viu o joven collegial levantar-se do banco em que ouvia ler a sentença de condemnação de seus collegas e pedir-lhe com dignidade que nella o incluísse tambem, porque com elles era solidario e procedimento



egual teria tido si estivesse na classe quando rebentou a insurreição!

Foi um successo! O director abraçou-o com transportes de verdadeira admiração, as classes o acclamaram e terminou o incidente com a revogação do terrivel decreto, após um bonito discurso do famoso educador, que foi o director daquelle collegio, o qual, aproveitando o motivo, dissertou longamente sobre a pratica dessas acções que engrandecem a alma, ennobrecendo o character.

II

Tirocinio academico, formatura e casamento

Concluido o curso de preparatorios, em 1873 matriculou-se Pedro Velho na Faculdade de Medicina daquelle mesma cidade, naqual deixou traços luminosos de sua intelligencia, conquistando ao mesmo tempo, pela sinceridade expansiva de seu trato, verdadeiras affeições entre professores e condiscipulos.

A seu illustrado mestre dr. Ernesto Carneiro Ribeiro e talentoso collega dr. Candido Agnello da Costa Espinheira (2) dedicava depois a sua these, apresentada em 30



de Setembro de 1880 á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde foi concluir seu curso academico, e perante a mesma sustentada em 4 de Abril de 1881.

Nessa these, em cuja defesa obteve de seus examinadores approvação distincta, recebendo merecidos applausos de toda a eschola, dissertou o illustre doutorando sobre *as condições pathogenicas das palpitações do coração e dos meios de combatel-as*.

Certo, foi um triumpho que bem compensou as fadigas de seu tirocinio academico; mas outra era a preocupação de seu espirito com a preferencia de seus estudos: —achar na sciencia meios de prolongar a vida á auctora idolatrada de seus dias, que era cardiaca.

E conseguiu-o: pois d. Chana—como a chamavam em familia—graças á sciencia do medico e ao amor do filho, poudé ainda viver até 9 de Maio de 1893 (3), quando falleceu na idade de 62 annos.

Pedro Velho não tinha bons pulmões e

(2) Da amisade do dr. Espinheira, padrinho de seu primeiro filho, ouvi-o mais de uma vez fallar com desvanecimento e grande sympathia.

[3] Nasceu a 20 de Março de 1831.



por mais de uma vez, durante o curso academico, teve de interromper seus estudos para tratar-se, indo mesmo, numa dessas occasiões, á Europa, onde demorou-se mais de anno.

Por isso, tendo-se matriculado em 1873, só em 1881 conseguiu formar-se.

A 27 de Abril desse mesmo anno, na egreja matriz da freguezia de S. José do Arcebisado do Rio de Janeiro, uniu-se em matrimonio á sua virtuosa parenta e comprovinciana exm^a senr^a d. Petroniila Florinda Pedrosa, filha do rico negociante Fabricio Gomes Pedrosa e sua esposa, d. Luiza Florinda Pedrosa, como tudo consta da certidão desse acto, que tenho sob as vistas (4).

(4) E' a seguinte:

"Certifico que no livro 7^o de assentos de casamentos desta Freguezia, á folhas 145, existe o seguinte assento: Aos vinte e sete de Abril de mil oito centos e oitenta e um, nesta matriz, com provisão do Illmo. Monsenhor Vigario Geral, da qual consta a dispensa do impedimento de consanguinidade com segundo grão igual da linha transversal, cumpridas as penitencias impostas, assisti ao Sacramento do matrimonio que, perante mim e as testemunhas Bacharel Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha Filho, José Sombra e Christiano C. Coutinho, celebraram, *juxta Tridentinum* e Constituição do Bisado, Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, filho de Amaño Barretto de Albuquerque Maranhão e Feliciana Maria



A Pedro Velho sobreviveu d. Nilla, a esposa idolatrada, áqual confiante entregava sempre a direcção interna do lar, que sabia protegido pela grandeza de seu amor e inatacavel escudo de suas virtudes.

III

Clinico, educador e professor

Apenas formado, voltou Pedro Velho para o Rio Grande do Norte, onde começou a clinicar, abrindo escriptorio em Natal, depois de ter residido algum tempo na cidade de S. José de Mipibú dirigindo uma pequena pharmacia.

Intelligente, estudioso e illustrado, podia em breve tempo conquistar na medicina os mais assignalados triumphos. Cêdo conhe-

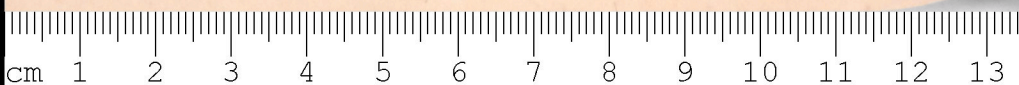
da Silva Albuquerque, com Petronilla Florinda Pedrosa, filha de Fabricio Gomes Pedrosa e Luiza Florinda Pedrosa, ambos os contraentes naturaes da Provincia do Rio Grande do Norte e moradores nesta freguezia, de que se fez este assento. O Coadjutor Ignacio Ferreira Campello.

Nada mais consta. *Ita in iide Parochi.*

Matriz de S. José, 1 de Outubro de 1908.

Conego José Gonçalves Serejo, Parocho interino».

Está devidamente sellada e de firma reconhecida pelo tabelião Paula e Costa, do 3º cartorio do Rio.



ceu, porém, o joven medico que a sciencia de Hypocrates o não seduzia ; que o seu titulo , laureado, longe de ser o resultado duma aspiração decidida, era apenas a conquista de superior talento ; tinha errado a vocação e sentia-se mal diante de seus clientes.

Pensou, pois, em accordar-se com a propria consciencia, e a educação da mocidade de sua terra natal foi o alvo para o qual dirigiu-se a luz de seu espirito privilegiado.

Fundou nesta capital, em 1882, o *Gymnasio Rio-Grandense*, estabelecimento de instrucção primaria e secundaria e que, obedecendo a uma orientação nova e elevada, era a primeira tentativa que se fazia na provincia contra o despotismo da ferula e as lecções cantadas dos methodos antigos.

Chegou o Gymnasio a contar um numero consideravel de alumnos e muitos de nossos patricios que figuram hoje com distincção na vida publica, a par de solidos conhecimentos elementares das sciencias, ali receberam os primeiros ensinamentos de moral, de civismo e de amor á Patria, ministrados diariamente pelo sabio director e ás vezes em conferencias, feitas, a seu convite, por contemporaneos distinctos e de reconhecida competencia, como Hermogenes Tinoco,



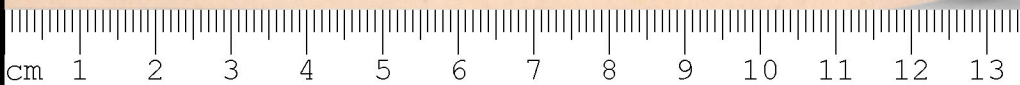
Henrique Camara e Calistrato Carrilho. Infelizmente, como acontece geralmente a empresas deste genero em nosso meio, o Gymnasio pouco tempo durou, e o dr. Pedro Velho, sempre com a preocupação de ser util á mocidade e, portanto, ao futuro de sua patria, procurou no Atheneu Rio-Grandense emprego adequado ás suas habilitações pedagogicas, conquistando em 15 de Abril de 1885, mediante brilhante concurso, em que foi approvedo com distincção, a cadeira de Historia desse estabelecimento de ensino publico.

IV

Remindo os captivos

Mas, espirito talhado para as grandes luctas e movimentos sociaes, o distincto professor incommodava-se nas estreitas salas do Atheneu e sentia que melhor poderia servir á Patria, de cujos destinos já sonhava, talvez, seria um dia o arbitro supremo, trocando a cadeira de mestre pela tribuna popular.

Depois da famosa lei do ventre livre, a abolição total dos escravos tornou-se a grande aspiração nacional e os brasileiros, impa-



cientes por ver extinta essa nodoa, que tanto nos envergonhava perante as nações civilizadas, já não satisfazião-se com a acção morosa e incompleta dos poderes publicos, atiravam-se á mais franca e decidida propaganda.

A idéa abolicionista era geralmente abraçada pelo Rio Grande do Norte, de modo que em fins de 1887 já contavamos tres municipios livres—Mossoró, Caraúbas e Triunpho.

Mas os cruzados da liberdade invadiam a provincia desordenadamente, sem chefe e sem um centro estrategico, donde, combinados os planos de ataque, partissem, com probabilidade de bom exito, as vozes de commando.

Comprehendeu isso o intelligente professor do Atheneu; e, pondo-se á frente do movimento libertador, no dia 1º de Janeiro de 1888, em reunião por elle convocada, fundou nesta cidade a *Libertadora Norte-Rio Grandense*, que, tomando o nobre e generoso compromisso de libertar a provincia até 31 de Dezembro daquelle anno, tornou-se o centro da propaganda abolicionista de toda ella.

Nessa reunião, em que tomaram parte



os principaes abolicionistas da Capital, em numero de 54, approvadas as bases da sociedade, apresentadas pelo dr. Pedro Velho, foram eleitas, sob sua indicação, a respectiva directoria e diversas comissões locais que a auxiliassem nos municipios ainda não libertados.

Estava assim installado o quartel general da grande campanha e o dr. Pedro Velho, creando o *Boletim da Libertadora Norte-Rio-Grandense*, em que ia registrando todos os seus actos e escrevendo os mais convincentes artigos de propaganda, propondo acções de liberdade e requerendo *habeas-corpus* em favor dos captivos, indo pessoalmente aos municipios mais proximos installar e movimentar as sociedades locais, fallando ao povo, doutrinando no lar e convencendo em toda parte, era o chefe prestigioso dessa campanha, o verbo irresistivel da liberdade.

E o que foi essa luta da razão contra o despotismo, qual a grandeza dos triumphos obtidos pela *Libertadora Norte-Rio-Grandense*, sob a incansavel vigilancia do dr. Pedro Velho, dizem-no claramente, eloquentemente os nove numeros de seu *Boletim*, para os quaes remetto o leitor que mais



completas informações quizer sobre o assumpto (5).

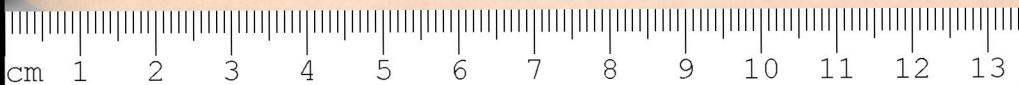
«Encaminhado assim o movimento—diz o ultimo desses boletins, publicado a 20 de Maio—a briosa provincia poude, dentro do curto periodo de 4 mezes e 12 dias, apresentar o luminoso quadro de honra acima publicado (6)

Por amor á verdade historica se diga que, entre nós, houve alguns emperrados; mas, não obstante isto, estamos certos de que a *Libertadora* levaria a effeito a sua empresa, proclamando livre a provincia antes do prazo por ella marcado, si o governo não tomasse a si o honroso encargo de fazel-o já.

Foram apresentados á matricula, ultimamente procedida na provincia, 3716 escravizados, e, em vista de dados exactos que possuimos e por calculos mais ou menos approximados, avaliamos em 300 e poucos, no

(5) Veja-se tambem o que a respeito desse *Boletim* dissemos na 2^a ed. de nosso trabalho "A Imprensa Periodica no Rio Grande do Norte", que começamos a publicar neste volume da *Revista*

(6) Quadro em que figuram os nomes das localidades livres antes da lei de 13 de Maio, sendo 12 municipios, 3 cidades, 9 villas e 22 povoações.



maximo, os que ainda permaneciam no captiveiro quando raioi a tão almejada aurora de 13 de Maio.

De modo que o Rio Grande do Norte pode dizer com orgulho:—Em meu territorio muito pouco encontrou a fazer a grande lei que aboliu a escravidão no imperio”.

Naquelle dia estava o dr. Pedro Velho em Angicos, aonde tinha ido procurar melhoras á sua saude, seriamente alterada.

Mas ali, como em qualquer parte onde estivesse, não descansou o denodado propagandista. Fundou a sociedade abolicionista daquelle municipio e conseguiu, muito antes de 13 de Maio, a sua total emancipação.

E, quando chegou a Angicos a noticia da promulgação da aurea lei, passou aos secretarios da *Libertadora*, seus esforçados companheiros de cruzada, o seguinte telegramma:

“João Lindolpho, Zacharias Monteiro. Associo-me cordialmente regosijo. Respiramos em fim. Gloria á Patria livre! Abraço heroicos companheiros”.

V

Pregando a Republica

Finda a campanha abolicionista com a



extinção completa da escravatura, o dr. Pedro Velho, cujo espirito parecia talhado para evangelizador das grandes idéas, no mesmo anno em que a historia patria registava aquelle notavel acontecimento, fez-se o corypheu ardente e apaixonado da república em sua terra, de modo que a 27 de Janeiro do anno seguinte, a seu convite, realizava-se nesta cidade, em casa de residencia do capitão João Avelino Pereira de Vasconcellos, a primeira reunião do partido republicano da provincia, depois dos movimentos revolucionarios, tragicamente afogados no sangue dos patriotas, de 1817 e 1824.

Nessa reunião, presente um grande numero de cidadãos, sob a presidencia do dr. João de Albuquerque Maranhão, secretariado pelo rev. vigario de Macahyba, padre José Paulino de Andrade, e cidadão Juvenio Tassino Xavier de Menezes, obtendo a palavra, expoz o dr. Pedro Velho os fins da mesma reunião e, depois de unanimemente acceitas as bases da lei organica do partido, que apresentára, lembrou a criação de um jornal ou revista que dêsse conta dos progressos do partido no paiz, animou os correligionarios vindos do interior a que pro-



móvessem a criação de clubs locais em seus municípios e findou lendo o seguinte manifesto, que, energico, eloquente e como a expressão mais viva de seus sentimentos democraticos, quero de bom grado incorporar a esta pallida narração de sua vida (7):

«Concidadãos:

O throno, usurpando uma gloria exclusivamente popular para decorar-se com o epitheto de *redemptor*, julgou consolidar-se.

Pareceu-lhe que o 13 de Maio seria um solido remendo para as grandes brechas que apresenta a instituição monarchica.

Mas enganou-se, porque uma conquista como a abolição dá ao povo uma tal consciencia de sua dignidade e de sua força, que não lhe é mais permittido estagnar-se na attitude servil de subditos reverentes.

A republica, como um novo Christo, teve

(7) Esse manifesto foi impresso e largamente distribuido na provincia em um pequeno folheto de 47 pags., contendo mais um bem elaborado artigo sob a epigraphie--*Partido Republicano no Rio Grande do Norte*, acta de sua 1ª reunião, lista dos nomes dos cidadãos que a ella compareceram e adheriram, em numero de 114, e as bases para a lei organica do partido republicano na provincia.



o seu percursor, e o Baptista desse novíssimo evangelho foi a liberdade dos escravos.

Os brasileiros começam a sentir que a liberdade é uma aspiração natural e também irresistível, desde que o pesado véo da ignorancia e da cobardia, adelgaçando-se, permite á consciencia da nação que se deixe illuminar pelos fachos ardentissimos da propaganda democratica.

Cae do bico da penna de escriptores venaes e filtra dos labios torpes de oradores comprados uma mentira infamissima e que tem a intenção envenenada e pífida de desacreditar o ideal republicano no Brazil.

Dizem que é o despeito, que é a indemnização que tem levantado, como um fogo fatuo, essa sympathica corrente de opiniões, cujos élos, constituidos por clubs, jornaes, conferencias e pamphletos, se vão rapidamente soldando de um a outro extremo do paiz.

Embusteiros! não se pejam de atirar esta calumnia vil ao nobre sentimento democratico do povo brasileiro. A idéa republicana tem tão solidas bases na razão e na justiça, que não precisa de expedientes para luctar e vencer.



E, quando a corrente for bem longa e bem forte, hão de se ir estreitando os círculos da opinião em torno á monarchia, para intimar-lhe a sua incompatibilidade com o progresso moral da nação regenerada.

—
A pecha de indemnizesta applicada ao Rio Grande do Norte é uma injustiça sem nome.

Esta provincia procedeu com tal nobreza, com tão espontanea e admiravel generosidade na questão dos escravos, que semelhante accusação nem de leve lhe attinge a frente heroica.

Ainda quando a miseria e a vileza infame de um governo nos viesse offerecer o preço dos nossos irmãos remidos, os rio-grandenses teriam coragem bastante para devolver como um insulto esse pensamento immoral, que importaria retrogradar o Brazil 300 annos no caminho da barbaria e do despotismo.

Não! Digamos bem alto e mil vezes : não é a questão dos escravos que nos preoccupa, ella está terminada, e nos parece até uma especulação estar-se a espalhar constantemente que o governo se vê assaltado de opiniões escravocratas e que só uma



grande coragem e um grande patriotismo podem sustentar e manter respeitada a grande lei.

Não! A escravidão não voltará mais nunca e a indemnização, que seria revivel-a, é portanto impossível.

Os republicanos despresam esta insultante insinuação e, porfiando na tarefa de propagandistas, navegam no mar largo das grandes conquistas sociaes, procurando vencer outros escolhos que lhes vedem o caminho do progresso, porque aquelle—a escravidão—ficou para sempre submerso.

E' sina das idéas novas, por mais elevadas e humanitarias que sejam, encontrar sempre a resistencia da ignorancia e a outra resistencia peor e mais tenaz dos interesses vinculados aos velhos regimens.

Nesta luta muitas vezes as armas são illicitas e traiçoeiras. A idéa condemnada, em desespero de causa, atira-se cheia de fúrias contra o pensamento novo. E' o que estamos vendo.

A sublime crusada abolicionista dos cearenses, a quem cabe a primasia na grande campanha, teve tambem seus detractores; mas a gloria daquella heroica provincia a fama attestará eternamente.



Agora é a republica que se quer desacreditar. A policia secreta que atropellava as conferencias abolicionistas quer repetir o expediente para os *meetings* democraticos.

Qual foi o papel do throno na lueta épica do abolicionismo já todos o sabemos. Um eminente escriptor e notavel critico, professor do collegio D. Pedro II, disse com razão que não era *redemptora*, mas sim *engañadora*, o nome que merecia a regente.

Não partiu do throno o pensamento abolicionista, não teve o apoio da corôa a luminosa e sublime propaganda; só á ultima hora, na phase irresistivelmente triumphante do abolicionismo, quando a solução do problema não dependia de mais nada, porque era uma exigencia e uma intimação do povo ao governo, é que a regente se decidiu, e ainda assim por calculo, para ver si captava sympathias. Foi uma salvaguarda aos seus interesses, e não uma generosidade espontanea, que fez com que a monarchia confraternizasse com o abolicionismo; a verdade é que ella capitulou diante de uma exigencia popular.

Os libertos nada, absolutamente nada, devem á corôa; o escravo teve um defensor,



um unico, e este foi o povo, seu irmão: a compaixão pelos seus soffrimentos não desceu do governo para as camadas populares; pelo contrario, subiu do povo para os poderes officiaes, cresceu, assoberbando todas as resistencias, e ganhou afinal a grande victoria da razão sobre o interesse.

O liberto é o filho do povo, porque só o povo o amparou e protegeu, só o povo se apiedou das suas misérias.

Mas nem o rotulo falso e usurpado de *redemptor*, nem a *rosa de ouro*, foram ainda sufficientes para garantir o prestigio que o throno sentia cada dia abandonar-o.

Abriram-se os cofres das graças, fonte de receita em aulicos e dinheiro. Coroneis, barões, commendadores formigam hoje n'uma profusão tal, que mostra claramente que isto não tem seriedade alguma. E' um expediente de que lança mão a corôa para comprar adeptos á custa da vaidade dos tolos. Uma nobreza que não tem outra fidalguia sinão o rotulo de um decreto deve envergonhar-se de estar maculando esta America democratica e modernissima, onde os velhos preconceitos do passado jamais poderão crear raizes sólidas.



As adhesões republicanas não as queremos somente de eleitores. Todos são brasileiros, podem ter opinião e manifestal-a. Além disso, a pessima lei eleitoral que nos rege, já de si viciosa, é consideravelmente peorada pela intervenção desbragada de certos magistrados e pela fraude impudente dos documentos.

De tudo isto resulta serem incluídos na lista dos votantes sujeitos sem idoneidade e sem criterio e ficarem privados do direito de suffragio cidadãos que, pela cultura de seu espirito e por suas condições de fortuna, são perfeitamente aptos e dignos de manifestar na urna a sua opinião sobre os negocios publicos.

Queremos votos, porque será sem duvida pela revolução incruenta do suffragio, será pela victoria das urnas que se ha de erguer na terra brasileira o estandarte da democracia. A republica se fará sem que custe uma gotta do sangue brasileiro.

Os senhores de escravos eram mil vezes mais aferrados ao dinheiro que deram pelos seus captivos, que o costume e a lei lhes faziam considerar uma verdadeira propriedade, do que os monarchistas ao throno.

Separação, guerra civil, a ruina da la-



voura, tudo se disse e se explorou contra a propaganda abolicionista, mas a abolição está feita e fez-se entre risos e festas.

A republica se ha de fazer igualmente com flores, pela vontade da nação inteira. Ella ha de surgir radiante do meio das ruínas do passado, que vai desabando inconsistente e sem prestigio.

Queremos votos; mas queremos tambem e principalmente que o povo, o trabalhador que nada deve á monarchia, sinta esta verdade:—o futuro e a salvação da patria estão na republica.

—
Este grande problema é do interesse de todos. A despreocupaçào pela causa publica é um symptoma de relaxamento social. A indifferença e o quietismo do espirito podem ser commodos; mas é humilhante e puzilanime esperar para decidir-se que a victoria esteja ganha: é o papel dos poltrões sem patriotismo e sem dignidade.

Essa indifferença em que vivemos é só propria dos povos gastos e decrepitos, onde a fadiga das luctas aniquila o espirito publico, matando o civismo e a altivez; mas em uma nação nova e de futuro esse abandono da causa nacional ao acaso dos capri-



chos de politicos mais ou menos corruptos é uma vergonha e uma covardia.

O governo tem por si, dizem, a machina complicada e submissa do functionalismo, que, dependendo do favor da administração, não pôde manifestar opiniões republicanas. Tem sido assim infelizmente para ignominia dos governos que não se pejam de dar o pão a troco da consciencia; mas esta inabalavel rocha já n'um ou n'outro ponto estremece em calafrios de revolta.

Até hoje o funcionario, principalmente o provincial, sujeito aos caprichos partidarios, á força de ouvir a doutrina perfida e impudente de que o empregado do governo não pôde pensar sinão com o governo, suppunha não incorrer com essa passividade em desbrio ou deshonor. Amedrontados com o espectro da demissão, muitos que se sentem seduzidos e arrastados pela corrente democratica procuram occultar, tremendo, seu pensamento politico, porque suppõem que o mais venial peccado contra a *sagrada inviolabilidade de S. M.*, o simples enunciado de que a republica é a maneira de governar os povos mais compativel com a posse da



dignidade do cidadão, bastaria para justificar o esbulho do seu emprego.

Mas sejamos francos, arranquemos a máscara dos embusteiros. O ideal politico do cidadão nada tem que ver com as aptidões e a probidade do serventuario. Póde-se ser republicano e ao mesmo tempo um escrevente que redige limpamente os seus officios, um thesoureiro que não delapida o cofre á sua guarda.

Nós não somos empregados do throno e nem recebemos dinheiro do rei. Todos, ainda os mais infimos, os funcionarios são pagos pelo contribuinte, sendo elle mesmo tributado para estas e as mais despesas do serviço publico. Um emprego não é uma esmola que nos dá o rei, é um serviço que a nação nos paga. Si o cidadão brasileiro secretario declarado das idéas republicanas não pudesse ser funcionario, então não deveria tambem pagar impostos.

Propalam para intimidar a fraqueza dos medrosos essas idéas de terror compressivo da dignidade e do patriotismo, mas pouco lhes ha de aproveitar. De que serve ao governo o apoio eleitoral da burocracia que o segue sem dedicação e só por interesse? De que valem essas transitorias adhesões,



filhas do medo? E, quando o povo votar, que peso terão os suffragios das secretarias contrapostos á onda da opiniao nacional manifestada por todos aquelles que souberem escrever o seu nome?

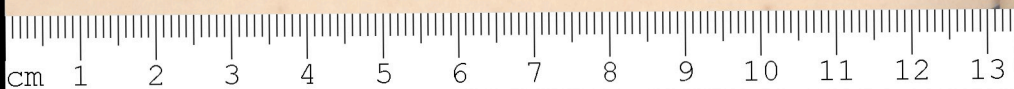
Já em todo o Brazil vão apparecendo opiniões republicanas entre os funcionarios; e, si isto é agora, na aurora da propaganda, em breve as repartições se hão de convencer de que não são dependencias do paço imperial, mas delegações nacionaes.

Deixemos essa reverencia servil e fetichista para as librés palacianas, para os nossos caricatos moços fidalgos.

Um homem filho desta heroica terra de Colombo que vê os seus irmãos de ambas as Americas regendo-se todos por instituições exclusivamente populares—uns, menos dotados ou menos felizes, ainda na aprendizagem dura e forte da democracia, outros já em plena vida civilizada, dando lecção á Europa—e que solícita e acceita a honra de ser creatura do imperador é um americano chinez.

Os filhos desta Provincia não têm pulsos para algemas nem coração para servilismos.

As tradições republicanas do Rio Gran-



de do Norte toram escriptas com sangue ; não podem achar-se obliteradas. Ellas re-verdecerão.

A geral apathia e descrença que afasta-va da politica muitos homens de boa fé e sinceridade não tem mais razão de ser.

Os partidos constitucionaes, ambos gastos, succedendo-se no poder por mero capricho da corôa, sentem que outro ideal mais alto vem surgindo na razão publica e que será baldado todo seu esforço para galvanizar o cadaver da monarchia, que exhala corrupção em todos os ramos adminis+rativos.

Hoje os bons cidadãos, os patriotas desinteressados têm afinal um pensamento virgem e purissimo para empregar as tendencias livres de sua alma. A republica não é sómente uma fagueira esperança, que nos poderá trazer melhores tempos; ella toma vulto a cada instante. As vozes da propaganda, até então raras e dispersas, congregam-se em coros imponentes, aos quaes se hão de incorporar mais cedo ou mais tarde todos os espiritos rectos e leaes.

Ella virá—a desejada das gentes—esse anjo tutelar da terra americana, que passa triumphante e sorrindo sobre todos os povos do Novo Mundo, tendo apenas a fronte



velada e triste quando olha para esta grande nação, cujos heroicos destinos se acham ainda tolhidos por instituições anti-democraticas, onde o povo nada é e nada vale.

Nós eramos na America os ultimos senhores de escravos; esta miseria terminou. Somos agora os derradeiros subditos; é a vez de lavar esta vergonha.

O povo é constantemente burlado e illudido; é mister abrir-lhe os olhos.

Muitos espiritos liberaes e justos apresentam como objecção á mudança immediata da nossa fôrma de governo o respeito em que é tido o actual monarcha, que tem qualidades pessoaes dignas de louvor.

Mas que resta do patriotismo após semelhante confissão? Pois será crível que o c'dadão anteponha á causa santa da patria o interesse de um individuo? Si a republica é bôa e necessaria, toda protellação ao seu advento é insustentavel.

E' cêdo ainda—eis uma fórmula vazia de senso e prenhe de interesses.

Dizer-se que a nação não está preparada é um sophisma; preparada não está ella igualmente para o systema actual, e a prova é a sua não intervenção a sua indiferença



pela causa publica. Sómente o regimen republicano pôde dar-lhe a consciencia de que o interesse pelos negocios do Estado não é somente um direito, mas um dever de cada cidadão.

Esperar que seja a monarchia quem nos venha preparar para a vida republicana é absurdo. O resultado seria este: a nação iria descendo, descendo no declive fatal do despotismo e, quando a dor de sentir-se afastada da corrente do progresso americano lhe trouxesse ás faces assomos de libertar-se, seria tarde talvez; o espirito publico, abatido e aniquilado, nem forças teria para reagir.

A republica deve amparar o paiz na queda que o ameaça e não esperar, para dar-lhe a mão, talvez sem remedio, que a pobre patria se tenha despenhado inane no fundo do abysmo.

Outra especulação que exploram também contra a propaganda republicana é a ameaça—espantallo de uma dictadura militar. Mas, ainda quando isto não fosse uma calumnia infamante—que o é—atirada á honra e á lealdade dos nossos briosos militares, a nação só supportaria semelhante affronta



si estivesse envilecida por mais outro seculo de monarchia.

Um povo que faz a republica em pleno vigor de opinião não receia tyrannos nem dictadores. De mais, as chamadas questões militares têm tido origem apenas na fraqueza e na ineptia dos governos. Temem que o exercito confraternize com o povo e que se deixe tambem eivar do *virus* de republicanismo.

E porque não? porque o exercito não pôde ser republicano? A farda não lhes atrophiou o coração. Os interesses e o futuro da patria não lhes podem ser indifferentes; e, desde que a monarchia, divorciando-se da causa nacional, seja mais um estorvo do que um estímulo para o nosso progresso e para a nossa gloria, o exercito não a pôde preferir á nação.

Soldados republicanos! Sim, porque elles não são soldados do rei, e sim da patria.

O exercito, assim como foi abolicionista e bem alto e nobremente o proclamou, pôde do mesmo modo e com igual direito ser pela republica.

Quem se recusou ao papel de capitão de campo não quererá ser fraticida.



Esta provincia é tida e havida, como outras suas irmãs pobres, como um fardo e um peso que onera os recursos monetarios da communhão. Este juizo, que nos humilha e nos avilta, podemos mostrar que é falso, provando que a vida propria e independente é perfeitamente compativel com os nossos recursos naturaes.

Não podemos chegar a enthesourar grandes fortunas, mas uma abastança independente e feliz esta só depende da bôa vontade, do patriotismo dos rio-grandenses.

O actual estado de cousas é desanimador, é verdade.

O nosso commercio não tem porto nem estradas, a nossa lavoura de exportação não tem machinas, a cultura dos cereaes e legumes é sobrecarregada pela construcção de cercas que protejam a lavoura do gado que pasta solto nas zonas agricolas. (Todos proclamam a urgencia de retirar-se o gado do *agreste*, mas todos egualmente receiam que esta medida de interesse geral vá irritar algum potentado de aldeia, cujo egoismo antepõe ao bem publico os seus prazeres e os seus caprichos). Finalmente, a nossa industria pastoril, de que vive quasi metade da população, vegeta n'uma rotina precur-



sôra da decadencia, sentindo-se invadir d'um desanimo completo. A falta d'agua colloca-a na mais assustadora das contingencias; o terrivel flagello das sêccas ameaça-a de aniquilamentos periodicos.

Entretanto, o sólo é de uma uberidade extraordinaria, e a falta d'agua seria perfeitamente remediavel por meio de numerosos açudes. Infelizmente, esta palavra relembra o Quixadá, que todos sabemos o que tem sido. Entretanto, com o que alli se despendeu e se vai despende, que incalculavel beneficio se não faria ao Rio Grande do Norte?

Não nos resta duvida de que esta provincia tem recursos proprios e que só será dependente e pupilla emquanto quizer.

Nós presamos e respeitamos os laços de solidariedade nacional, mas não nos devemos mostrar resignados ao papel de parazitas que injustamente nos querem distribuir.

Devemos egualmente provar que a passividade servil não é da nossa indole nem do nosso character. Quando nos vierem dizer que n'esta terra a liberdade de opinião é impossivel, porque a voz do interesse atrophia a dignidade, mostremos que isto é uma torpe mentira, que o caminho das grandes idéas



não está fechado para os rio-grandenses e que os espinhos da jornada não acobardam o animo do cidadão a quem repugna sevandijar-se na degradação ao servilismo.

O pensamento, essa nobre e divina porção do ser humano, não conhece peias, e, quando uma idéa generosa e grande medra na razão, sancionada pela consciencia, torna-se uma força irresistivel e indomavel.

O Brazil assistiu impassivel á lucta heroica que se travou na America do Norte em pról dos escravos e deixou-se ficar na abjecção do captiveiro. Afinal, a consciencia nacional despertou áquelle lethargo aviltante e a opinião popular impoz-se ao governo. O mesmo vai succeder, e certamente com mais brevidade, para o advento da republica. Quando o Brazil olhar em torno de si e se vir rodeado de estados republicanos, ha de sentir-se tomado de vergonha, porque ainda não se poude sentar fraternalmente no congresso da democracia americana.

Que destino cruel nos sellou com a incapacidade de governar-nos sem rei e sem senhor? Por que razão a idéa dymnastica, o throno *inviolavel* e *irresponsavel*, repugna á mente de todos os povos americanos, para



achar um refugio unico no espirito dos brasileiros? Seremos porventura uma raça interior? Serão mais acanhados os moldes de nossa alma? Que insultante desconfiança é esta que se mostra por este infeliz povo, dizendo-o incapaz de gozar da liberdade sem cahir na anarchia, de ser federado sem perder a noção elevada da patria commum?

As monarchias só podem subsistir em duas hypotheses: ou quando têm raizes tradicionaes e historicas tão profundas que só com violencia podem ser arrancadas (e ás vezes o são:—o cancro do despotismo arrancou-o a França heroica em cataclysmos de dôr, goltando rios de lagrimas e sangue, mas arrancou-o) ou quando o throno se firma sobre uma nação que não se peja de ver-se humilhada, sobre uma gente infima e corrupta, insusceptivel de regenerar-se.

O primeiro caso não tem applicação ao Brazil. Tradições monarchicas não as temos, salvo si assim quizerem chamar á comédia do Ypiranga e ao mandado de despejo do 7 de Abril.

A segunda hypothese é um insulto cruel applical-a aos brasileiros. Pois este nobre e infeliz povo terá o coração fechado e inacces-



sível á grande luz redemptora da republica? A evolução do pensamento só não será uma lei para os brasileiros? Em breve veremos o contrario. O espirito publico desperta, reage, tem assomos nobilissimos de emancipar-se, e ha de fazel-o.

Pois ha de um povo inteiro abdicar o seu poder immenso na pessoa de um homem que a lei diz *irresponsavel*, quando elle é susceptivel dos mesmos vicios e das mesmas misérias que qualquer burguez?

E, ainda quando fosse um sabio, um justo, um santo, poderia na sua descendencia, que nos é anticipadamente imposta, surgir um scelerado, um monstro, e este seria por lei o nosso imperador, tendo talvez os seus aulicos dedicados, os seus panegiristas fervorosos. Nero tambem os teve.

Sabemos todos o que nos tem custado em sangue, em cabedaes e em atrazo os dous reinados.

O primeiro está julgado pela historia. O 7 de Abril evidenciou o que valia Pedro I para o povo, por cuja *unanime aclamação* elle foi rei.

Do actual, dizem liberaes e conservadores, que é uma machina infernal de estragar



caracteres e devorar dignidades. O pai enforcava e fuzilava às claras na praça publica; o filho estrangula traiçoeiramente por traz dos reposteiros as consciencias frageis. Os temperamentos fortes e patrioticos, cheios de pudor e cheios de altivez, difficilmente podem supportar o contacto do throno. Notaveis estadistas de ambos os partidos monarchicos têm evidenciado esse traço detestavel do character do imperador. Só gosta dos servis. Para os independentes o ostracismo, que os afugenta de uma vez da politica, ou os amollenta e corrompe até virem beijar o pé que os enxotou.

A vontade da monarchia é que o povo tenha sempre os ouvidos e os olhos bem fechados por uma ignorancia cega e bruta, por um indifferentismo servil e abjecto. Sobre a massa inerte da nação assim hypnotizada poderá tripudiar a gosto e regaladamente a côrte farta e devorante.

Mas isto ha de acabar. Começa a bruxolear na alma do povo, ainda incerta, mas já immorredoura, uma aspiração nova, um ardente desejo de sahir dessa atmosphera pesada e asphyxiante para uma região mais oxigenada e pura.

O gigante que indolente e descuidoso dei-



xou agarrar-se e medrar em seu corpo athletico o polipo da monarchia pôde, sem grande esforço, arrancar de si este parasita.

O actual monarcha, o *illustre astrónomo e sabio universal*, tem ouvido dos seus cousas durissimas.

Nos conselhos da corôa senta-se hoje quem disse, não ha muitos annos, estas sollemnes verdades, que podem ter esquecido a quem as proferiu, n as que o povo ouviu e guardou: «Quarenta annos de reinado, quarenta annos de corrupção e de perfidias! Principe conspirador! Cesar caricato!»

Pois bem, morto este de quem tanto mal se diz, resta-nos a *redemptora* com o Orleans consorte.

Que será o terceiro reinado? De duas uma: ou a imperatriz Izabel será bastante authoritaria para querer governar a exemplo do pai; ou algum favorito será o rei de facto.

Na primeira hypothese temos uma mulher a dirigir os destinos politicos de uma nação; o que não se compadece com as noções mais elementares da sciencia social. Porque o homem será sempre o cultor reverente da belleza, da graça e da virtude feminis,



emquanto ellas coroarem as fronte das esposas e das mães.

Mas na marcha dos negocios publicos a mulher mais intelligente achar-se-á sempre deslocada; e, si ella insistir em querer trocar o lar pela praça publica, si quizer ostentar energias varonis improprias do sexo, desnatura-se, deixa de ser mulher, é uma virago.

Na segunda hypothese, o cortezão favorito, inspirador do throno, ou é um inepto corrupto, o que seria um flagello para a nação, ou é um espirito recto e sabio, e neste caso melhor seria que nós o pozessemos, a elle ou a outro egualmente digno, á testa do governo, com as honras e responsabilidades de chefe do estado.

Cuidado! Esses Braganças são de um egoismo cego, quando se trata dos seus interesses.

Quando a imminencia do perigo não deixar mais duvidas, quando a queda não tiver remedio, elles hão de tentar tudo, sacrificando todos.

Do horisonte luminoso da historia imparcial não se apagará mais nunca o vultu balofo de D. João 6; fugindo da patria com os bolsos cheios, deixando Portugal aban-



donado e pobre a braços com uma invasão terrível. Elle veio para a Bahia e para o Rio desalojar familias brasileiras para aposentar a corja de covardes que o seguiam, e lá ficou o triste povo a lutar sozinho heroicamente, defendendo com uma coragem de leões cada palmo do chão sagrado da patria.

A historia é a mestra da vida, acautelemonos.

O Rio Grande do Norte saberá comprehender essa verdade, e a corrente republicana, que arrasta comsigo a opinião dos patriotas de outras provincias, ha de engrossar suas aguas puras e fertilizadoras com a affluencia das adhesões sinceras e ardentes dos filhos desta terra.

A monarchia brasileira vende rapido para o occaso, sumindo-se num insondavel olvido, sem uma saudade e sem uma lagrima. Do outro lado, no horisonte novo surge, illuminando todos os espiritos e alegrando todos os corações, o sol da liberdade, e com elle a republica—a republica, que é a paz, e o progresso, como desenvolvimento da ordem”.

Como vê-se, logo no primeiro manifesto



que dirigia ao povo, Pedro Velho atacou resolutamente e com vantagem todos os preconceitos que retardavam o advento da República, a qual augurava far-se-ia sem uma gotta de sangue, mas com flores.

Feita a conquista gloriosa da abolição dos escravos, que considerava o Baptista do novo evangelho, elle podia, como um passo para a Republica, abraçar a bandeira da federação das provincias, hasteada por Nabuco e outros denodados chefes daquella cruzada. Mas, pensando com Silva Jardim que «monarchia federativa é coisa absolutamente impossivel, pela razão de que a monarchia suppõe fatalmente um só dominio, um só centro, não admite a independencia do poder local.....», e sentindo revoltar-se a sinceridade de seu espirito ante a consideração de dizer ao povo o que não pensava, na divulgação de idéas inconsiliaveis e antagônicas, foi directamente ao fim: fez-se republicano e apostolo dos principios da democracia pura, no momento objectivo unico de suas aspirações.

Estava dado o primeiro passo para a realização do sonho de Miguelinho, e o esforço do propagandista, amparado já por crescido numero de adhesões, seguiu avante,



pregando ao povo a doutrina nova, que o povo ouvia admirado e com a satisfação de quem vê ao longe bruxolear a luz benéfica de sua redenção.

Convinha, entretanto, para orientar melhor a propaganda, crear o seu organ na imprensa, «a tribuna onde o partido viesse pensar alto, para ser ouvido e julgado pelo povo»; e no dia 1º de Julho de 1889 Pedro Velho atirou á luz da publicidade *A Republica*, organ do partido a cuja frente se collocára, traçando com firmeza o seu programma nos seguintes termos:

“PELA PATRIA

A Republica, organ do partido nacional ou anti-monarchico nesta provincia, tem por missão essencial diffundir e propagar as idéas que o seu titulo synthetiza. Entretanto, a batalha que, com as armas da razão, vamos empenhar contra a realeza corrompida e corruptora não nos fará esquecer quaes as necessidades e os males desta terra infeliz, para dizel-os sincera e lealmente aos nossos comprovincianos; e isto será um novo e grande estimulo para levantar o espirito publico que *ignora* e que se não tem



procurado esclarecer, emancipando-o de preconceitos vãos e perniciosas influencias. Cada um deve conhecer os seus deveres, mas não é menos necessario que conheça tambem os seus direitos.

Havemos de fazer destas modestas columnas não o vehiculo de paixões e odios, mas a tribuna onde o partido venha pensar alto, para ser ouvido e julgado pelo povo.

Atravéz da fôrma menos brilhante, da phrase mais tosca e illetrada, ha de sempre transparecer aqui, como o nosso destino unico e jamais desmentido, a defeza das justas e nobres esperanças de um futuro melhor — o bem publico, emfim, que se traduz no mais completo desenvolvimento do progresso, á sombra protectora da liberdade e da paz.

Ardua empreza para tão fracas forças ; mas a consciencia recta do ignorante vale mais que a razão culta a que se não alia, robustecendo-a, a dignidade e o caracter, e isto nos alenta.

A causa sagrada da patria brasileira, o entranhado amor pelo pobre, mas estremecido, torrão que nos serviu de berço, eis o nosso programma ; aquella nós a encaramos, como todos os bons espiritos desinteressa-



dos e patrióticos, na propaganda republicana: este só o poderemos afirmar pela conquista infatigável do nosso bem estar.

Vamos pugnar pelo povo e pela nação.

O instinto da egualdade é o movel e a aspiração que encadeia e dirige todo o drama histórico da humanidade, e esta sublime conquista não será feita sem a lucta constante contra todas as tyrannias, todos os privilegios, todas as excepções odiosas e injustas, que dividem os homens em um pequeno grupo de favoritos e numa immensa turba de infelizes.

De todos os privilegios o ma's humilhante, o mais pernicioso é a realleza hereditaria e irresponsavel; contra ella estremece em assomos da mais digna e justificada revolta a opinião cansada e desilludida; e entre a dynastia e a nação a escolha não é difficil, nem para hesitações.

Pela patria! Eis o nosso compromisso; para o cumprimento deste encargo temos um só recurso—dizer ao povo a verdade inteira, clara e honradamente. Isto havemos de fazer, custe o que custar”.

E logo, accudindo ao brado que partia do centro, onde pontificava Quintino Boca-



yuva, o chefe eleito da democracia brasileira, e ouvindo a voz de Silva Jardim, o apóstolo intemerato que ia por toda parte pregando, desassombrado e altivo, o evangelho republicano, Pedro Velho poz-se em acção, encarrando de frente e com denodo a situação politica do paiz.

A dynastia reinante, os velhos partidos monarchicos, desorientados e inuteis, a politica tortuosa dos gabinetes foram themas de vibrantes artigos d'*A Republica*, que, occupando-se de um dos assumptos do dia —a viagem do Conde d'Eu ao norte do paiz—reduziu a suas justas proporções a figura politica do marido da futura imperatriz, para quem teve phrases como as seguintes, que mostram ao mesmo tempo a energia e o fino espirito com que occupava-se do assumpto:

«Nós não lhe queremos dizer cousas retumbantes e tribunicias; estamos informados do que vale S. A.; sabemos que esteve no perigoso ataque de *Perribebery*; que tem muitos milhões na Inglaterra, muitas terras no sul, muitos cortiços no Rio de Janeiro; que é surdo e *economico*.

Pois sim; mas deixe-nos».

E dest'arte, «acompanhando a marcha



politica do paiz, fazendo doutrina, jogando com o ridiculo de um modo finissimo e proveitoso, estudando criteriosamente as questões locaes, a pequena folha espalhou-se em toda a provincia e tornou-se um elemento politico de valor».

No mesmo dia em que publicava *A Republica*, convidava o chefe do novo partido os republicanos da capital e do interior a se reunirem no dia 14 para tratar e resolver sobre assumptos de importancia e urgencia para o bom andamento e progresso da propaganda democratica e especialmente proceder á eleição dos candidatos que o partido deveria apresentar ás proximas eleições geraes, concluindo assim o seu convite :

«Quaesquer que sejam as nossas forças, por pèquenos e limitados que sejam os nossos recursos, a nossa honra nos impõe o dever de affirmar solemnemente as nossas convicções em todos os terrenos.

Isto será ao mesmo tempo o cumprimento de um dever e um completo desmentido aos que duvidam.»

Nesse dia realizou-se effectivamente a reunião convocada sob a presidencia do dr. Pedro Velho, servindo de secretarios o dr. Hermogenes Tinoco e capitão João Avelino



Pereira de Vasconcellos; e, depois de relembrar o presidente a gloriosa data do desmorrionamento da Bastilha e de serem tomadas diversas medidas de expediente pela assembléa dos republicanos, procederam estes á eleição de seus candidatos ás eleições geraes que deveriam ter logar a 31 do proximo mez de Agosto, sendo eleitos—dr. Pedro Velho, pelo 1º districto, e José Leão, pelo 2º, nomes naturalmente indicados pelas circumstancias e serviços prestados á causa republicana na provincia.

Apresentado por seus correligionarios candidato á representação nacional, o dr. Pedro Velho, certo do resultado da eleição e de que o partido republicano, pleiteando-a, tinha somente em vista affirmar a sua existencia, dirigiu ao eleitorado do 1º districto, não um programma, mas o seguinte manifesto, simples affirmação publica da sinceridade de suas convicções e acceitabilidade das idéas que com tanto ardor defendia :

«O Congresso Republicano, reunido a 14 de Julho, designou-me para candidato do 1º districto nas proximas eleições geraes.

O partido republicano aproveita o ensejo para affirmar a sua existencia, levando ás urnas o nome de um correligionario. Que



o escolhido para tão alta e significativa prova de consideração e apreço seja o menos digno—o obscuro signatario destas linhas—isto em nada attenúa o merito de tão digna e patriotica resolução.

O que vale no momento actual é provar que existimos.

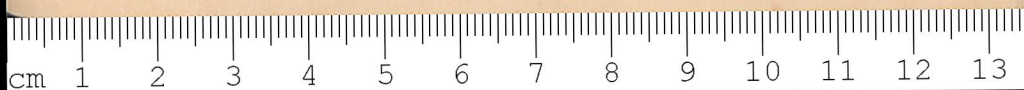
O nome do suffragado e o numero de votos são questões subalternas.

O essencial é desmentir e repellir como uma affronta—que o republicanismo rio-grandense é inconsciente ou despeitado e que não tem vitalidade para apparecer nas urnas. Devemos provar que as adhesões que a idéa tem conquistado na provincia têm por unico movel a convicção mais firme e inabalavel.

Nós não podemos fazer coroneis nem amanuenses, mas em compensação temos a vantagem de poder dizer cheios de orgulho que servimos a patria, não pelo goso do poder, mas despreoccupados dos nossos interesses, só pela felicidade commum, pelo bem publico.

Devemos provar que o ideal republicano é desinteressado e puro.

O leilão das consciencias, pregado ao pobre povo ignorante como um *peccado ve-*



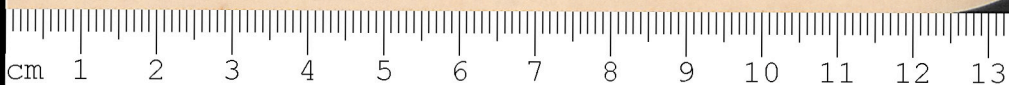
mal, nós o repellimos completamente, lastimando esses processos eleitoraes indecentes e aviltantes, que corrompem o animo dos fracos e dissolvem o senso moral nas consciencias incultas.

O valor que pode vir a ter o nosso partido na provincia, a influencia e o prestigio que pode conquistar a idéa republicana dependem menos do brilho e da eloquencia das palavras do que da rectidão e pureza das consciencias.

O character civico, na sua expressão mais elevada, eis a garantia do nosso successo.

Sejamos, no meio de tanta corrupção politica, que nos amesquinha e nos degrada, uma excepção e um protesto.

Como candidato do partido não posso allegar meritos e aptidões, que sou o primeiro a reconhecer que não possuo. A escolha do meu nome, de pouco valimento, para alvo dos suffragios republicanos na eleição de 31 de Agosto acceto-a com reconhecimento, mas sem vaidade. Uma cousa, porém, vos affirmo, e de certa maneira me consola: Podem faltar-me, como effectivamente me faltam, todos os dotes do espirito—nem talento, nem saber; mas a sinceridade e o desinteresse são qualidades que presumo



possuir, sem receio de que me desmintam.

O que tenho feito em prol da idéa, valendo-me, graças á immerecida generosidade dos meus correligionarios, uma certa proeminencia no partido republicano da provincia, não tem absolutamente outro movel que não seja a convicção mais firme e mais desinteressada. Nenhuma ambição pessoal, nenhuma pretensão mareia a lealdade dos esforços de toda sorte que tenho empregado na direcção da propaganda, embora baldo dos elementos que exige a posição difficil de centro director do movimento—encargo que outros mais digna e mais proficuamente poderiam estar exercendo.

Esta provincia nada tem de monarchista. A idéa republicana ha de ganhar terreno rapidamente, apesar de todos os tropeços que pretendam oppôr á propaganda.

Hoje, além da doutrinação democratica, outro elemento vem contribuir de modo poderoso para engrossar as nossas fileiras, á custa dos homens honrados, que não supportam de boa vontade a asphyxia da corrupção. Ainda quando, para convencer-os, faltassem razões politicas e motivos sociaes, bastaria o espectaculo vergonhoso do esphacelamento e dissolução dos partidos monar-



chicos para lhes fazer comprehender que o seu posto é no partido que não pretende conquistar o poder pelo poder, mas servir a patria pela patria.

Nós somos uma minoria apenas apparente. As resistencias que a *opinião* offerece contra a Republica não teem raizes solidas.

Os liberaes vão desfructar o poder emquanto o *páu vae e vem*...

Os conservadores, muitos delles dão um salto mortal para a federação.

A camara que se vae formar não será melhor nem peor do que a do B. de Cote-gipe. Páu para toda obra, é o que quizerem della. Será pró ou contra a federação, monarchista *enragée* ou simi-revolucionaria, segundo as circumstancias, do mesmo modo que a outra, sendo eleita para a resistencia escravista, fez a lei 13 de maio.

O partido republicano ha de mandar para lá as suas sentinellas afim de assistir ás *sorpresas*.

As promessas do governo já todos sabemos o que valem. Estamos fartos de ouvil-os, os nossos estadistas monarchicos, verberantes de indignação contra o governo pessoal e, logo depois de chamados ao poder, tão aulicos e subservientes, que parecem mais



realistas que o proprio rei. Na opposição profligam todos a carta que Pedro 1º fez para si e seus descendentes — mascara do despotismo imperial—que nos offerece a comedia da divisão dos poderes, quando a dependencia de todos esses poderes á intervenção da corôa desprestigia-os e avassalla-os. No poder, porém, os nossos partidos monarchicos acham que *aquillo* é a arca santa das nossas liberdades; e os editaes da policia ameaçam os *hereges* que claudiquem no culto do dogma immutavel e sagrado do monarchismo.

Entretanto, a verdade, que ninguem em bôa fé pode desconhecer e negar, é que a absorpção de todos os elementos do governo pelas prerogativas da corôa constitue um embaraço permanente e incorrigivel para uma administração moralizada e seria.

A sinceridade do partido liberal não pode ser mais acreditada depois que elle abandonou o seu antigo programma, tão solemne-mente exhibido no momento da queda, para retrahir se agora, como estamos vendo. Ou foi de uma leviandade indiscreta, ou capitulou deante dos interesses da dynastia, esquecido do seu papel de partido democrata e popular. E em verdade, como servidores



do throno, não podiam deixar de apostar da sua bandeira.

«Monarchia federativa—diz o benemerito propagandista Silva Jardim—é cousa absolutamente impossivel, pela razão de que a monarchia suppõe fatalmente um só dominio, um só centro; não admite a independencia do poder local, pois onde existe esse poder local não existe monarchia».

A democracia verdadeira, a genuina soberania do povo não é compativel com o imperio. A coexistencia das duas forças é impossivel.

«Para a victoria da soberania popular—diz Q. Bocayuva—seria necessaria a revolução; para a victoria da soberania imperial seria necessario o despotismo».

O pessimismo, sincero ou calculado, de alguns repete com ares sabedores que pouco importa a fôrma de governo, uma vez que o povo nos seus costumes e na sua educação continúa a ser o mesmo. Esquecem ou fingem ignorar que é justamente a monarchia que nos impede de progredir moral e materialmente, formando na paz exterior e na ordem interna o que constitue o cabedal de uma nação livre. O imperio é um governo pessoal que supplanta e aliena todas as ener-



gias expansivas do paiz, desde que estas se opponham ás suas conveniencias e privilegios ; é uma dictadura mais ou menos franca, onde a nação toda se acha á mercê de um individuo.

A familia imperial !

Procuram a todo transe manter na mente popular o fetichismo estúpido de que aquella gente é alguma cousa sobrehumana, differente e superior ao resto da população.

O que se chama decôro da instituição monarchica não é o valor e o merito dos principes, é o apparatus da subserviencia ; quanto mais jenuflexos estiverem os *subditos* mais poderosa será a monarchia.

Que o povo venere os seus heróes e os seus martyres é natural e legitimo ; mas que se curve ante um sujeito qualquer pelo simples facto do seu nascimento é degradante !

O governo nas proximas elições pretende mostrar a S. M. que o povo, *livremente consultado*, ainda lhe guarda a fidelidade e obediencia necessarias á garantia de sua familia. Mas essa farça, tantas vezes representada, cahiu num descretido lastimavel e incapaz de reabilitação, ao menos pelo actual systema eleitoral.

Os partidos que a vontade e o capricho



imperial chama ao poder nunca se preocupam com as pequenas provincias, onde o governo não encontra *opinião* que lhe rezista.

A corrupção do eleitorado pelos favores officiaes pode fazer com que seja hoje tão grande o numero de *liberaes* como era avultado o numero de *conservadores* ha bem pouco tempo.

Accresce ainda que, na quadra actual, além de se poder acenar com as patentes e os empregos, pode-se explorar tambem a fome e a miseria.

Mas nada disso nos convence de que o abatimento das consciencias seja universal e irremediavel.

Ainda existe muita moralidade que não claudica nem se deixa supplantar.

Os votos que me concederem os meus comprovincianos não significam prestigio ou influencia pessoal, que não possuo; mas podem e devem ser um protesto contra a tyrannia das personalidades auctoritarias e uma prova de que as idéas e os principios ainda não são lettra morta.

Por pouco que façamos no pleito eleitoral, a nossa presença na scena politica é sufficiente para significar uma victoria, a mais



elevada e nobre das victorias—a affirmação da dignidade, o respeito e o decôro das nossas crenças, a fé inquebrantavel de que o futuro pertence á Republica!»

Fez-se a eleição, e o partido republicano, comparecendo ás urnas, conseguiu o seu fim: affirmou condignamente a sua existencia e provou que, si o limitado numero de votos obtidos por seus candidatos não exprimia um triumpho na luta dos partidos, era-o na luta das idéas democraticas, que avançavam e iam, palmo a palmo, derruindo os velhos reductos da monarchia.

Esse partido, que a todo transe procurava-se abater e aniquilar, reuniu ainda assim 56 votos no 1º districto, e o dr. Pedro Velho, agradecendo-os aos seus correligionarios, como presidente do respectivo directorio e candidato, assim se exprimia :

“Esses poucos que tão nobremente souberam manter a honra da nossa bandeira, mostrando que sabem collocar acima de tudo, illeza e incorruptivel, a sua dignidade, valem mais do que a massa dos inconscientes ou vendidos que amesquinham o seu direito politico, enxovalhando sem pudor esta pobre provincia, já tão ludibriada.



Prosigamos na nossa missão, trabalhando com serenidade, firmeza e constancia, e podemos ter a certeza de que os caracteres puros e desinteressados hão de vir refugiar-se todos, mais cêdo ou mais tarde, no generoso partido republicano, que se esforça por instituir no Brazil o unico governo que pode salvar-nos”.

Talvez censurem-me por tão longas e repetidas transcripções numa simples biographia.

Fil-o muito de proposito e penso poder justificar-me.

Primeiramente, quiz que os leitores ouvissem mais demoradamente o proprio biographado; porque alli, na simplicidade elegante de seu estylo, naquella fôrma especial com que revestia o seu pensamento, melhor do que na tosca phrase do biographo, verão os leitores nitidamente impresso o perfil luminoso de sua alma. E' elle proprio quem falla, e, si o estylo é o homem, como se diz, ouçamol-o para bem o comprehender.

Depois, reeditando aqui essas lecções do mestre, quiz tornal-as ainda mais conhecidas e de modo mais seguro transmittil-as aos vindouros; porque, assim como a nós,



que fomos seus discipulos, hão de ellas servir sempre de guia ás futuras legiões da guarda republicana na patria de Miguelinho.

VI

Saída a Republica e começa a sua grande obra

Com um directorio na Capital, um organ na imprensa, comparecendo aos pleitos eleitoraes e obedecendo em tudo á sábia e segura orientação do dr. Pedro Velho, que promovia pelos municipios a fundação de clubs e sociedades locaes, já era o partido republicano da provincia, em fins de 1889, um factor consideravel no mecanismo politico da nação.

Pequeno embora, vivia e agia com firmeza e, pela voz auctorizada de seu chefe, em edictorial d'*A Republica* de 8 de Julho, já assim se exprimia, vaticinando proximo o triumpho inevitavel de suas idéas:

"Todas as cataplasmas do liberalismo monarchico, todas as resistencias do conservantismo serão inefficazes para fazer parar o *movimento*. A chapa tão estafada e puida *d'a pedra que rolou da montanha* tem mais uma vez sua applicação.

Rolou, realmente, e não ha de parar



mais, porque as resistencias que encontra não têm raizes: uns, os mais ousados ou mais sinceramente democratas, seguem sem receio a corrente da opinião, outros hesitam irresolutos á espera da primeira *opportunidade*; outros ainda, presos a considerações de conveniencia e interesse, olham para a columna que avança pezarosos de não achar em si a energia necessaria para a patriótica jornada. Os que ficam por convicções não são muitos, podemos affirmar.

Quasi todos no intimo são republicanos, e as objeções que fazem não têm nenhum valor social. Alguns se dizem inimigos declarados do 3º reinado, aguardando *agourentamente* a morte do imperador. O conde d'Eu nunca, dizem elles, mas *o velho...* Ninguém quer fazer mal ao *velho*, descancem. Exigimos apenas a nossa maioridade, e não vemos razões que a contrariem. Outros a têm reclamado com mais energia e mais intimativa; nós nos contentamos em fazer ver á dynastia que, si *quizesse favorecer-nos com a sua ausencia*, nada mais faria do que conformar-se com a vontade nacional. A sua causa é antipathica, foge-lhe cada dia o apoio da opinião, e não é provavel que o povo consinta por mais tempo em respeitar-lhe



os privilégios contra os seus direitos e a sua liberdade.

Esta é a verdade que já todos sentem e muitos proclamam.

A *pedra rolou* e não ha de parar sinão quando lhe plantarmos em cima, desfraldado aos quatro ventos, inundado de luz, alegre e triumphante—o pavilhão da Republica”.

Muito proximo estava, effectivamente, o grande dia: a 15 de Novembro o telegrapho alviçareiro deu-nos a grata noticia de que o povo, o exercito e a armada, confraternizados, acabavam de decretar na capital do paiz a deposição da dynastia imperial e consequente extincção do systema monarchico representativo. Estava proclamada a república brasileira, e, como uma onda de luz, chegava a todas as provincias a noticia do grande acontecimento.

Ao recbel-a, Pedro Velho d’rige immediatamente ao povo o seguinte boletim, que é a expressão concisa, mas sincera, do immenso jubilo que lhe inundava a alma, por ver realizados seus sonhos de republicano e patriota:

«BRAZILEIROS!

Está proclamada a Republica!



Povo, Exercito, Armada, na mais patriótica e sublime confraternização, sacodem o jugo vergonhoso do imperio e firmam os seus fóros de cidadãos.

Purificou-se emfim o continente novo.

Hoje, de um a outro pólo, do Atlantico ao Pacifico, ha uma só crença—a soberania popular—é a lei americana!

A alma nacional, inundada de jubilo, destitue o imperio, e firma-se na capital brasileira um governo provisorio composto do grande Quintino Bocayuva, do invicto general Deodoro e do illustre publicista Aristides Lobo.

A republica é a paz, a ordem, a tranquillidade interna, a harmonia internacional, a civilização e o progresso.

Os odios e rancores partidarios não cabem em corações cheios da luz redemptora da Liberdade.

O Brazil em pouco tempo dêo ao mundo dous grandes exemplos de civismo, que lhe conquistaram na historia um logar de honra, uma gloria immortal.

13 de Maio e 15 de Novembro!

São na vida nacional os dous pontos de apoio da nossa futura evolução politica, social e economica.



- Viva a Republica!!
- Viva a Patria redimida!!!
- Viva o Povo Norte-Rio-Grandense!!
- Viva o Governo Provisorio!!!»

Propagandista incansavel, presidente do directorio e chefe do partido republicano da provincia, Pedro Velho estava naturalmente indicado para assumir no momento a responsabilidade enorme de sua administração. Só em seu patriotismo confiava o povo nas condições melindrosas em que nos achavamos.

E foi por isso que, dous dias depois, tendo á sua frente o major Philippe Bezerra Cavalcante, representante do exercito, e o capitão-tenente Leoncio Rosa, representando a marinha, dirigiu-se ao palacio do Governo, occupado então pelo vice-presidente coronel Antonio Bazilio Ribeiro Dantas, que lh'o entregou sem resistencia, e, depois de proclamar a Republica dos Estados Unidos do Brazil na provincia, que passava a ser Estado do Rio Grande do Norte (8), accla-

(8) Esses actos foram depois sancionados pelo dec. n.º 1, do 1.º governador provisorio, dr. Adolpho Gordo, pelo qual adheriu o Estado á Republica Federativa Brasileira.



mou presidente do mesmo Estado, entre vivas demonstrações de regosijo, o dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, que, estando presente, assumiu immediatamente o exercício do elevado cargo que o povo confiava ao seu patriotismo e competencia.

Uma vez de posse do governo do novo Estado, nomeados seus secretario e commissario de policia (9), um conselho executivo e outras auctoridades e designada uma commissão especial para ir proclamar a republica nos municipios mais proximos á capital, a 21 o chefe do poder executivo dirigiu ao povo o seguinte manifesto, em que expunha com firmeza e a mais nitida comprehensão de seu dever o modo pelo qual havia de pôr em pratica a auctoridade extraordinaria de que se achava investido:

"AO POVO

LIBERDADE, EGUALDADE, FRATERNIDADE!

O governo deste Estado, legitimo e immediato representante do Povo, cujos direi-

(9) Nome que teve em seu governo o chefe de policia.



tos saberá respeitar e fazer respeitar em sua plenitude, tendo por norma e guia de seus passos—manter a ordem e assegurar a felicidade de seus concidadãos, certo de que a moralidade, justiça e energia de seu procedimento administrativo constituem a garantia mais perfeita do respeito á lei e á auctoridade extraordinaria de que se acha investido por acclamação do Povo e das classes militares, faz saber:

Que conspira, sem patriotismo e abnegação, quem pretender insinuar no animo generoso deste bom Povo Rio-Grandense que o Governo não seja a encarnação firme e honrada do amor á causa publica e decidido mantenedor da tranquillidade patria;

Que será crime de lesa patriotismo tentar perturbar o estabelecimento do governo republicano deste Estado, pacifica e entusiasticamente organizado, facto grandioso e sublime, que encheu de jubilo sancto o grande coração dos filhos desta terra, cujas tradições de heroismo já a historia tem registrado em mais de um periodo solemne e difficil de nossa existencia politica:

Que o advento da Republica dos Estados Unidos do Brazil é hoje um facto brilhantemente consummado e irrevogavel;



Que a generosidade e o patriotismo dos benemeritos filhos da heroica revolução de 15 de Novembro, assombro das nações cultas da velha Europa e de nossas irmãs das duas Americas, estabelecendo por toda parte a confiança nas relações economicas, patrioticas e sociaes, internas e externas, é ainda a prova mais segura de que a harmonia se estabelece não só nos Estados confederados da grande união brasileira, como tambem entre os briosos, leaes, altivos e abnegados habitantes deste Estado, que afinal conquista a sua outonomia, affirmando-se como um povo digno dos melhores destinos, no seio da patria;

Que os erros e desmandos do passado, a desigualdade e os privilegios, que faziam a vergonha publica e o rebaixamento da dignidade civica, cedem o passo a uma vida nova, de horisontes largos, de abundancias e glorias, livres todos e todos eguaes.

Assim, garantidos por um sagrado compromisso, contrahido perante a imagem sagrada da Patria, assellado pela manifestação mais solemne da soberania popular, cuja expressão é o actual Governo Provisorio, sem cabida no animo sincero do governo o pensamento estreito e detestavel de represa-



lias e odios, sem constituir a nova situação um assalto interesseiro ás posições, mas um desejo ardente de consolidar, sob a bandeira branca da paz e da concordia, o conagraamento augusto de todos aquelles que neste mesmo torrão tiveram o seu berço, o de seus paes e de seus filhos, o governo promette sob sua honra o cumprimento de seus deveres, a energia que a situação reclama, a generosidade que impõe o patriotismo, em uma palavra, que, em todo momento, será—forte e justo, divisa do Governo no momento supremo em que nos achamos.

Cidadãos: O Governo actual é do Povo e pelo Povo!

A aurora da Liberdade não pode ser toldada pela nuvem parda da discordia e da desconfiança.

—Paz e prosperidade!

—Viva a Republica!

—Viva o Chefe do Estado, Exm. Marechal Deodoro da Fonseca!

—Viva o Ministerio Republicano de 15 de Novembro!

—Viva a Patria Brasileira!

—Viva o Povo Rio-Grandense do Norte!

—Viva a Armada Nacional!

—Viva o Exercito Brasileiro!"



Cabendo ao dr. Pedro Velho a gloria de iniciar o governo republicano no Rio Grande do Norte, fel-o condignamente, observando á risca o seu programma de governo forte e justo.

No momento grave em que se achava á frente da administração publica, quando tinha necessidade de chamar aos postos de confiança os cidadãos mais dedicados á causa da revolução, confiou na sympathia e no triumpho definitivo dessa causa e, generoso, apenas substituiu nas posições officiaes aquellas pessoas que lhe pareciam suspeitas.

Governador revolucionario, accitou o mandato popular não como um meio para a pratica de perseguições e vinganças, mas como sagrada e melindrosissima incumbencia que a Patria confiava á pureza de seus sentimentos democraticos e grandeza de seu amor á terra que lhe foi berço.

Só uma preocupação teve durante o curto periodo de seu governo revolucionario: servir bem á Patria, preparando o Estado e o animo de seus filhos para a vida republicana que encetavam. Criterioso e patriota, venceu todas as difficuldades, que innumeras lhe surgiam a cada passo, e con seguiu por fim incutir no animo do povo,



que já lhe fazia as mais espontaneas manifestações de estima e veneração, inteira confiança nas instituições republicanas e no governo do paiz.

E assim, amparado por esse mesmo povo, cajos direitos e felicidade tão solemne e ardentemente se compromettia a defender, começou Pedro Velho a sua grande obra : a organização republicana do Rio Grande do Norte, padrão de gloria que o immortalizará.

Mas aqui vacilla a minha pobre penna. E vacilla, porque dizer qual a acção de Pedro Velho nesse intento, qual o esforço patriótico e actividade que empregou nessa luta de 18 annos—é escrever a historia da Republica no Rio Grande do Norte: e para tanto faltam-lhe forças, emmudece ante a grandeza do assumpto e deixa que outra mais competente venha dizer no futuro aos nossos filhos e aos nossos netos que, si Jeronymo de Albuquerque, o conquistador, livrando a patria da barbaria, fel-a outr'ora acceitar o baptismo da civilização européa, Pedro Velho, o idolo de seu povo, preparou-a depois para receber a hostia sancta da Liberdade, collocando-a em seguida, feliz e engrandecida, sob a egide protectora da Republica.



VII

"Sucumbe como um deus, olympicamente, por entre as surdinas das águas em queixumes"

Pedro Velho sentia-se incommodado, havia mezes. Em fins de 1907, agravando-se os seus incomodos, resolveu ir ao Recife e dahi ao Rio ouvir as summidades medicas dessas cidades.

No dia 9 de Dezembro desse mesmo anno estava, pois, a bordo do *Brazil*, um dos vapores da companhia do Lloyd Brasileiro, surto no porto daquela cidade e prestes a seguir viagem para o sul, quando, ás 6 horas e 15 minutos da tarde, foi victima de uma syncope cardiaca (10), exhalando-

(10) Tenho sobre a mesa o seguinte documento :

"Registro Civil do Segundo Districto Municipal do Recife, Certidão de Obito do Senador Doutor Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

Antonio Augusto da Camara, Escrivão e Official do Registro Civil do Segundo Districto Municipal do Recife, freguezia da Boa Vista e Estado de Pernambuco, em virtude da Lei, etc :

Certifico que do meu trigesimo nono livro dos Registros de Obitos, ás folhas cento e oitenta e seis, verso, consta o registro de obito do Senador Doutor Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, do teor seguinte : "Numero tres mil cento e qua-



se aquelle grande espirito, que dalli, dentre as ondas que marulhavam no recife, subiu aos paramos azues do céu infindo, mandando á Patria num saudoso adeus o ultimo suspiro de seu peito.

Embalsamado o corpo e transportado para esta cidade, que o recebera coberta de lucto e soluçando, aqui lhe foram feitas as mais sollemnes exequias.

renta e um. Aos dezoito dias do mez de Dezembro de mil novecentos e oito, em meu cartorio compareceu o Bacharel Sergio Paes Barretto e disse que no dia nove de Dezembro de mil novecentos e sete, ás seis horas e quinze minutos da tarde, falleceu de syncope cardiaca seu sogro, o Senador Doutor Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, natural do Estado do Rio Grande do Norte, com cincoenta e um annos de idade, de profissão medica, casado com Dona Petronilla Florinda de Albuquerque Maranhão, de cujo matrimonio deixou onze filhos, de nomes: Sophia Tavares de Lyra, Dalila Paes Barretto, Mario Barretto de Albuquerque Maranhão, Gastão Edgar de Albuquerque Maranhão, Ernesto Frederico de Albuquerque Maranhão, estes maiores, Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão, Pedro Velho Filho de Albuquerque Maranhão, Paulo Julio de Albuquerque Maranhão, Camillo Flavio de Albuquerque Maranhão, Clovis Nilo de Albuquerque Maranhão e Aurelio Tulio de Albuquerque Maranhão, menores. Disse mais elle, declarante, que o finado é filho legitimo de Amaro Barretto de Albuquerque Maranhão e de Dona Feliciano de Albuquerque Maranhão, já fallecidos, e que o obito do referido seu sogro foi verificado pelo Doutor Martins Costa no Necroterio Publico, na freguezia da Boa Vista, Segundo Districto Municipal do Recife, para onde foi removido afim de ser embalsamado e transportado para o Estado do Rio Grande do Norte e ser ali



O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, em homenagem á memoria de seu benemerito socio fundador, fez-se representar em todas as solemnidades e, incorporado, acompanhou-o á sua ultima morada, onde depoz modesta corôa mortuaria, fallando nessa occasião o dr. Pinto de Abreu, orador do mesmo Instituto, o qual proferiu o seguinte discurso, ouvido religiosamente pelo numerosissimo auditorio:

inhumado no Cemiterio publico da Capital; que finalmente o referido obito deu-se a bordo do paquete nacional "Brazil", de onde foi removido. Este termo foi lavrado em virtude de uma petição e despacho na mesma exarado pelo Doutor Joaquim dos Santos Lessa Junior, juiz deste districto, na qual elle declarante pedia fosse feito o presente termo, tendo junto á mesma petição o attestado passado pelo referido Doutor Martins Costa, cujo teor do despacho é o seguinte: "Registrese. Recife, dezoito de Dezembro de 1908. Lessa Junior". E para constar lavrei o presente, em que assigno com o declarante. Eu, Antonio Augusto da Camara, escrivão, o escrevi. O Escrivão Antonio Augusto da Camara—Sergio Paes Barretto". E nada mais se continha em o dito registro, aqui fielmente transcripto do proprio original do meu livro dito, ao qual me reporto e dou fé. Escrevi, subscrevo e assigno.

Boa Vista, em 18 de Dezembro de 1908.

O Escrivão

ANTONIO AUGUSTO DA CAMARA".

A letra desta assignatura está devidamente reconhecida, nessa mesma data, pelo tabellião do Recife Eduardo Augusto de Oliveira.



"Meus Senhores:

Quiz o Instituto Historico do Rio Grande do Norte que orasse sobre o tumulto do seu grande amigo quem igualmente pareceria suspeito pelo coração.

Mas eu não rendo um preito de amizade a quem me foi na vida amparo e carinho, estímulo do dever e da bondade.

O resgate de lagrimas e preces prestarei a sós com a minha magua, entre os espinhos da existencia inteira...

Na singeleza de homenagem digna, o que quero dizer é um julgamento.

Aferirei a capacidade do homem publico pela sombra que ella projecta nos acontecimentos.

Aventuro a apologia da virtude, que amo de ver em seu reflexo social como um luar purissimo e formoso.

"O que mais brilha no mundo (doutrinava Castellar), o que vale mais que o ouro, mais que o talento, que a gloria, é a virtude. Que vale uma fluente palavra, si nasce de um coração corrompido? Que vale uma grande gloria, si está manchada de sangue? Que vale um poder immenso, si esse poder só tem conseguido opprimir?



A virtude, a virtude brilha com a luz
immortal dos horisontes da vida”.

Elogio, bem alto, o laureado da Patria,
que soube morrer no seu posto, como a sen-
tinella de Pompeia entre as cinzas e chamas
do Vesuvio, afrontando esse outro vulcão
da vida publica, qual não sei mais, si altivo
ou traiçoeiro.

*
* *

Senhores:

O homem cuja perda irreparavel o Es-
tado inteiro deplora era uma figura de so-
berbo destaque entre os modernos guiado-
res do povo.

Instigador ardente do trabalho, elle mes-
mo luctador herculeo, logrou supprir com
as energias do espirito a fragilidade de uma
compleição doentia.

O que de fecundo lhe negou a saude sup-
priu, a contento, um grande amor da terra
(cultura exquisita neste tempo de calculo) a
cujo toque magico tambem jorrova a lim-
pha desses rochedos hirtos da *promissão*
democratica.

Teve patriotismo e andou sempre arma-
do de uma nobre convicção.

Uma convicção vale mais que um exercito.

O patriotismo valerá como um centro



de gravidade enquanto as leis do Bem prezidirem os destinos dos homens. É dentro do sólo querido que a alma de um povo palpita. Isso, que alguém chamou um artifício do romantismo cavalheresco, assume agora as proporções de uma grande lei dirigente. É uma força que governará o mundo até a consumação dos seculos.

A resistencia do meio, em vez de obstaculo insuperavel, foi-lhe sempre incentivo para dirigir a corrente civilizadora contra os inimigos do progresso.

O dique secular da rotina obstinada foi aluido e transposto, porque ao obreiro nunca faltou nem a perseverança, nem a fé.

Organização perfeita de sentimental delicado, aquella alegria bondosa que illuminava-lhe o rosto trahiua por vezes as lagrimas de uma piedade incomprehendida.

Aprende agora, meus senhores, quanto vale o patriotismo ao serviço de um grande coração.

Acodem-me as palavras de um escriptor moderno:

“As partes divinas da arte de governar, de que se falla tantas vezes, são como as partes divinas da arte de escrever: é o coração que as dá, porque é elle quem dá, com a



bondade, a necessidade communicativa, a attracção contagiosa para um fim tanto maior quanto excede os interesses pessoaes, os cuidados subalternos do amor proprio e as fantasias passageiras”.

Pedro Velho succumbiu de pé como um druida antigo, fulminado por uma syncope cardiaca, elle, que pelo coração sempre dominára.

Snrs:

Tem-se dito que o Rio Grande do Norte era uma olygarchia; mas o certo é que foi a patriarchia desse homem extraordinario que fez dos correligionarios uma só familia.

Com a prodigalidade de um nababo, dispendeu no proveito dos Rio-grandenses não só aquillo que tinha, como até o que não podia dar: a existencia preciosa para a familia, sacrificada no labôr patriotico.

“Não é o homem que dá os seus haveres o verdadeiro bemfeitor. Bemfeitor é aquelle que dá a si proprio”.

O modesto filho do povo fez-se estadista brilhante; seu conselho prudente decidiu por vezes melindrosas pendencias na politica federal.

Organizou, ou antes, individualizou o



Rio Grande do Norte, como uma força homogênea na federação do Brazil.

Elle soube governar, porque sabia prevêr.

Preparando o meio em que tinha de agir, nesse manejo consciente de concentração patriótica, organizou a fatalidade dos acontecimentos em torno dos quaes devia girar sua personalidade. Elle teve a arte subtil de saber desvencilhar-se de uns pequenos incidentes, corrigindo a uns e simplificando a outros.

É cêdo ainda para medir-lhe a obra: o espaço é limitado, mas a unidade é o tempo.

A geração por vir fará talvez justiça indefectível.

Nem o amor, nem o odio, desfigurarão, porém, o cabedal accumulado entre as nuvens do incenso, que diviniza, e os golpes do camartello, que destróe !

O conhecimento profundo dos homens, entre as arestas de ambições irreprimíveis e os anhelos dos sonhos antecipados, valeu-lhe a habilidade finissima do mando, que sagrou-o de chefe inexpugnável.

Pedro Velho sabia dirigir, porque antes se fizera venerar, apropriando alheios interesses, avassallando fundo o coração do amigo, naquella solicitude carinhosa, que



a teve rara esse conquistador de homens.

Manobrava com ardor e com firmeza ; sentia-se, porém, um forro de velludo na alavanca poderosa do seu braço.

Nenhum contemporaneo o excede na arte indefinivel de saber fazer.

Este segredo incomparavel da fôrma foi a nota original do seu character e quiçá o condão do seu genio politico.

Srs. : já se disse algures que a tolerancia é a primeira virtude do homem de estado, e ninguém praticou-a com maior deleite do que o republicano Riograndense.

Enfeixando em sua mão todas as forças, nunca perseguiu nem subjugou.

“A mais alta prova de virtude (ensina um historiador inglez) consiste em possuir um poder illimitado e nunca se abuzar delle.”

Dizia Oliveira Martins que o exercicio do poder é as mais das vezes o patibulo do character ; porém o director do Rio Grande do Norte foi um exemplo de virtudes civicas e privadas, de que a Patria se orgulha e a familia se ennobrece.

Srs. : eu tremo de commoção e diria melhor com as lagrimas o que já não podem exprimir as palavras.

O cadaver ainda está quente. Param



além os côrvos da inveja a lugubre toada.
Murmura o povo a prece do reconhecimento.

Do passado ao presente surge agora um
abysmo incommensuravel !

Veneremos, por Deus, essa memoria au-
gusta, emquanto se pronuncia a justiça da
Historia.

.....

Ó, cedro gigantesco. no amôr da tua ter-
ra avigorado, a fronte levantada ao céu do
Norte ! Tu, que purificavas o ambiente, em
que vivia o povo, agora afflicto, cahiste ful-
minado no teu posto !

Ascende, pois, ás nuvens transformado,
colosso convertido em santa estrella !

Ó, anjo tutelar, lá das alturas, estende
sobre nós as azas candidas, como um pallio
formoso desdobrado !

Pairando sobre nós como um exemplo,
dirige-nos de além a travessia perigosa que
hoje empreendemos.

Descança luctador ! O coração da Patria
é tumulto digno, entre as benções do povo
agradecido.

Que o Rio Grande do Norte desolado,
desfiando um rosario de eternas lagrimas,
possa dormir á sombra do teu nome, como



dormes á sombra gloriosa do aure-verde pendão de nossa Patria !”

A noticia da morte do senador Pedro Velho echoou tristemente em todo o paiz ; dos Estados enviaram-nos expressivas mensagens de condolencias e por toda parte a imprensa occupou-se extensamente della, sentimentando a Republica pelo desaparecimento de um de seus mais notaveis defensores.

Na impossibilidade de referir-me, siquér, a tudo quanto se disse então sobre o facto que enluctava a nação, seja-me permittido fechar este capitulo com uma verdadeira joia litteraria, um ramalhete artistico de saudades que intellectual distincto das regiões do sul atirou sobre a campa do filho querido do Rio Grande do Norte.

Leoncio Correia, que, na intimidade com o senador, teve sobejas occasiões de conhecer as tendencias de seu espirito privilegiado e o quanto de grande e bom se aninhava naquelle coração de ouro, ao ser surprehendido com a noticia de sua morte, escreveu n' *A Tribuna*, do Rio, de 16 de Dezembro :

“PEDRO VELHO

É, ainda, em lagrimas que embebo a



penna para, com enternecida saudade, traçar o nome deste morto querido.

Affiz-me a vel-o sempre, nos difficeis como nos risonhos dias, sereno e varonil, fazendo do respeito dos adversarios e do amor dos companheiros o traço culminante de sua vida publica.

A incruenta campanha de 15 de Novembro surprehendeu-o na estacada, luctando, agindo,—astro quasi solitario pelo céu do Equador, em cujo azul, tecido de sonhos, descreveu rapida trajectoria, em remotos dias, a alma gemente e suspirosa da patria.

A Eloy de Souza—talento que admiro, character que proclamo, modestia que respeito, disse, quando em torno de uma mesma mesa nos reunimos nós outros, representantes do Rio Grande do Norte e do Paraná, para festejar a victoria, nesses dous pequenos, mas valorosos, Estados, dos ideaes republicanos na pessoa de Lauro Sodré—que me reputaria feliz e orgulhoso si servisse sob as ordens de chefe tão amado, de amigo tão perfeito, de homem tão honesto. De então para cá, nem um só acto desse politico eminente desmentiu o que eu d'elle pensava.

Em torno do seu nome—que era uma bandeira e um programma—gyrou toda a



vida politica do altivo Estado do norte, que lhe foi berço e nobre preocupação desde os primeiros dias do regimen vigente até esse outro, luctuoso e sombrio, em que, para sempre, se lhe paralysoou a acção benefica e fecunda, exclusivamente dedicada ao progresso do torrão natal e ao brilho e á gloria da Republica.

Ao envez da maioria dos homens de nome feito que—original especie de scenographia—perdem com a convivencia íntima, sinão com a simples approximação, Pedro Velho crescia na intimidade affectuosa, em que a sua alma limpida refulgia como um sol sem manchas, e do qual nos lembra agora, apenas, o seu funebre, amortecido esplendor.

Não sei ainda qual foi a sua ultima palavra, a palavra derradeira proferida pelo homem que está, para sempre, ausente dos que o viram sem descanso na brecha, e se multiplicava para animar e fortalecer todas as energias e salvar os companheiros dos impetos da acção e dos desastres dos combates sem egualdade de forças. Na hora suprema, no momento em que a alma se exhalava, longe do torrão natal e dos ares que respirara nos doces dias da meninice,



por aquella cabeça poderosa e sympathica, por aquelle olhar repassado de bondade e de sonho, por aquelle entendimento povoado de idéas fortes e clementes, perpassou como uma sombra do pensamento, que foi o lemma de sua existencia terrestre. Caminhar sempre para um fim, tecer de todas as forças particulares uma força unica, generalizal-a, dividil-a, applical-a — eis como marchou esse homem, que viveu num circulo de adorações, succumbindo como um deus, olympicamente, por entre as surdinas das aguas em queixumes.

Mas, qual foi a sua ultima palavra?

Bem precisavamos subtrahir ao sepulchro esse novo anel de Giges, que tornava invisiveis não as figuras humanas, porém as causas, as origens desse poder sobrenatural que derrama pelas faces dos co-religionarios a pallidez anciosa do pasmo.

No momento em que se lhe desprendia, talvez, dos arcanos d'alma essa palavra, o espaço se forrava da melancolia do crepusculo como para fazer-lhe os funeraes da luz. Mas essa claridade sem gritos violentos, suave como a tristeza de uma virgem, foi, talvez, uma attestação da natureza em prodos puros desgnios, das patrioticas inten-



ções desse luctador politico, sempre acossado nos seus vôos arrojados para a luz das grandes idéas.

E, de feito : qual foi a preocupação capital daquelle cerebro potente em meio a inopia de crenças largas e varonis ?

A abolição e a Republica—os dous grandes idéaes que lhe douravam a vida e deram á voz do orador magnifico e modesto as firmes accentuações de uma convicção profunda e inabalavel, que lhe constringiam o espirito para alargarem o campo das nossas cogitações. Eis ahi o seu maior titulo de benemerencia : a eloquencia do tribuno alçou-se para a esphera dos lucidos principios ; a influencia, o prestigio do republico empenharam-se na lucta, para derrear e vencer o genio da decadencia patria.

Sim : precisamos de ir para muito longe, descortinar o indizivel, nós, que estamos acostumados ás distancias perlustradas pela visão dos myopes.

O americano é um rebento novo na arvore da civilização geral ; mas este rebento encontra tambem novas condições de vida na terra e no ar ; novas forças no sol e no clima ; novos desenvolvimentos na immensidade dos espaços despovoados e no princi-



pio de vitalidade que circula nas entranhas do continente. Essas nacionalidades juvenis, impacientes, de cujo futuro tanto se tem descrido, em contraposição com os factos observaveis, realizam no seu seio a elaboração de uma consciencia nova, á semelhança dessas grandes republicas vegetaes, verdadeiros coraes da atmosfera, que simultaneamente asseguram a sua propria e a existencia da especie.

Pedro Velho era um americano, na mais alta e nobre significação desta palavra.

Amou a liberdade, no que ella tem de fecundo, quando alliada á prudencia e regulada pela lei da moderna democracia,—essa liberdade que foi o seu pendão de guerra desfraldado nas pugnas da propaganda republicana e a bandeira em que se amortallhou no seu trespasse triste e glorioso!

Sonhador—dessa casta olympica de sonhadores que têm a visão das aguias e a doçura das crianças—entendia que, sendo a democracia um estado conquistado a poder de armas e de sciencia, uma como usurpação ao direito senhorial e á origem divina do poder irresponsavel, era logico e era prudente cogitar e assentar nos meios de estabelecer o equilibrio entre forças que tendiam



para oppostos horizontes, sempre aparelhadas para o combate.

E isso, porque em paiz nenhum do nosso continente a divergencia das escolas politicas repousa sinão sobre factos accidentaes, sobre artigos de propaganda, sobre execução de medidas, que grupos mais ou menos numerosos da opinião affixam no momento em que aos cansaços do litigio do poder succedem-se horas repousadas de exame e de critica social e economica.

A grande corrente creadora das sociedades fortes é a lei universal de identidades entre os contrarios. Por toda parte, diz um sociologo, dous principios contrarios offercem a apparencia de se combaterem, emquanto que na verdade elles se unificam e se completam.

A crença no absoluto, o pendor abstracto de nossa educação, a guerra armada pelos interesses e acirrada pelos odios, são a causa desse fechar de olhos da sociedade brasileira á acção reciproca dos principios politicos, que se conciliam perfeitamente na probidade da execução e da pratica.

Instinctivamente abrevou desta theoria o espirito do morto querido e pranteado, á cuja memoria é prestada a commovida e ca-



rinhosa homenagem destas linhas. Antevendo as impossibilidades que enfrentam todo o programma de governo enmoldurado numa noção acanhada, presentindo os dissabores curtidos pelos estadistas que oppõem ás correntes moraes do seculo a immobibilidade do tédio ou da impotencia, o chefe intemerato da propaganda republicana no Rio Grande do Norte favoneou todas as idéas que, do mundo das administrações, vão gravitando para o circulo das verdades realizaveis.

E foi assim que a sua voz generosa e eloquente proclamava a redempção das almas, furtadas pela cobiça dos homens aos gosos da liberdade. E foi assim que elle pontificou a Missa Nova, cingido dos talabartes idéaes da fé.

E, porque, abraçado a esses principios, como a um lábaro bemdito, elle tombasse nas sombras mysteriosas de além tumulo, é tempo de ficarmos nós, os seus amigos, a sós com a nossa dor. A vida não é sinão uma successão de sonhos e a felicidade terrestre é como a rosa que se distilla, desfazendo-se á pressão importuna da mão do homem.

Feliz daquelle que, como o morto ama-



do, pode deixar sobre a terra, ao cahir no ultimo silencio, o suave aroma de uma lembrança saudosa, uma flor de ternura na alma dos que ficam.

Imprevidentes, que somos, nem sabemos haurir todo o mel dos favos da vida, e escurecemos o sol da nossa tranquillidade para ver luzir um momento o clarão fugaz das nossas ambições. O universo, dizia o poeta Shelley, na muda eloquencia da natureza declara que todos os seres preenchem a obra do amor e da alegria; todos, excepto o homem refractario. Elle fabrica a lamina, que apunhala a paz; acaricia a serpente, que lhe roe o coração; eleva o tyranno, que se recreia com a sua dor e faz um espectaculo de sua agonia.

Entretanto, todos os seres se comprehendem e se amam; só o homem rompe a harmonia da criação, para encher o mundo do ruido dos seus desvarios. E, quando a morte vem intimar-nos a sentença do exilio eterno, venturoso daquelle que, como Pedro Velho, possa tombar no coração da familia, na saudade dos amigos, no reconhecimento da patria."

*
* *

Dou por finda a minha missão.



Si o meu esforço, deixando de corresponder á generosa confiança do Instituto, não conseguiu vencer a magnitude do assumpto, o que faz certo o desalinho incolor dos traços que ahi ficam, em todo caso está tranquilla a minha consciencia: sem vaidosas preocupações, presto individualmente á memoria veneranda do extincto modesta homenagem de amizade e gratidão.

LUIZ FERNANDES.





Aetas das sessões do Instituto

SETEMBRO A DEZEMBRO DE 1904

*Acta da 48ª sessão ordinaria
do Instituto Historico e Geogra-
phico do Rio Grande do Norte.*

*Presidencia do Exm. Sr. Dr.
Olympio Vital.*

Aos quatro dias do mez de Setembro de mil novecentos e quatro, ás doze horas da manhã, estavam presentes na séde do Instituto os Senrs. Olympio Vital, Luiz Fernandes, Pedro Soares, Carvalho e Souza, José Correia, Vicente de Lemos, Pinto de Abreu, Joaquim Lourival, Padre Calazans, Valle Miranda, Thomaz Landim, João Baptista e Antonio Soares. Sob a presidencia do Sr. Olympio Vital abriu-se a sessão, sendo lida e approvada a acta da anterior. Deixaram de comparecer por motivo justificado os Senrs. Meira e Sá e Amorim-

EXPEDIENTE—O sr 1º secretario leu um officio do 1º secretario do «Gremio Rio Gran-



dense do Norte», do Rio de Janeiro, de dez de Agosto proximo passado, accusando e agradecendo a remessa dos tres primeiros numeros da REVISTA—Archive-se.

Leu ainda o «*General announcement*» do 8º Congresso Geographico Internacional de Washington, acompanhado de um questionario referente ao Instituto—Satisfaça-se.

OFFERTAS—Estavam sobre a mesa as seguintes : do consocio Tavares de Lyra : *Limites da Republica com a Guyana ingleza*, memoria justificativa dos direitos do Brazil, por Ernesto Mattos, 1 vol., Rio de Janeiro, 1898 ; *Questão de divisas* entre S. Paulo—Minas Geraes, por A. P., 1 folh, S. Paulo, 1898 ; *Commercio e Navegação* de transito internacional com as Republicas limitrophes, por L. R. Cavalcanti de Albuquerque, 1 folh, Rio de Janeiro, 1902 ; *Questão de limites* com o Estado do Rio de Janeiro, razões finaes, 1 folh., Minas Geraes, 1900 ; *Relatorio* parcial da commissão do planalto central do Brazil, apresentado ao Ministro da Industria pelo chefe da commissão dr. Luiz Cruls, 1 folh., Rio de Janeiro, 1893 ; *Annaes do Brazil*, dous numeros de cinco e dezenove de Abril de mil novecentos e dous ;—do consocio Valle Miranda : *Silva Jardim*, apontamentos para



a biographia do illustre propagandista, por José Leão, 1 folh., Rio de Janeiro, 1895 ;— do consocio Honorio Carrilho : *Revista contemporanea*, do Recife, nove numeros, 1894 ; *A Universal*, revista publicada no Rio de Janeiro, em 1901, ns de 4 a 10 ; *Revista Potyguar*, publicada no Recife em 1893, ns. 1, 3 e 4 :— das respectivas redacções : *O Gladiador* de Maragogipe, Bahia ; *O Phanal*, de Jaboatão, Pernambuco ; *O Astro*, da Fortaleza, Ceará ; *A Cidade*, do Assú ; *A Republica*, *O Seculo* e *Gazeta do Commercio*, desta capital.

O Sr. Presidente, communicando ao Instituto o fallecimento do socio correspondente Capitão de fragata Arthur José dos Reis Lisboa, occorrido na Capital Federal, indicou que se lançasse na acta um voto de pesar.—Foi unanimemente acceita a indicação.

Em seguida veio á mesa a seguinte proposta : «Propomos para socios correspondentes deste Instituto, na cidade de Canguaretama e villas de Caraúbas e Páu dos Ferros, o Padre Francisco de Almeida e os coroneis Manoel Praxedes Benevides Pimenta e Joaquim José Correia. Os propostos reúnem as condições exigidas pelos Es-



tatutos. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, quatro de Setembro de mil novecentos e quatro. *Antonio Soares, Vicente de Lemos, Thomaz Landim, Joaquim Lourival*. O Sr. Presidente declarou que a proposta que acaba de ser lida seria submettida a votos na sessão seguinte, de accordo com os Estatutos.

Passando-se á ordem do dia, foram approvados socios effectivo e correspondentes: n'esta capital, o dr. Heliodoro Fernandes Barros, na Capital Federal, os drs. João Lindolpho Camara e José Vieira Fazenda e na Parahyba o Conego Francisco de Assis Albuquerque.

Annunciada a eleição de um de representante do Instituto no terceiro Congresso Scientifico Latino Americano, a reunir-se no Rio de Janeiro em Agosto do anno vindouro, procedeu-se á chamada e foram recolhidas trese cédulas, que, apuradas, deram o seguinte resultado: Dr. Alberto Maranhão, onze votos, Dr. João Lindolpho Camara, dous votos. O Sr. Presidente declarou eleito o dr. Alberto Maranhão e recomen-
dou que se fizessem as communicações ao eleito e á Directoria do Congresso.



Dando conta do expediente, o sr. 1º Secretario leu um officio da Mesa do Congresso do Estado, communicando ao Instituto que aquella patriotica corporação, attendendo á relevancia dos fundamentos da representação que lhe dirigiu, em vinte e cinco de Agosto ultimo, o mesmo Instituto, derogára o numero um do artigo segundo da lei numero um do artigo segundo da lei numero dezesete de dezeseis de Junho de mil oitocentos e noventa dous, votando unanimemente a de numero duzentos e dez e seis do corrente, que considera de gala e feriado no Estado o dia vinte e cinco de Março.

O sr. Presidente declarou que esta comunicação era recebida com especial agrado. Continuando, leu tambem o mesmo Sr. 1º Secretario um officio do Sr. Dr. Heliodoro Fernandes Barros, desta data, agradecendo a sua acceitação para socio effectivo do Instituto—Archive-se.

Leu ainda uma Circular do «Gremio Barbosa de Freitas», da cidade da Fortaleza, communicando a eleição da respectiva Directoria, para o semestre de Setembro deste anno a Fevereiro do seguinte e solicitando a remessa da Revista. Inteirado, satisfaça-se.

OFFERTAS: Do consocio Tavares de Lyra.



Annaes do Parlamento Brasileiro, 1826, um vol.; *Annaes da Camara dos Deputados Federaes*, 1891, cinco vols.; *Idem, idem*, 1892, sete vols.; *Idem, idem*, 1893, cinco vols. *Idem, idem*, sessão extraordinaria, de doze de Dezembro de mil oitocentos e noventa e um a dous de Janeiro de mil oitocentos e noventa e dous, um vol.; — *Relatorio* apresentado ao Presidente da Republica pelo Ministro da Marinha, em 1902, um vol.; *Idem, idem*, pelo das Relações Exteriores, em Maio de 1894, um vol.; *Annexo* ao relatorio do Ministro das Relações Exteriores, Agosto de 1900, um vol.; *Exposição* da proposta de receita e despesa para o exercicio de 1899, pelo ministro da Fazenda, um vol.; *Diccionario topographico* do imperio do Brazil pelo senador José Saturnino da Costa Pereira, um vol., Rio de Janeiro, 1834; — do auctor: *A peste bubonica desmascarada em Pernambuco*, por Pedro d'Able, um vol., Pernambuco, 1902; — das respectivas redacções: *31 de Agosto*, revista commemorativa do primeiro anniversario da fundação do Gremio litterario «Barbosa de Freitas», n. dous; *Revista do Gremio Litterario da Bahia*, anno III, ns. 6 e 7; *Oasis*, revista litteraria, anno IX, n.º 8, Natal; *A Cidade*,



do Assú ; *Mossoróense*, de Mossoró ; *A Republica*, *O Seculo*, *o Diario do Natal* e *Gazeta do Commercio*, do Natal.

Veiu á mesa a seguinte proposta : «Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, na capital do Estado da Bahia, o Exm . Sr. Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, em quem concorrem os requisitos exigidos pelos Estatutos. Sala das sessões do Instituto, em dezoito de Setembro de mil novecentos e quatro. *Olympio Vital Pedro Soares, Vicente de Lemos, Manuel Hemeterio*». Ficou sobre a mesa para ser votada na sessão seguinte.

—O sr. Presidente declarou que, tendo o sr. José Correia, actual thesoureiro do Instituto, obtido uma licença, a qual deverá gozar fóra da capital, conforme communicou, nomeava o sr. Valle Miranda para substituí-lo nas respectivas funções.

O sr. Vicente de Lemos communicou, em seguida, que a uma das salas do Instituto se achava recolhida, com permissão do exm. sr. dr. Governador, a pedra commemorativa que existira na fachada do edificio da escola publica, á «Rua Visconde do Rio



Branco», anteriormente á sua reconstrucção. Passando-se á ordem do dia, foram acceitos socios correspondentes : na cidade de Canguaretama o padre Francisco de Almeida, na villade Caraúbas o cidadão Manuel Praxedes Benevides Pimenta e na villa Páu dos Ferros o coronel Joaquim José Correia. Nada mais havendo a tratar-se, o sr. Presidente levantou a sessão, lavrando-se a presente acta, assignada pela mesa Eu, Pedro Soares de Araujo, 2º secretario, a escrevi.

OLYMPPIO VITAL,
LUIZ FERNANDES,
P. SOARES.

*Acta da 50ª sessão ordinaria
do Instituto Historico e Geographico
do Rio Grande do Norte.*

*Presidencia do Exm. Sr. Dr.
Olympio Vital.*

Pelas doze horas da manhã de dous de Outubro de mil novecentos e quatro, compareceram na séde do Instituto os senrs. Olympio Vital, Luiz Fernandes, Pedro Soares Carvalho e Souza, Vicente de Lemos, Pinto



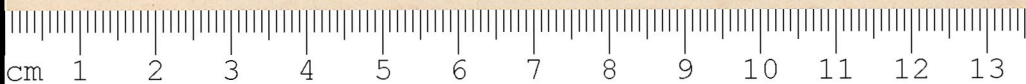
de Abreu, Joaquim Lourival, Padre Calazans e Correia, socio correspondente na villa de Páu dos Ferros, faltando com causa justificada os senrs. Tavares de Lyra, José Correia, Heliodoro Barros, Meira e Sá, Amorim e Antonio Soares. Verificando-se numero legal, o sr. Presidente abriu a sessão, sendo lida e approvada a acta da anterior.

Em seguida o sr. 1º secretario fez a leitura de um officio do sr. Oliveira Coriolano, socio correspondente na cidade do Apody, datado de dez de Setembro ultimo, remettendo um exemplar do Extracto da grammatica da lingua grega pelo Padre Ignacio de Souza Rolim, editado em Paris no anno de mil oito centos cincoenta e seis, que offereceu á bibliotheca do Instituto.

Foram recebidas ainda as seguintes OFFERTAS: do consocio Tavares de Lyra: *Annaes da Camara dos Deputados Federaes*, correspondentes aos annos de mil oito centos e noventa e quatro a mil oito centos e noventa e seis, vinte e quatro volumes; oito exemplares da *Carta topographica* dos pontos importantes do territorio em litigio na questão de limites entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte pelo dr. Pereira



Reis ; duzentos e seis ditos da mesma Carta em escala menor, destinados ao proximo numero da «REVISTA» ; duzentos e seis ditos da ampliação photographica de uma parte do mappa do Ceará, tirado do atlas geographico do Senador Candido Mendes, pelo mesmo dr. Pereira Reis, e egualmente destinados á «REVISTA» ; um exemplar colorido do *Escudo de Armas* do Estado do Pará ;—do consocio Vicente de Lemos : um exemplar da *Carta topographica do Ceará*, pelo professor Dias Sobreira, mil e oito centos e noventa e dous ; os numeros oitenta e sete e oitenta e oito do «*Diario de Pernambuco*», de vinte e vinte e um de Agosto ultimo, contendo um artigo intitulado «Reminiscencias historicas», sobre a estancia de Henrique Dias, e uma chronica referente ao monumento commemorativo do dia sete de Setembro, em Pernambuco ;—do consocio Pedro Soares: *Relatorios* apresentados ao sr. Ministro da Fazenda, Joaquim Duarte Murtinho, pelo Delegado Fiscal do Thesouro Federal no Estado do Paraná, bacharel João Lindolpho Camara, e correspondentes aos annos de mil novecentos e mil novecentos e um ; *Desfalque* da Caixa Economica do Paraná ; *Relatorio* apresentado ao exmo. sr. Ministro da



Fazenda pelo Delegado Fiscal do Thesouro Federal, bacharel João Lindolpho Camara; das respectivas redacções: *A Cidade* e *O Astro*, da cidade do Assú; *A Republica*, *O Seculo*, *Diario do Natal* e *Gazeta do Commercio*, desta capital.

Foi apresentada pela respectiva commissão especial a informação colhida sobre a existencia e determinação do local da casa onde nascera, n'esta capital, o immortal patriota Frei Miguelinho. O sr. Presidente declarou que, na fórma dos Estatutos, faria parte este trabalho da ordem do dia da sessão seguinte.

O sr. Vicente de Lemos disse em seguida que, não tendo podido comparecer á sessão, o sr. Tavares de Lyra o incumbira de communicar ao Instituto a proxima remessa de uma copia do processo de execução de Frei Miguelinho, caso seja encontrado no Instituto da Bahia, bem como de quaesquer documentos referentes á historia deste Estado porventura alli existentes, conforme aviso que recebera do exm. sr. desembargador Paranhos Montenegro, presidente d'aquelle Instituto.

O sr. Pedro Soares apresentou a seguinte indicação, que foi approvada: «Indico que se



solicite de nosso eminente consocio senador Ferreira Chaves a apresentação de uma emenda ao orçamento da receita geral da União no sentido de obter este Instituto a franquia postal para sua «Revista» e correspondencia. S. R. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, dous de Outubro de mil novecentos e quatro—*P. Soares*».

Passando-se á ordem do dia, foi acceito socio correspondente, na capital da Bahia, o desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.

E, nada mais havendo a tratar-se, o sr. Presidente levantou a sessão, lavrando-se a presente acta, assignada pela mesa. Eu, Pedro Soares de Araujo, 2º secretario, a escrevi.

OLYMPIO VITAL,
LUIZ FERNANDES,
P. SOARES.

*Acta da 51ª sessão ordinaria
do Instituto Historico e Geographico
do Rio Grande do Norte.*

*Presidencia do Exmo. Sr. Dr.
Olympio Vital.*

Achando-se presentes no lugar do cos-





tume, pelas doze horas da manhã de dezeseis de Outubro de mil novecentos e quatro, os senrs. Olympio Vital, Luiz Fernandes, Pedro Soares, Carvalho e Souza, Valle Miranda, Vicente de Lemos, Joaquim Lourival, Amorim, João Baptista e Thomaz Landim, faltaram com motivo justificado os senrs. José Correia, Padre Calazans, Heliodoro Barros e Antonio Soares.

Sob a presidencia do sr. Olympio Vital, abriu-se a sessão, sendo lida e approvada a acta da anterior.

O sr. 1º secretario leu uma carta que lhe dirigira o consocio Alfredo de Carvalho, acompanhada de um especimen da planta do forte do Rio Grande em mil seiscentos e trinta e tres, da qual mandára o mesmo consocio imprimir trezentosexemplares, que remetterá, para illustração da sua Memoria sobre os Hollandezes no Rio Grande do Norte, a publicar-se na REVISTA. Inteirado.

Foram presentes as seguintes OFFERTAS: do consocio Tavares de Lyra: *Annaes da Camara dos deputados federaes*, sessão de mil oitocentos noventa e sete, oito volumes; diversos numeros do *Correio do Natal*, periodico que se publicou



n'esta capital, correspondentes ao anno de mil oitocentos e oitenta e sete ;—do consocio Luiz Fernandes : os tres primeiros numeros da *Revista Potyguar*, publicada no Recife em mil oitocentos e noventa e tres ;—das respectivas redacções : *A Tribuna*, revista do Congresso Litterario, anno nove, numero quatro, Outubro de mil novecentos e quatro ; *O Mossoroense*, da cidade de Mossoró ; *A Republica*, *O Seculo*, o *Diario do Natal* e a *Gazeta do Commercio*, desta cidade.

Foi lida e ficou sobre a mesa, na fórma dos Estatutos, a seguinte proposta : «Propomos para socio effectivo deste Instituto o dr. Luiz Tavares de Lyra, residente n'esta capital e promotor publico, visto achar-se nas condições expressas no Regulamento vigente. Sala das sessões, dezeseis de Outubro de mil novecentos e quatro. *Joaquim Lourival S. da Camara, P. Soares, Thomaz Landim*».

Em seguida foi lida e approvada a seguinte indicação do sr. Luiz Fernandes : «Indico que, por intermedio de nosso consocio Henrique Cast'riciano de Souza, actualmente na cidade da Fortaleza, se dirija o Instituto ao exmo. sr. Barão de Studart, solicitando-lhe



a graça de permittir ao mesmo consocio tirar copia, com as cautelas e seguranças que julgar necessarias, do Auto e mais diligencias que se fizeram sobre as datas de terra da capitania do Rio Grande, que se tinham dado em virtude de um Alvará de vinte e oito de Setembro de mil seiscientos e doze, documentos que diz possuir o mesmo Barão, segundo li em uma sua monographia. S. R. Sala do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, dezeseis de Outubro de mil novecentos e quatro—*Luiz Fernandes*».

Na ordem do dia tomou-se conhecimento da informação prestada pela commissão especial sobre a designação do local onde existia a casa em que nasceu Frei Miguelinho. O sr. Vicente de Lemos, depois de ter obtido ligeiras explicações verbaes, que foram prestadas pelo respectivo relator, sobre um dos pontos da mesma informação, requereu que fosse esta enserida integralmente na acta de hoje, archivando-se o autographo. Approvado o seu requerimento, mandou o sr. Presidente que fosse transcripta a referida informação, que é do teor seguinte: «A Commissão encarregada de proceder a indagações e determinar o local da casa onde nasceria o intemerato patriota Norte Rio Gran-



dense Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, conhecido na historia pelo nome de Frei Miguelinho, tendo procedido a escripturas e diligentes pesquisas, no empenho de verificar a verdade, em ordem a poder o Instituto Historico, do qual se desvanecem os abaixo assignados de fazer parte, levar a effeito a commemoração que pretende, chegou á convicção de que, infelizmente, não existe mais esse predio, que, segundo informações fidedignas e de pessoas de mais adiantada idade, fôra situado no bairro da Ribeira desta cidade, na rua hoje denominada «Silva Jardim», em um sitio de coqueiros que então alli existira entre a propriedade da finada d. Maximina Barroca e o ponto conhecido por «Canto da Ribeira». Certa de que, por falta de documentos ou dados mais seguros, não se desempenhou esta Commissão, de modo por que desejára, da honrosa incumbencia que lhe fôra confiada, appella para a magnanimidade e benevolencia dos conspicios membros deste Instituto, dos quaes espera desculpa. Natal, dous de Outubro de mil novecentos e quatro. *Joaquim Lourival S. da Camara, Pedro Soares de Araujo.*

E, nada mais havendo a tratar-se, o sr. Presidente levantou a sessão, lavrando-se a



presente acta, assignada pela mesa. Eu, Pedro Soares de Araujo, 2º secretario, a escrevi.

OLYMPIO VITAL,
LUIZ FERNANDES,
P. SOARES.

Reunião do Instituto Histórico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Aos seis dias do mez de Novembro de mil novecentos e quatro, acharam-se presentes na séde do Instituto, pelas doze horas da manhã, os senrs. Olympio Vital, Padre Calazans, Valle Miranda e Antonio Soares, faltando com causa participada os senrs. Luiz Fernandes e Pedro Soares, 1º e 2º secretarios.

O senr. Presidente declarou não haver sessão por falta de numero legal e convidou o senr. Antonio Soares para, servindo de 2º secretario, lançar no livro respectivo a presente declaração. Eu, Antonio Soares de Araujo, a escrevi.

Antonio Soares.

Declaro que, por falta de comparecimento de socios, deixou de funcionar o Institu-



to no dia vinte de Novembro de mil novecentos e quatro, designado para a solemne distribuição de premios aos alumnos do Collegio Diocesano «S. Antonio», desta capital.

E para constar faço e assigno a presente. Natal, 20 de Novembro de 1904.

P. Soares de Araujo,
2º Secretario.

*Acta da 52ª sessão ordinaria
do Instituto Historico e Geographico
do Rio Grande do Norte.*

*Presidencia do Exm. Sr. Dr.
Olympio Vital.*

Aos quatro dias do mez de Dezembro de mil novecentos e quatro compareceram na séde do Instituto, pelas doze horas do dia, os senrs. Olympio Vital, presidente, Luiz Fernandes e Pedro Soares, 1º e 2º secretario, Carvalho e Souza, orador, e os socios Vicente de Lemos, Pinto de Abreu, Joaquim Lourival, Antonio Soarese Conego Estevam Dantas, correspondente em Mossoró.

Faltaram com motivo justificado os





senrs. José Correia, Meira e Sá, Amorim e Valle Miranda. Aberta a sessão, foi lida e aprovada a acta da anterior.

EXPEDIENTE : Officio do consocio senador Ferreira Chaves, de quatro de Novembro, accusando o recebimento do que lhe fôra dirigido em vinte de Setembro e assegurando que opportunamente submetterá á consideração do Senado Federal, de accordo com os desejos do Instituto, a emenda concedendo a franquia postal á sua «Revista» e correspondencia—Inteirado. Idem do consocio Alberto Maranhão, deputado federal, aceitando e agradecendo a escolha de seu nome para representar este Instituto no Congresso Scientifico Latino Americano—Archive-se. Idem do dr. João Lindolpho Camara, director da Recebedoria do Thesouro Federal, e do conego Francisco de Assis de Albuquerque, agradecendo a sua acceitação como socios correspondentes na Capital Federal e Parahyba do Norte.—Archive-m-se. Idem do Barão de Studart, communicando que daria á publicidade, na Revista do Instituto do Ceará, os importantes documentos de sua collecção aos quaes se referiu o pedido deste Instituto.—Inteirado. Idem do dr. H. von Jhering, director do Museu Paulista, envian-



do o volume quinto da respectiva «Revista» e pondo á disposição do Instituto os anteriores, exceptuado o primeiro, que se acha exgottado. Agradeça-se e faça-se o pedido dos volumes anteriores. *Cartão* do secretario do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina, agradecendo a remessa do numero primeiro do volume segundo da «Revista» e solicitando a dos anteriores. Satisfça-se.

Estavam sobre a mesa as seguintes OFFERTAS: do consocio Tavares de Lyra: *O Brazil actual*, por Arthur Dias, um volume, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904; *Annaes da Camara dos deputados federaes*, correspondentes aos annos de 1898 e 1899, seis e sete volumes; *Plantado* marco territorial provisório collocado na «Ilha da Trindade» pelo cruzador Benjamin Constant em 1897; uma medalha de bronze, commemorativa da fundação da cidade de Bello Horizonte, nova capital do Estado de Minas Geraes;—do socio correspondente Manuel Praxedes: *O casamento civil e o casamento religioso* pelo dr. Braz Florentino Henrique de Souza, um volume, Recife, 1859; doze numeros do jornal *Republiquinho*, editado na Parahyba, em 1832; diversos utensilios de pedra, de uso idigena, encontrados por





ocasião de escavações no açude de sua fazenda «Milagres», no município de Augusto Severo ;—do consocio Honorio Carrilho : um exemplar impresso do discurso que pronunciou, como orador official da Ben.: Loj.: Cap.: «Filhos da Fé», por ocasião da sessão magna commemorativa do quinto anniversario dessa off.:, em vinte tres de Outubro ultimo ;—do major Theodosio Paiva : uma medalha de metal amarello, commemorativa da reunião do Concilio Eucumenico do Vaticano, em mil oitocentos setenta e um, vigesimo quinto anniversario do pontificado de Pio IX ;—do Revd. José Antonio da Silva Pinto, parcho da freguezia de Campo Grande : *Discours sur les rapports entre la science et la religion revelée*, par Nicolas Wiseman, dous volumes, Paris, 1837 ;—do dr. H. von Jhering : *Revista do Museu Paulista*, volume quinto, 1904 ;—do dr. José Zeferino da Cunha : *O Rio Grande*, factos gloriosos do passado, formação do caracter Rio Grandense—um folheto, Pelotas, 1904 ;: do cidadão Fortunato Aranha, em nome da Federação espírita Brasileira : *Memoria historica do Espiritismo*, commemoração do centenário de Allan-Kardec, um folheto, Rio de Janeiro, 1904 ;—do director da Bibliotheca



Nacional : *Annaes da Bibliotheca Nacional*, volumes XXIII e XXIV, Rio de Janeiro, 1901 e 1902 ;—das respectivas redacções : *Cósmos*, revista publicada no Rio de Janeiro, anno I, numero 10, Outubro de 1904 ; *O Astro*, do Ceará, *A Cidade e o Astro*, do Assú ; o *Mossoróense*, do Mossoró ; *A Republica*, *O Seculo*, o *Diario do Natal*, a *Gazeta do Commercio*, a *União e Trabalho*, organ da Loj. «Filhos da Fé», desta capital.

Os Senrs. Luiz Fernandes e Pedro Soares apresentaram a seguinte indicação : «Atendendo a que o sítio Aldeia Velha, á margem esquerda do rio Potengy, occupa exactamente o local da antiga aldeia de Ygapó, berço do valoroso Poty, conhecido na historia patria pelo nome de d. Antonio Philippe Camarão, como uma homenagem ao heroico filho do Rio Grande do Norte, indicamos que o Instituto promova por todos os meios o restabelecimento do nome antigo d'aquelle sitio, começando por solicitar do illm. sr. dr. José Mattoso Sampaio Correia, digno engenheiro chefe da commissão de obras contra as seccas no Estado, a denominação de *Igapó* á estação ou parada que, na estrada de ferro do Natal ao Ceará-mirim, houver de construir n'aquelle





logar. S. R. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, quatro de dezembro de mil novecentos e quatro—*Luiz Fernandes—P. Soares*». Posta em discussão, foi sem debate approvada e remettida por copia ao mesmo sr. dr. Sampaio Correia.

—Passando-se á ordem do dia, foi accedido socio effectivo o sr. dr. Luiz Tavares de Lyra, promotor publico da capital.

E, nada mais havendo a tratar-se, o sr. Presidente levantou a sessão, do que se lavrou a presente acta, assignada pela mesa.

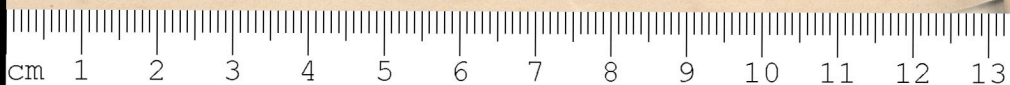
Eu, Pedro Soares de Araujo, 2º secretario, a escrevi.

OLYMPIO VITAL,
LUIZ FERNANDES,
P. SOARES.

*Acta da 53ª sessão ordinaria
do Instituto Historico e Geographico
do Rio Grande do Norte.*

*Presidencia do Exm. Sr. Dr.
Olympio Vital.*

Ás doze horas da manhã de dezoito de
Dezembro de mil novecentos e quatro, compa-



receram na séde do Instituto os senrs, Olympio Vital, presidente, Luiz Fernandes, 1º secretario, Carvalho e Souza, orador, Antonio Soares, padre Calazans e Joaquim Lourival.

O sr Presidente abriu a sessão e convidou a occupar a cadeira de 2º secretario o sr. Antonio Soares, na ausencia do sr. Pedro Soares, 2º secretario effectivo, que faltou com causa justificada. Do mesmo modo tambem faltaram os senrs. Meira e Sá, Amorim e José Correia.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o sr. 1º secretario leu uma carta do 1º secretario do Congresso Litterario «Tibiriçá de Lemos», da cidade de Belém, do Pará, communicando a eleição de sua directoria para o anno social de 1904 a 1905. Inteirado, archive-se.

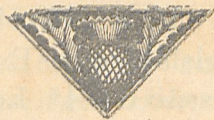
OFFERTAS: do secretario do Governo deste Estado: *Mensagem* lida perante o Congresso Legislativo do Estado, na abertura da 2ª sessão da 4ª Legislatura, a 14 de Julho de 1902, pelo Governador Alberto Maranhão;—do director da Bibliotheca Nacional: *Annaes da Bibliotheca Nacional*, do Rio de Janeiro. vol. XXV, anno de 1903;—do auctor: *Unidade da Justiça*, Congresso dos Governadores. julgamento



no Supremo Tribunal Federal, por Paranhos Montenegro, Rio de Janeiro, 1904;— das respectivas redacções : *O Mossoróense*, da cidade de Mossoró; *A Republica*, o *Diario do Natal* e a *Gazeta do Commercio*, desta capital.

Nada mais havendo a tratar-se, o sr. Presidente levantou a sessão, lavrando-se a presente acta, assignada pela mesa. Eu, Antonio Soares de Araujo, servindo de 2º secretario, a escrevi.

OLYMPIO VITAL,
LUIZ FERNANDES,
ANTONIO SOARES.



Indice do vol. VI

1908

	PAG.
I A Imprensa Periodica no Rio G do Norte.....	3
II Archivo—nº 1.....	137
III D. Antonio Philippe Camarão— ultima verba.....	143
IV Monsenhor José Paulino.....	153
V A Imprensa Periodica no Rio G. do Norte.....	165
VI Archivo—nº 2.....	213
VII Traços biographicos do Senador Pedro Velho.....	227
VIII Actas das sessões do Instituto— Setembro a Dezembro de 1904...	315

